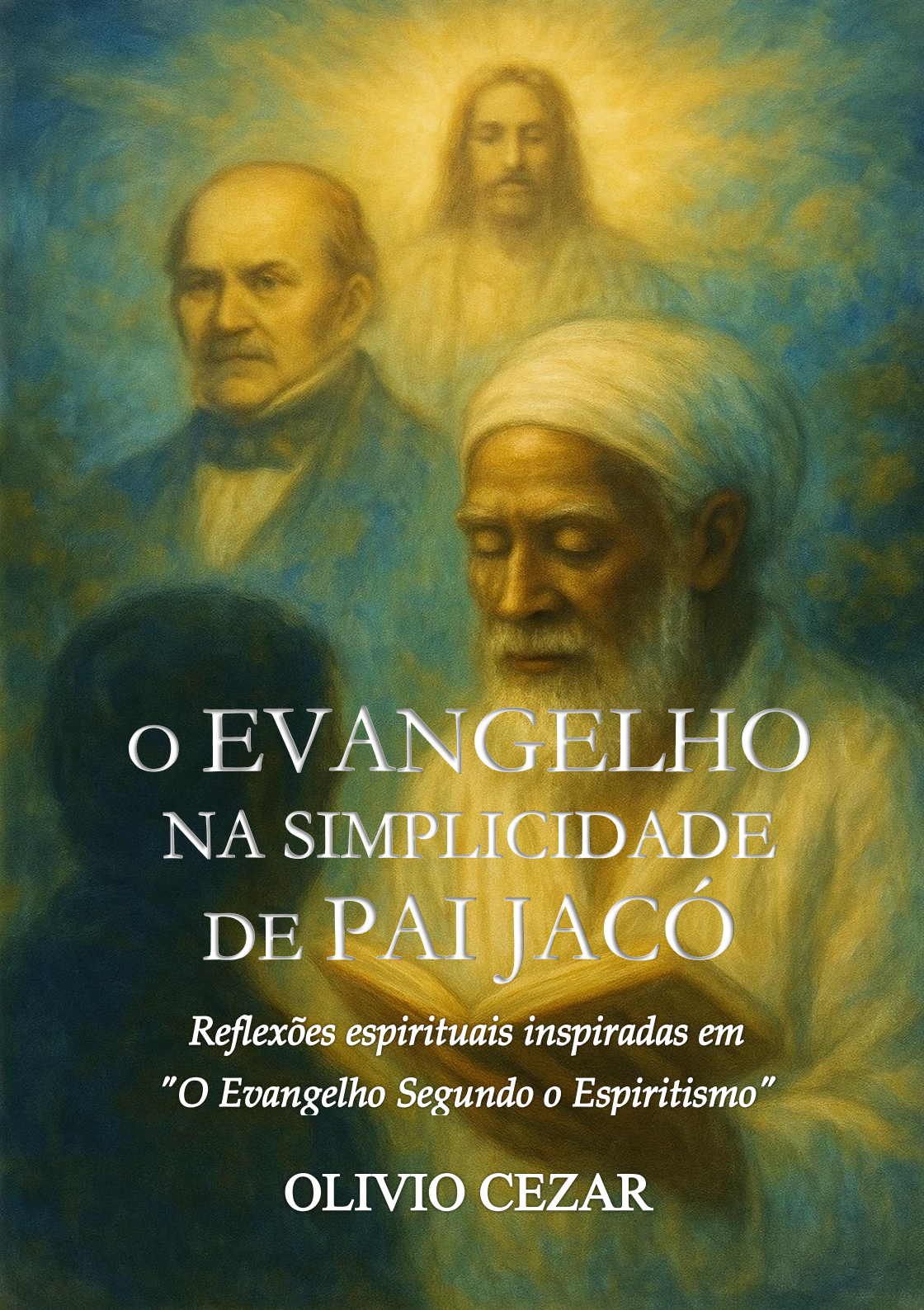


O EVANGELHO NA SIMPLICIDADE DE PAI JACÓ

Reflexões espirituais inspiradas em "O Evangelho Segundo o Espiritismo"

OLIVIO CEZAR

O EVANGELHO NA SIMPLICIDADE DE PAI JACÓ

Reflexões espirituais inspiradas em
"O Evangelho Segundo o Espiritismo"

OLIVIO CEZAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP. Brasil)
ISBN 978-65-01-76599-0 - 1ª- edição

Cezar. Olivio

O Evangelho na Simplicidade de Pai Jacó, 2025.

1. Doutrina Espírita 2. Auto ajuda 3. Desenvolvimento espiritual

Todos os direitos reservados.
Reprodução total ou de trechos deste livro serão permitidos após autorização do autor.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos que sofrem em silêncio, aos que buscam respostas com o coração simples e sincero, e aos que, mesmo tropeçando, continuam caminhando em direção à Luz.

Aos que nunca desistiram da fé — mesmo quando não sabiam mais como orar.

E a você, que agora abre estas páginas: que Pai Jacó encontre um lugarzinho em sua varanda interior e sente-se ao seu lado, como um velho amigo que veio apenas para dizer, com ternura: "*Calma, meu filho... a luz sempre chega."*

Índice

Apresentando Pai Jacó

Como usar este livro

Prefácio

Capítulo 1 - Não Vim Destruir a Lei

Capítulo 2 - Meu Reino Não É Deste Mundo

Capítulo 3 - Há Muitas Moradas

Capítulo 4 - Ninguém Pode Ver o Reino Se Não Nascer de Novo

Capítulo 5 - Bem-Aventurados os Aflitos

Capítulo 6 - O Cristo Consolador

Capítulo 7 - Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

Capítulo 8 - Bem-Aventurados os Puros de Coração

Capítulo 9 - Bem-Aventurados os Mansos e Pacíficos

Capítulo 10 - Bem-Aventurados os Misericordiosos

Capítulo 11 - Amar ao Próximo Como a Si Mesmo

Capítulo 12 - Amai aos Vossos Inimigos

Capítulo 13 - Que a Mão Esquerda Não Saiba

Capítulo 14 - Honrar Pai e Mãe

Capítulo 15 - Fora da Caridade Não Há Salvação

Capítulo 16 - Não Se Pode Servir a Deus e a Mamom

Capítulo 17 - Sede Perfeitos

Capítulo 18 - Muitos os Chamados, Poucos os Escolhidos

Capítulo 19 - A Fé Transporta Montanhas

Capítulo 20 - Os Trabalhadores da Última Hora

Capítulo 21 - Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

Capítulo 22 - Não Separeis o Que Deus Juntou

Capítulo 23 – Estranha Moral

Capítulo 24 – Não Ponhais a Candeia Debaixo do Alqueire

Capítulo 25 - Buscai e Achareis

Capítulo 26 - Dai Gratuitamente o Que Gratuitamente Recebestes

Capítulo 27 - Pedi e Obtereis

Capítulo 28 - Instruções dos Espíritos sobre as Preces

Palavras Finais de Pai Jacó

Glossário Explicado por Pai Jacó

Quem é Pai Jacó

O Autor

Apresentando Pai Jacó

Pai Jacó é um espírito de elevada sabedoria e simplicidade, um verdadeiro mestre da vida cotidiana. Ele não se destaca por títulos ou estudos formais, mas pela profundidade de sua experiência com a vida, com as pessoas e com a espiritualidade. Sua grande mestria está em **traduzir o Evangelho em palavras e gestos que qualquer pessoa pode compreender e aplicar no dia a dia**.

Ele é conhecido por sua paciência infinita, sua voz serena e sua habilidade única de transformar situações complexas em lições de amor, humildade e fé. Pai Jacó ensina pelo exemplo e pelas histórias de pessoas comuns, mostrando que **os maiores ensinamentos espirituais nascem do viver simples, do coração aberto e da prática do Bem**.

Ao longo deste livro, Pai Jacó será seu companheiro, sentado ao seu lado como um amigo próximo, guiando-o com clareza, ternura e autenticidade. Ele convida o leitor a compreender que a verdadeira sabedoria não está apenas nos livros ou na teoria, mas **no entendimento que vem do coração, na prática diária do amor e na busca constante pela luz interior**.

Com Pai Jacó, cada capítulo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* se torna uma ponte entre os ensinamentos eternos de Jesus e os desafios do nosso cotidiano. Ele nos lembra que a espiritualidade não é distante nem complicada — está **aqui, agora, em cada gesto de bondade, em cada ato de fé e em cada oportunidade de crescimento**.

Como usar este livro

Este livro foi pensado para ser **um guia prático e acessível**, que aproxima os ensinamentos de Jesus, organizados por Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, da vida cotidiana. Para aproveitá-lo ao máximo, algumas orientações podem ajudar:

1. **Leia com calma e atenção**

   Cada capítulo traz explicações de Pai Jacó seguidas de histórias reais ou simbólicas. Não há necessidade de pressa: permita-se absorver o sentido das palavras e refletir sobre as situações apresentadas.

2. **Converse com o texto**

   Sinta-se à vontade para fazer pausas, anotar pensamentos ou registrar experiências que o livro desperte em você. Pai Jacó convida o leitor a **participar da leitura como se estivesse sentado ao seu lado na varanda**, em uma conversa de coração para coração.

3. **Aplique na prática**

   As histórias e ensinamentos não existem apenas para serem lidos — elas são convites à ação. Experimente aplicar o que aprendeu no seu dia a dia, seja nas relações familiares, no trabalho ou nos momentos de reflexão pessoal.

4. **Releia sempre que necessário**

   Alguns ensinamentos se tornam mais claros com o tempo e com a experiência. Retornar aos capítulos ao longo da vida pode revelar novas compreensões e inspirar novas atitudes.

5. **Use o glossário**

No final do livro, há um glossário com termos espíritas explicados de maneira simples. Ele ajuda a compreender melhor os conceitos que podem parecer complexos à primeira leitura.

Este livro é, acima de tudo, **uma ponte entre o Evangelho, a doutrina espírita e a sua vida**. Siga as orientações de Pai Jacó com o coração aberto, e permita que cada ensinamento toque, transforme e ilumine o seu caminho.

Nunca deixe de praticar o culto do Evangelho no Lar, independente de sua crença religiosa. A mensagem de Jesus transpõe os preconceitos que os homens criaram em torno das religiões formais e pode chegar a todos os corações, bastando apenas a predisposição e a humildade para aprender e aceitar o convite do Cristo.

Prefácio

O Encontro

Era uma tarde de sábado quando cheguei à casa simples de Pai Jacó. A varanda de madeira rangia suavemente ao vento, e o cheiro de café fresco vinha da cozinha. Ele estava sentado em sua cadeira de balanço preferida, aquela que já conhecia o peso de suas reflexões e o ritmo de suas orações.

— Entre, meu filho — disse ele, antes mesmo que eu batesse à porta. — Estava te esperando.

Não me surpreendi. Pai Jacó tinha esse jeito de saber das coisas antes que elas acontecessem. Não por mediunidade ostensiva, mas por aquela intuição afinada de quem vive em sintonia com o mundo espiritual.

Sentei-me ao seu lado. O silêncio entre nós era confortável, daqueles que só existem entre pessoas que se respeitam. Finalmente, reuni coragem para fazer o pedido que me levara até ali.

— Pai Jacó, preciso de sua ajuda. Quero escrever um livro sobre "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*", mas para pessoas simples, para quem está começando. Um livro que qualquer pessoa possa entender, sem precisar de estudos avançados.

Ele sorriu, daquele jeito calmo que tinha, e tomou um gole de café.

— Meu filho, "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" já está escrito. E muito bem escrito, diga-se. Foi o próprio Kardec, com a ajuda dos bons Espíritos, quem nos deixou essa preciosidade. Por que você acha que precisa de outro?

— Não é para substituir — apressei-me em explicar. — É para... aproximar. Muita gente fica com medo do livro, acha difícil, não

sabe por onde começar. Pensei que o senhor, com sua experiência, com sua forma de explicar as coisas...

Ele balançou a cabeça devagar, olhando para o horizonte onde o sol começava a se pôr.

— Você quer que eu explique o Evangelho?

— Sim, do seu jeito. Com suas palavras. Com suas histórias.

Pai Jacó ficou em silêncio por um longo tempo. Tão longo que pensei que ele fosse recusar. Mas então, ele começou a falar, com aquela voz pausada de quem escolhe cada palavra:

— Vou te contar uma coisa, meu filho. Eu não sou homem de muitos estudos. Mal aprendi a ler, já velho. Mas a vida... ah, a vida me ensinou muito. E sabe o que ela mais me ensinou? Que as verdades mais importantes são as mais simples. Tão simples que a gente complica, de tanto tentar entender.

"*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" não é um livro difícil. A gente é que acha difícil porque tenta entender com a cabeça o que só se entende com o coração. Jesus falava com pescadores, com camponeses, com gente simples. E eles entendiam! Por quê? Porque Ele falava da vida deles, dos problemas deles, das dores deles.

Ele se virou para mim, e seus olhos tinham aquele brilho de quem guarda sabedoria:

— Se você quer mesmo fazer esse livro, não é para explicar o Evangelho. É para traduzir a vida para o Evangelho, e o Evangelho para a vida. É para mostrar que aquelas palavras, que parecem tão antigas, estão acontecendo hoje, na casa do vizinho, no nosso trabalho, nas nossas famílias.

— Então o senhor aceita? — perguntei, esperançoso.

— Aceito, mas com uma condição: eu não vou ficar inventando. Cada coisa que eu disser, cada história que eu contar, tem que ser verdade. Pode até mudar o nome das pessoas, para não expor ninguém, mas a essência tem que ser real. Porque o Evangelho é real, entende? Não é teoria. É vida vivida.

— Combinado — respondi, já tirando meu caderno da bolsa.

Pai Jacó levantou a mão:

— Calma, rapaz. Hoje não. Hoje você vai só me ouvir. Vou te explicar como penso que deve ser esse livro.

E então, enquanto a noite caía mansamente sobre aquela varanda simples, Pai Jacó começou a falar:

— Olha, cada capítulo de "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" trata de um ensinamento de Jesus. Mas não adianta só explicar o que Jesus disse. Tem que mostrar como isso funciona na prática. Como é que um homem vai amar o inimigo dele? Como é que uma mãe que perdeu um filho encontra consolo na fé? Como é que alguém que está passando necessidade entende o que é "bem-aventurado"?

Eu vou contar histórias. Histórias de gente que eu conheci, situações que eu vivi ou vi acontecer. Gente que aplicou esses ensinamentos, mesmo sem saber que estava aplicando. E gente que sofreu por não aplicar. Porque a vida é a melhor professora, meu filho. A vida e os tropeços que a gente dá nela.

— Mas e a explicação doutrinária? — perguntei. — A parte mais... teórica?

Ele deu uma risada baixa:

— Teoria? Eu, teórico? Não, meu filho. Eu vou falar do jeito que sei: simples e direto. "*Olha, Jesus disse isso aqui. O que Ele quis dizer?*

Quis dizer que..." E pronto. Sem rodeios. E se eu não souber explicar direito alguma coisa mais complicada, a gente consulta o próprio livro de Kardec, que ele explica muito bem. O que eu posso fazer é ser uma ponte, sabe? Uma ponte entre aquelas palavras bonitas e o chão que a gente pisa todo dia.

— E por onde começamos?

— Pelo começo, oras. Pelo primeiro capítulo. "*Não vim destruir a lei*". Sabe por que esse é o primeiro? Porque é o alicerce de tudo. Jesus não veio inventar coisa nova. Ele veio mostrar como viver a Lei de Deus, que sempre foi uma só: a **Lei de Amor**. E o Espiritismo também não inventou nada. Só veio explicar melhor, mostrar os porquês, tirar as superstições que os homens foram colocando em cima da verdade.

Pai Jacó se levantou e acendeu a luz da varanda. Mariposas começaram a rodear a lâmpada.

— Olha ali — ele apontou para as mariposas. — Ficam rodeando a luz, batendo nela, se machucando às vezes. Mas não desistem. Sabem que a luz é importante, mesmo que não entendam direito o porquê. É assim com a gente e a verdade espiritual. A gente fica rodeando, tropeçando, errando. Mas no fundo, lá no fundo, a alma sabe que precisa daquela luz. E vai insistindo até aprender a se aquecer nela sem se queimar.

Esse livro, meu filho, é para ajudar as pessoas a se aproximarem da luz com mais segurança. Para entenderem que não precisam se queimar para aprender. Que tem um caminho, e que esse caminho já foi mostrado. A gente só precisa ter a humildade de seguir.

Fiquei ali, ouvindo Pai Jacó por mais algum tempo, enquanto ele ia detalhando sua visão para o livro. Quando finalmente me despedi, já era noite fechada, mas eu ia com o coração leve e o caderno cheio de anotações.

Na semana seguinte, voltei. E nas semanas que se seguiram. Sempre na varanda, sempre com café, sempre com aquela paciência infinita que só os velhos sábios têm. Pai Jacó ia falando, eu ia anotando. E assim nasceu este livro.

Não é um livro de Pai Jacó. É um livro COM Pai Jacó. Ele fala, como se estivesse sentado ao seu lado, querido leitor, naquela varanda simples, te explicando com palavras de quem viveu, errou, aprendeu e, principalmente, amou.

Que este livro seja para você uma ponte, como Pai Jacó quis que fosse. Uma ponte entre os ensinamentos eternos de Jesus, tão bem organizados por Allan Kardec em "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*", e o seu dia a dia, suas dúvidas, suas dores e suas esperanças.

E agora, se você me permite, vou deixar que Pai Jacó fale diretamente com você. Acomode-se, prepare seu coração, e imagine-se naquela varanda.

Ele está esperando você.

CAPÍTULO 1
Não Vim Destruir a Lei

Voltei à casa de Pai Jacó na semana seguinte, como combinado. Ele estava no quintal, cuidando de suas roseiras. Quando me viu, limpou as mãos no avental e sorriu.

— Pronto para começar? — perguntou.

— Pronto — respondi, já com o caderno aberto.

Sentamos na varanda. Ele pediu que eu lesse o título do primeiro capítulo de "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*".

— "*Não vim destruir a lei*" — li em voz alta.

Pai Jacó assentiu devagar, como fazia sempre que ia começar a explicar algo importante.

Pai Jacó Explica

— Sabe, meu filho, essa frase de Jesus é uma das mais importantes de todo o Evangelho. E sabe por quê? Porque ela mostra que a verdade não muda. O que é certo hoje, era certo ontem, e vai ser certo amanhã.

Quando Jesus disse que não veio destruir a lei, mas cumpri-la, Ele estava dizendo algo muito simples: **as leis de Deus sempre existiram**. O que Ele veio fazer foi mostrar o jeito certo de viver essas leis. Não com medo, não por obrigação, mas por amor.

Olha, as pessoas naquela época achavam que seguir a lei de Deus era cumprir um monte de rituais, de regras complicadas. Não podia fazer isso, tinha que fazer aquilo, senão Deus ia castigar. Mas Jesus mostrou que não é nada disso. A lei de Deus é simples. Tão simples

que cabe em duas frases: **amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo**.

— Mas Pai Jacó — interrompi — e todas aquelas leis antigas, os mandamentos, as proibições?

— Ah, meu filho, é aí que está! Jesus não destruiu nada disso. Ele mostrou que tudo aquilo tinha um motivo, e o motivo era o amor. Não matar? É por amor à vida. Não roubar? É por amor ao direito do outro. Não mentir? É por amor à verdade. Honrar pai e mãe? É por amor e gratidão.

O problema é que os homens tinham esquecido o motivo. Seguiam as regras por medo do castigo, não por amor ao bem. E Jesus veio lembrar: "*Olha, a lei é para ajudar vocês a serem melhores, não para prender vocês*".

Ele ficou quieto por um momento, olhando para o horizonte.

— E sabe o que o Espiritismo veio fazer? A mesma coisa. Não destruiu nada do que Jesus ensinou. Só veio explicar melhor, tirar a poeira, mostrar os porquês que muita gente não entendia. Por que existe o sofrimento? Por que uns nascem ricos e outros pobres? Por que pessoas boas sofrem?

O Espiritismo não inventou essas respostas. Elas já estavam no Evangelho, mas precisavam ser reveladas. Porque a humanidade estava pronta para entender melhor. É como uma criança: você não explica certas coisas para ela quando é pequenininha. Mas quando cresce, você explica, e ela entende.

A lei é uma só: a **Lei de Amor**. Jesus não destruiu, cumpriu. O Espiritismo não destruiu, esclareceu. E nós? Nós não precisamos inventar nada novo. **Só precisamos viver essa lei**.

A História do Fazendeiro e as Cercas

Pai Jacó se espreguiçou na cadeira e começou:

— Deixa eu te contar uma história que aconteceu aqui perto, faz uns vinte anos.

Tinha um fazendeiro, seu Malaquias, homem trabalhador, dono de uma propriedade que herdou do pai. A fazenda tinha umas cercas antigas, daquelas de madeira, que o avô dele tinha feito. Eram cercas fortes, bem-feitas, mas antigas.

Um dia, o filho de seu Malaquias voltou da cidade, cheio de ideias novas. Tinha estudado agronomia e vinha com aquelas modernidades todas. Chegou dizendo:

— Pai, essas cercas estão velhas. Vamos derrubar tudo e fazer cerca de arame. É mais barato, mais rápido, mais moderno.

Seu Malaquias olhou para o filho e disse:

— Meu filho, antes de derrubar qualquer cerca, você precisa entender por que ela foi colocada ali.

O rapaz ficou impaciente:

— Ora pai, isso é coisa antiga! O senhor está preso ao passado!

Mas seu Malaquias insistiu:

— Me faça um favor. Durante um mês, observe essas cercas. Veja onde elas estão, como elas foram feitas, o que elas protegem.

O filho, meio contrariado, aceitou. E começou a observar. Percebeu que uma cerca específica protegia uma nascente. Outra direcionava o

vento forte para não atingir as mudas novas. Outra ainda impedia que o gado pisoteasse um caminho natural das águas da chuva.

As cercas antigas tinham um propósito. Cada uma delas tinha sido colocada ali por uma razão. O avô não era tolo. Ele conhecia aquela terra, sabia dos seus desafios.

No fim do mês, o filho voltou para o pai:

— O senhor tinha razão. Essas cercas são sábias. Mas algumas estão mesmo velhas e precisam ser trocadas. Posso substituí-las, mantendo o mesmo lugar e a mesma função?

Seu Malaquias sorriu:

— Agora sim, meu filho. Você entendeu. Não é para destruir o que é bom. É para melhorar, para fortalecer, para adaptar quando necessário. Mas sempre respeitando a sabedoria que veio antes.

Pai Jacó me olhou:

— É isso que Jesus fez. Ele não destruiu as cercas da Lei. Ele mostrou por que elas existiam. E quando algumas estavam tortas, enferrujadas pelo mau uso dos homens, Ele consertou, colocou no lugar certo. Mas o princípio? O princípio continuou o mesmo: proteger, organizar, permitir que a vida flua do jeito certo.

E é isso que o Espiritismo faz também. Não destrói o Cristianismo. Fortalece ele. Explica ele. Tira a ferrugem das interpretações erradas. Mas a cerca? A cerca continua sendo a mesma Lei de Amor que sempre foi.

Para Refletir

Pai Jacó encerrou aquele dia com algumas perguntas que me deixou:

— Meu filho, quando você quer mudar alguma coisa na sua vida, você primeiro entende por que ela está daquela forma? Ou você simplesmente derruba tudo e recomeça?

A sabedoria não é destruir o antigo. É entender o antigo tão bem que você sabe o que deve permanecer e o que deve ser renovado.

Jesus não destruiu. Cumpriu.

O Espiritismo não destruiu. Esclareceu.

E você? O que vai fazer com os ensinamentos que recebe?

Vai destruir por achar que sabe mais? Ou vai compreender profundamente para viver melhor?

Fiquei em silêncio, anotando tudo. Pai Jacó se levantou:

— Por hoje chega. Deixa essas ideias assentarem no coração. Semana que vem a gente continua.

E assim terminou nosso primeiro encontro sobre "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*".

CAPÍTULO 2
Meu Reino Não É Deste Mundo

Na semana seguinte, cheguei à casa de Pai Jacó no meio da tarde. Ele estava sentado na varanda, com uma xícara de chá nas mãos, observando as nuvens passarem.

— Senta aqui, meu filho — disse ele, apontando para a cadeira ao lado. — Hoje vamos falar de uma coisa que confunde muita gente.

— Qual? — perguntei, abrindo meu caderno.

— O reino que não é deste mundo.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó tomou um gole do chá e começou:

— Quando Jesus disse a Pilatos que Seu reino não era deste mundo, muita gente entendeu errado. Alguns pensaram que Ele estava dizendo para a gente desprezar a vida, não se importar com nada daqui, só ficar esperando morrer para ir para o céu. Outros acharam que Jesus estava falando de um lugar longe, distante, que a gente nunca ia ver.

Mas não é nada disso, meu filho.

O reino de Deus não é um lugar. É um estado. É uma condição da alma. **É quando você vive com amor, com paz, com justiça no coração**. Pode estar aqui na Terra mesmo, fazendo suas coisas do dia a dia, mas vivendo com o coração no reino de Deus.

— Mas Pai Jacó — interrompi — se não é um lugar, o que Jesus quis dizer?

— Olha, Jesus estava mostrando que existem dois tipos de valores: os valores do mundo e os valores do espírito. Os valores do mundo são passageiros: dinheiro, poder, fama, aparência. Hoje você tem, amanhã pode perder. E quando perde, se era só isso que você tinha, fica vazio.

Já os valores do espírito são eternos: o amor que você dá, o bem que você faz, o conhecimento que você adquire, a bondade que você cultiva. Isso ninguém tira de você. Isso você leva quando parte deste mundo. Isso é o seu reino verdadeiro.

Ele apontou para a casa simples ao redor:

— Olha este lugar. Não é grande, não é luxuoso. Mas é meu. E sabe o que eu aprendi? Que posso ter pouco aqui e ser rico no espírito. Ou posso ter muito aqui e ser pobre na alma. **A questão não é ter ou não ter. A questão é onde está o seu coração.**

Jesus não disse para você abandonar tudo e virar mendigo. Ele disse para você não fazer dessas coisas materiais o seu reino, o seu objetivo final. Trabalhe, sim. Tenha suas coisas, sim. Mas não seja escravo delas. Não ponha o coração delas.

— E como a gente faz isso na prática? — perguntei.

— Ah, meu filho, é simples de falar, difícil de fazer. É você perguntar todo dia: "*O que eu estou buscando? O que eu quero de verdade?*" Se a resposta for só coisas materiais, você está construindo seu reino na areia. Mas se for paz, amor, evolução, conhecimento, então você está construindo na rocha.

O Espiritismo veio mostrar isso com todas as letras: **você não é deste mundo, você está neste mundo**. Por um tempo. Você é um espírito eterno, vivendo uma experiência temporária. E essa experiência é para você aprender, crescer, melhorar. **As coisas materiais são ferramentas, não objetivos**.

A História da Caixa Vazia de Dona Sebastiana

Pai Jacó se ajeitou na cadeira e começou:

— Deixa eu te contar sobre Dona Sebastiana. Era uma mulher que morava aqui perto, lá pelos anos 50. Família rica, das antigas. Tinha casarão, terras, joias, tudo do bom e do melhor.

Mas Dona Sebastiana tinha um problema: ela vivia em função dessas coisas. Acordava pensando nos bens, dormia preocupada com os bens. Desconfiava de todo mundo, achando que queriam roubar dela. Não tinha amigos, porque não confiava em ninguém. Não ajudava ninguém, porque tinha medo de perder o que era dela.

O marido morreu cedo, os filhos se afastaram, cansados daquela vida de desconfiança. E Dona Sebastiana ficou sozinha no casarão, cercada de coisas valiosas, mas sem ninguém para amar ou para ser amada.

Um dia, a casa pegou fogo. Não foi nada grave, mas o suficiente para assustar. Dona Sebastiana correu para salvar o que podia. E sabe o que ela pegou? Uma caixa de madeira que guardava no quarto.

Os vizinhos ajudaram a apagar o fogo. Quando tudo passou, alguém perguntou:

— Dona Sebastiana, o que tem nessa caixa que a senhora salvou?

Ela abriu. E sabe o que tinha? Nada. A caixa estava vazia.

— Vazia? — perguntei, surpreso.

— Vazia — confirmou Pai Jacó. — Ela tinha guardado ali, anos atrás, umas joias da mãe. Mas com o tempo, foi vendendo tudo, peça por peça, para manter as aparências de riqueza. Só que continuou

fingindo que a caixa estava cheia, porque era isso que lhe dava importância.

No desespero do fogo, ela correu para salvar a caixa, mas a caixa não tinha nada. Todo aquele apego, toda aquela preocupação, era por algo que nem existia mais.

Pai Jacó me olhou com aquele jeito sério dele:

— Sabe o que aconteceu depois? Dona Sebastiana teve uma crise. Chorou dias seguidos. Mas foi bom, porque foi o choque que ela precisava. Percebeu que tinha desperdiçado a vida inteira cuidando de coisas, e no fim, as coisas não significavam nada.

Ela mudou. Começou a abrir a casa, a receber pessoas, a ajudar quem precisava. Vendeu parte das terras e usou o dinheiro para construir uma escola para crianças pobres. Reencontrou os filhos. Nos últimos anos de vida, era outra pessoa. Pobre de bens, mas rica de amor.

Quando ela morreu, muita gente foi ao enterro. Gente simples, que ela tinha ajudado. E eu me lembro de um menino dizendo: "*Ela era rica de verdade, porque enriqueceu a vida de muita gente*".

— É isso que Jesus quis dizer? — perguntei.

— É isso — confirmou Pai Jacó. — O reino de Deus não é uma caixa de joias que você guarda. É o amor que você dá, é o bem que você faz, é a paz que você conquista. Isso ninguém rouba, o fogo não queima, a traça não rói. Isso é eterno.

Dona Sebastiana passou a vida toda guardando uma caixa vazia, achando que aquilo era seu reino. Mas quando descobriu que o reino verdadeiro estava nas pessoas, no amor, na partilha, ela encontrou uma riqueza que nunca tinha conhecido.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto por um momento, depois perguntou:

— E você, meu filho? Que caixas vazias você está guardando? Que coisas você acha que são importantes, mas que no final não vão significar nada?

O reino de Deus está dentro de você. Não depende do que você tem, mas do que você é.

Você pode estar no palácio ou na cabana, mas se tem amor no coração, paz na consciência, bondade nas ações, você está no reino de Deus.

E pode estar cercado de riquezas, mas se tem o coração vazio, cheio de medo, de apego, de egoísmo, você está longe desse reino.

Jesus disse: "*Meu reino não é deste mundo*". Ele não disse que você não pode estar neste mundo. Disse apenas que seu reino, seu objetivo, seu tesouro verdadeiro não pode depender das coisas deste mundo.

Porque tudo aqui passa. Mas o que você constrói no espírito, isso é eterno.

Quando me despedi naquele dia, Pai Jacó ficou na varanda, olhando o pôr do sol. Pensei em Dona Sebastiana e sua caixa vazia. E me perguntei: quantas caixas vazias eu estava guardando na minha própria vida?

CAPÍTULO 3
Há Muitas Moradas na Casa de Meu Pai

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã ensolarada. Ele estava regando as plantas, assobiando baixinho uma melodia que não consegui identificar.

— Bom dia, Pai Jacó!

— Bom dia, meu filho! — respondeu ele, desligando a mangueira. — Hoje vamos falar de uma das coisas mais bonitas que Jesus disse. Vem, senta aqui.

Acomodamo-nos na varanda, e ele começou sem mais delongas.

Pai Jacó Explica

— "*Na casa de meu Pai há muitas moradas*" — Pai Jacó recitou de memória. — Você já parou para pensar no que Jesus quis dizer com isso?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Jesus estava mostrando algo muito importante: **que não somos todos iguais em termos de evolução espiritual**. E que isso é natural, é parte do plano de Deus.

Olha, imagina uma escola. Você tem alunos no primeiro ano, no quinto, no décimo. Todos são alunos, todos estão estudando, mas cada um está num nível diferente. E isso não é problema! O que está no primeiro ano não é pior que o que está no décimo. Ele só está começando, só isso.

Assim é com os espíritos. Nós somos todos filhos de Deus, todos caminhando para a perfeição, mas cada um está num degrau diferente dessa escada. E sabe o que é mais bonito? Que tem espaço

para todos. "*Muitas moradas*" quer dizer que ninguém fica de fora. Cada um tem seu lugar, de acordo com o que conquistou, com o que aprendeu.

— Mas Pai Jacó — perguntei — então o céu tem divisões? Uns ficam em lugares melhores que outros?

— Não é bem assim, meu filho. Não é que Deus separa as pessoas. **São as próprias pessoas que se colocam nos lugares de acordo com o que são**. É como água procurando seu nível.

Vou te explicar melhor: imagine que você entra numa sala cheia de professores universitários discutindo física quântica. Se você não estudou isso, você vai se sentir perdido, não vai? Não é que eles não querem você ali. É que você não tem preparo para acompanhar.

Agora imagina que você entra numa sala onde estão discutindo coisas do seu nível, do seu interesse. Aí você fica à vontade, participa, aprende, cresce.

No mundo espiritual é assim. **Cada espírito, depois que desencarna, vai naturalmente para o ambiente que corresponde ao seu estado moral e intelectual**. Os espíritos mais elevados vivem em esferas de mais luz, mais paz, mais amor. Os espíritos ainda muito atrasados vivem em esferas mais densas, mais sombrias.

— Isso é eterno? — perguntei.

— Não! — Pai Jacó foi enfático. — Aí é que está a beleza! As moradas não são prisões. **São estágios. Você pode progredir**. E quando você progride aqui na Terra, vivendo bem, amando, aprendendo, você sobe de morada. É como passar de ano na escola.

E tem mais: a Terra também é uma dessas moradas. **A Terra é um mundo de provas e expiações**, uma escola para espíritos que ainda têm muito que aprender. Mas existem mundos mais atrasados que a

Terra e mundos muito mais evoluídos. Todos na casa do Pai. Todas são moradas provisórias, porque a gente não para nunca de evoluir.

O Espiritismo veio explicar isso direitinho. Mostrou que o universo é uma grande escola com muitas salas de aula. E que todos nós vamos passar por essas salas, subindo, aprendendo, melhorando, até chegar à perfeição.

A História dos Degraus da Escada

Pai Jacó se levantou e me pediu para acompanhá-lo até o quintal. Parou na frente de uma escada de madeira que levava a um puxadinho nos fundos.

— Vou te contar uma coisa que aconteceu com meu neto, o Pedrinho, quando ele tinha uns cinco anos.

Um dia ele veio aqui em casa e ficou olhando para essa escada. Tinha uns brinquedos lá em cima que ele queria pegar. Mas ele era pequeno, e a escada parecia enorme. Ele olhou para mim e disse:

— Vovô, não consigo subir. É muito alto.

Eu me agachei do lado dele e disse:

— Pedrinho, você não precisa chegar lá em cima de uma vez. Você só precisa subir um degrau.

Ele olhou para o primeiro degrau e disse:

— Esse eu consigo.

E subiu. Quando chegou lá, falei:

— Muito bem! Agora olha o próximo degrau. Consegue?

— Consigo!

E assim foi. Degrau por degrau. Quando percebeu, estava lá em cima, com os brinquedos na mão, todo orgulhoso.

Pai Jacó voltou para a varanda comigo:

— É assim com a evolução espiritual, meu filho. Você olha para os espíritos muito elevados, santos, sábios, e pensa: "*Nunca vou chegar lá*". Mas não é para olhar lá em cima. É para olhar o próximo degrau. Consegue ser um pouco melhor hoje do que foi ontem? Consegue amar um pouco mais? Perdoar um pouco mais? Aprender um pouco mais?

Se consegue, suba esse degrau. Amanhã você sobe o próximo. E quando você olhar para trás, vai ver que já subiu uma escada inteira sem perceber.

As muitas moradas são os degraus dessa escada. Você está num degrau agora. Pode estar num degrau baixo, médio ou alto. Não importa. **O que importa é que você está subindo**.

E sabe o que é mais bonito? **Que os que estão nos degraus de cima não ficam lá parados. Eles descem para ajudar quem está embaixo**. São os espíritos superiores, os mentores, os guias. Eles já poderiam estar descansando nas moradas de luz, mas voltam, reencarnam, ou atuam do plano espiritual, para ajudar os irmãos menores.

Jesus disse que há muitas moradas para dar esperança. Para mostrar que tem lugar para todos, em qualquer estágio que estejam. E para mostrar que sempre tem um degrau acima esperando por você.

— E quem para de subir? — perguntei.

— Ah, meu filho, aí é que está. **Ninguém estaciona para sempre**. Pode demorar, pode descansar num degrau, pode até escorregar e descer alguns degraus. Mas mais cedo ou mais tarde, a alma sente que precisa subir. **É uma lei da vida**. É como água que procura sempre descer, mas o espírito, esse procura sempre subir. **Para a luz, para o amor, para Deus.**

Para Refletir

Pai Jacó me olhou com aquela serenidade dele:

— Agora me diz: em que degrau você acha que está? E o que você está fazendo para subir o próximo?

Não precisa se comparar com ninguém. Não precisa ter inveja de quem está mais alto, nem ter orgulho de quem está mais baixo. Cada um no seu degrau, cada um no seu tempo.

O importante é não parar. O importante é olhar para cima e dizer: "*Eu quero ir mais alto. Eu quero ser melhor*".

E quando você sobe um degrau, não se esqueça de estender a mão para quem está atrás. Porque é assim que funciona na casa do Pai. Ninguém sobe sozinho. A gente sobe ajudando e sendo ajudado.

Há muitas moradas. E todas elas estão esperando por você. Basta você querer caminhar.

Quando saí dali, olhei para a escada no quintal de Pai Jacó. Simples, de madeira, com seus degraus gastos pelo tempo. Mas que guardava uma lição tão profunda quanto o universo.

CAPÍTULO 4
Ninguém Pode Ver o Reino de Deus Se Não Nascer de Novo

Era uma tarde fresca quando voltei à casa de Pai Jacó. Ele estava sentado na varanda, folheando um livro antigo. Quando me viu, fechou o livro e sorriu.

— Hoje vamos falar de uma coisa que muita gente tem dificuldade de aceitar — disse ele, antes mesmo que eu perguntasse.

— Reencarnação? — arrisquei.

— Isso mesmo. Nascer de novo.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó se ajeitou na cadeira e começou:

— Quando Jesus disse a Nicodemos que era preciso nascer de novo para ver o reino de Deus, Nicodemos ficou confuso. Perguntou: "*Como pode um homem nascer sendo já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer*?"

E sabe o que Jesus respondeu? Que era preciso nascer da água e do espírito. Nascemos da água quando nascemos no corpo físico, da carne. E nascemos do espírito quando compreendemos as verdades espirituais. Mas Jesus estava falando também de algo mais profundo: **que a gente precisa voltar, viver outras vidas, outras experiências, para evoluir**.

— Mas Pai Jacó — interrompi — muita gente diz que a gente vive uma vez só.

— Eu sei, meu filho. E por muito tempo os homens acreditaram nisso. Mas pensa comigo: **seria justo**? Uma pessoa nasce rica, saudável, em família boa, e vive feliz. Outra nasce pobre, doente, em meio ao sofrimento. **Se fosse uma vida só, onde estaria a justiça de Deus?**

Mas quando a gente entende que já vivemos antes e vamos viver depois, tudo faz sentido. Aquele que nasce em situação difícil pode estar resgatando erros do passado, ou escolheu aquela prova para crescer mais rápido. E aquele que nasce em situação boa, pode estar colhendo o que plantou de bom em vidas anteriores, ou tem uma missão diferente a cumprir.

A reencarnação não é castigo. **É oportunidade**. É a chance de consertar o que fizemos errado, de aprender o que ainda não sabemos, **de amar melhor do que amamos antes**.

Ele fez uma pausa e continuou:

— Sabe por que a reencarnação faz tanto sentido? Porque explica tudo que parecia injusto. Por que crianças sofrem? Por que pessoas boas passam por dificuldades? Por que nascemos com talentos diferentes? Tudo isso tem explicação quando entendemos que a vida não começa no berço e não termina no túmulo.

O Espiritismo veio resgatar essa verdade. Mostrou que Jesus falou disso, que era aceito pelos primeiros cristãos, mas que foi esquecido com o tempo. E mais: explicou como funciona, por que acontece, qual o objetivo.

A gente reencarna para evoluir. Simples assim. Cada vida é uma aula. Cada experiência é um aprendizado. E a gente volta quantas vezes for preciso, até aprender tudo que precisa aprender.

— E a gente lembra-se das vidas passadas? — perguntei.

— Normalmente não. E isso é uma misericórdia de Deus. Imagina se você se lembrasse de tudo que fez de errado? De todas as pessoas que você magoou? Seria um peso muito grande. Deus, na Sua bondade, nos deixa recomeçar com a memória limpa, mas a consciência guarda tudo. Por isso tem gente que tem medos sem explicação, ou facilidade para certas coisas, ou atração por determinados lugares. São marcas das vidas passadas.

O importante não é lembrar. É aproveitar a vida de agora. Porque essa aqui, essa que você está vivendo, é a que importa neste momento. É nela que você vai crescer, é nela que você pode se transformar.

A História do Aluno que Reprovou

Pai Jacó olhou para o horizonte e começou:

— Vou te contar sobre um rapaz que eu conheci, chamado Augusto. Ele tinha uns vinte e poucos anos quando o conheci, lá pelos anos 70.

Augusto era revoltado com a vida. Tinha nascido com um problema sério na perna, que o fazia mancar. Não conseguia jogar bola como os amigos, não podia dançar direito, vivia com dores. E ele culpava Deus por isso.

— Por que eu? — ele perguntava. — O que eu fiz para merecer isso?

Um dia, ele foi numa reunião espírita. Só foi porque a mãe insistiu muito. Lá, escutou sobre reencarnação pela primeira vez. E aquilo mexeu com ele.

Depois da reunião, ele procurou o dirigente e perguntou:

— O senhor acha que eu tenho esse problema por causa de uma vida passada?

O dirigente, homem sábio, respondeu:

— Não sei, meu filho. Pode ser. Mas mesmo que seja, o importante não é o porquê. É o que você vai fazer com isso agora.

Augusto começou a estudar o Espiritismo. E quanto mais estudava, mais entendia. Começou a ver sua limitação física não como castigo, mas como oportunidade. Oportunidade de desenvolver paciência, de aprender humildade, de valorizar outras coisas que não o corpo.

Um dia ele me disse algo que nunca esqueci:

— Pai Jacó, eu entendi. Sabe quando você reprova num ano da escola? Você não fica triste para sempre, não é? Você estuda e faz de novo. Pode até ficar chateado no começo, mas depois vê que foi bom, porque você aprendeu melhor.

Eu acho que na minha vida passada eu "reprovei" em alguma coisa. Pode ter sido orgulho, pode ter sido vaidade com o corpo, pode ter sido outra coisa. Não sei. Mas agora eu tenho a chance de fazer diferente. De aprender o que não aprendi antes.

E sabe o que ele fez? Augusto se tornou fisioterapeuta. Dedicou a vida a ajudar outras pessoas com problemas físicos. Ele dizia que ninguém entendia melhor a dor de quem tem limitação do que quem vive com limitação.

Casou, teve filhos, viveu uma vida plena. A perna? Continuou do mesmo jeito. Mas o coração dele mudou completamente. De revoltado, virou grato. Grato pela oportunidade de aprender, de crescer, de ajudar.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? **Não é sobre a vida passada. É sobre o que você faz com a vida presente**. Augusto podia ter ficado amargurado para

sempre, culpando Deus, culpando o destino. Mas ele escolheu entender, aceitar e transformar.

A reencarnação não é desculpa para os problemas. É explicação que traz consolo e, mais importante, que traz responsabilidade. Porque se você sabe que vai voltar, você toma cuidado com o que faz hoje. Sabe que vai colher amanhã o que planta hoje.

— E ele ainda está vivo? — perguntei.

— Não, já desencarnou. Mas eu tenho certeza de uma coisa: ele foi para o plano espiritual muito melhor do que chegou aqui. E quando retornar, vai voltar com mais luz, mais conhecimento. Porque aproveitou a aula. Não ficou brigando com o professor, não ficou reclamando da escola. Ele estudou, aprendeu, passou de ano.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Meu filho, você não precisa acreditar em reencarnação para ser boa pessoa. Tem muita gente que não acredita e vive muito bem. Mas acreditar em reencarnação muda alguma coisa.

Muda porque você entende que nada é por acaso. **Que as pessoas que estão na sua vida estão por algum motivo. Que os desafios que você enfrenta são aulas, não castigos**. Que você é responsável pelo seu futuro, não só nesta vida, mas nas próximas.

E muda porque tira aquele peso de achar que Deus é injusto. Deus não é injusto. Deus é tão justo que nos dá infinitas chances de acertar. Uma vida não basta? Volta. Duas não bastam? Volta de novo. Quantas forem necessárias até você aprender.

Jesus disse: "*Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo*". Porque uma vida só é muito pouco para a alma evoluir. É como querer aprender tudo numa aula só. Não dá.

Mas quando você entende que tem muitas aulas pela frente, você fica mais calmo. Não precisa aprender tudo hoje. Não precisa ser perfeito agora. **Só precisa estar melhor do que ontem. E continuar melhorando.**

Quando me despedi naquele dia, pensei em Augusto. Em como uma compreensão mudou toda uma vida. E me perguntei: quantas aulas eu já tive? E quanto ainda tenho que aprender?

Pai Jacó ficou na varanda, acenando. E eu sabia que voltaria na semana seguinte, para mais uma lição daquele velho sábio.

CAPÍTULO 5
Bem-Aventurados os Aflitos

Quando cheguei à casa de Pai Jacó naquela semana, encontrei-o mais quieto que o normal. Estava sentado na varanda, olhando para o céu nublado.

— Tudo bem, Pai Jacó? — perguntei, preocupado.

— Tudo bem, meu filho. Só estava pensando no tema de hoje. É um dos mais difíceis de explicar, mas também um dos mais importantes.

— Qual é?

— Bem-aventurados os aflitos.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó respirou fundo antes de começar:

— Sabe, meu filho, quando Jesus disse "*Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados*", muita gente não entendeu. Alguns pensaram que Ele estava dizendo que o sofrimento é bom, que a gente tem que sofrer para agradar a Deus. Outros acharam que era só uma promessa vazia, um consolo barato.

Mas não é nada disso.

Jesus não disse que o sofrimento é bom em si. Ele disse que os que sofrem são bem-aventurados porque receberão consolo. E qual é esse consolo? É a compreensão. É entender o porquê do sofrimento. É saber que não é castigo, mas sim uma ferramenta de crescimento.

Olha, ninguém gosta de sofrer. E Deus não quer que a gente sofra por sofrer. Mas neste mundo imperfeito, onde ainda somos espíritos imperfeitos, o sofrimento existe. E ele tem um propósito.

— Que propósito? — perguntei.

— O sofrimento serve para três coisas principais, meu filho.

Primeira: é consequência dos nossos próprios erros. Se você põe a mão no fogo, queima. Se você vive de forma errada, colhe sofrimento. Isso não é castigo de Deus, é lei natural.

Segunda: é expiação. Às vezes o sofrimento vem para limpar erros de vidas passadas. É como pagar uma dívida. Não é agradável, mas é necessário. E quando você paga com paciência, com resignação, sem revolta, você quita a dívida e fica livre.

Terceira: é prova. Às vezes o sofrimento não é por causa de erro nenhum. É uma prova para você mostrar do que é capaz. Para você desenvolver forças que não sabia que tinha. Paciência, fé, amor, perdão. Essas coisas só crescem quando são testadas.

Pai Jacó fez uma pausa:

— O consolo que Jesus promete não é acabar com o sofrimento de repente. É dar compreensão. É mostrar que aquilo tem sentido. É dar força para suportar. É garantir que depois da tempestade vem a bonança.

O Espiritismo trouxe esse consolo de forma muito clara. Explicou que nada é eterno, que o sofrimento passa, que ele tem razão de ser. E mais: mostrou que do outro lado, no plano espiritual, a gente entende tudo melhor. E que mesmo aqui, quando a gente compreende, o sofrimento fica mais leve.

— Mas Pai Jacó — perguntei — e quem sofre muito? Quem perde tudo? Quem perde filhos, saúde, tudo?

— Ah, meu filho, essas são as provas mais duras. Mas sabe o que eu aprendi? Que as provas mais duras vêm para os espíritos mais fortes.

Deus não dá a uma criança um peso que só um adulto consegue carregar. Se você está passando por algo muito difícil, é porque sua alma tem força para suportar. Pode não parecer, mas tem.

E o consolo vem. Às vezes vem através da fé, que dá paz. Às vezes vem através da compreensão, que dá sentido. Às vezes vem através do amor de outras pessoas, que amparam. Mas sempre vem, para quem busca com o coração aberto.

A História da Tempestade que Trouxe a Colheita

Pai Jacó se mexeu na cadeira e começou:

— Vou te contar sobre uma família que eu conheci há muitos anos. Eram lavradores, gente simples e trabalhadora. Seu Benedito, dona Maria e os quatro filhos.

Um ano, eles plantaram toda a safra com muito suor. Milho, feijão, mandioca. Era tudo que tinham. Dependiam daquela colheita para viver o ano inteiro.

Quando as plantas estavam quase prontas para colher, veio uma tempestade terrível. Chuva, vento, trovoada. Durou dois dias. Quando passou, seu Benedito foi ver a plantação.

Estava tudo destruído. Tudo. Anos de trabalho, as economias todas investidas, a esperança da família. Tudo perdido.

Dona Maria conta que quando o marido voltou do roçado, ele não disse nada. Sentou-se na cozinha e chorou. Um homem forte, de mãos calejadas, que nunca chorava, ali estava, derrotado.

Os dias seguintes foram terríveis. Sem comida, sem dinheiro, sem perspectiva. As crianças com fome. Os vizinhos ajudavam como podiam, mas eles também eram pobres.

Seu Benedito caiu numa tristeza profunda. Não queria sair de casa, não queria falar com ninguém. Dona Maria estava desesperada, não sabia o que fazer.

Foi quando apareceu na casa deles um senhor idoso. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo. Pediu um copo d'água. Dona Maria deu. Ele ficou conversando um pouco, e de repente disse para seu Benedito:

— Meu amigo, eu sei que perdeu tudo. Mas me responda uma coisa: você ainda tem a terra?

Seu Benedito disse que sim.

— E tem as mãos?

Sim.

— E tem a família?

Sim.

— Então não perdeu tudo. Perdeu uma safra. Uma safra! Mas tem outra vindo. Sempre tem outra vindo.

O velho foi embora e ninguém mais o viu. Mas aquelas palavras ficaram. Seu Benedito pensou nelas a noite toda.

No dia seguinte, ele acordou diferente. Chamou os filhos e disse:

— Vamos recomeçar.

E recomeçaram. Com a ajuda de vizinhos, conseguiram algumas sementes emprestadas. Plantaram de novo. Trabalharam dobrado. E aquela safra seguinte foi a melhor que já tinham tido.

Mas não foi só isso. A tragédia tinha unido a família de um jeito que nunca tinha acontecido. Os filhos, que antes reclamavam do trabalho, agora trabalhavam com garra. Dona Maria, que sempre foi quieta, descobriu uma força que não sabia que tinha. E seu Benedito aprendeu algo precioso: que a gente pode perder tudo, mas se não perder a fé e a família, pode recomeçar sempre.

Pai Jacó me olhou:

— Anos depois, eu encontrei seu Benedito numa festa da igreja. Ele me disse: "*Pai Jacó, eu agradeço àquela tempestade. Se não fosse ela, eu nunca teria aprendido o que aprendi. Nunca teria crescido como cresci. Nunca teria valorizado o que realmente importa*".

Vê, meu filho? A aflição dele foi terrível. Real. Dolorosa. Mas ela trouxe consolo depois. Trouxe compreensão, trouxe força, trouxe união. E trouxe gratidão.

Bem-aventurados os aflitos, não porque o sofrimento é bom, mas porque quem sofre e aprende com o sofrimento sai mais forte, mais sábio, mais próximo de Deus.

— E o velho que apareceu? — perguntei. — Quem era?

Pai Jacó sorriu daquele jeito misterioso dele:

— Quem sabe? Pode ter sido um espírito missionário. Pode ter sido um anjo. Pode ter sido Jesus mesmo, que gosta de aparecer disfarçado para os que precisam. O que importa é que veio na hora certa, com a palavra certa. Porque Deus nunca abandona os que sofrem. Ele sempre manda consolo.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, depois disse:

— Meu filho, talvez você esteja passando por uma tempestade agora. Talvez tenha perdido algo importante. Talvez esteja sofrendo.

Se for o caso, eu não vou te dizer que é fácil. Não vou te dizer para não sofrer. Você tem o direito de sentir sua dor.

Mas eu vou te dizer isso: a tempestade passa. Sempre passa. E quando passar, você vai estar mais forte. Você vai ter aprendido coisas que não aprenderia na bonança. Você vai ter crescido.

Os aflitos são bem-aventurados porque o sofrimento, quando bem vivido, quando enfrentado com fé e compreensão, transforma a alma. Purifica. Fortalece. Eleva.

Você ainda tem a terra? Ainda tem as mãos? Ainda tem quem te ama? Então não perdeu tudo. E pode recomeçar.

O consolo virá. Jesus prometeu. E Jesus não mente.

Quando saí da casa de Pai Jacó naquele dia, as nuvens tinham se aberto e o sol brilhava. Pensei em seu Benedito, na tempestade que destruiu sua plantação, mas que plantou em sua alma sementes de força e gratidão.

E entendi um pouco melhor por que os aflitos são bem-aventurados.

CAPÍTULO 6
O Cristo Consolador

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde chuvosa. Ele estava na varanda, observando a chuva cair mansamente sobre as plantas. Havia duas xícaras de café na mesinha, como se já soubesse que eu chegaria naquela hora.

— Entra, meu filho. Não se molha — disse ele, sorrindo.

Sentei-me e peguei a xícara fumegante.

— Hoje — começou Pai Jacó — vamos falar de uma promessa. A mais bonita promessa que Jesus fez.

— Qual?

— O Consolador.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó tomou um gole de café e começou:

— Jesus disse aos discípulos: "*Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da Verdade*".

Muita gente pensa que esse Consolador chegou no Pentecostes, quando os apóstolos receberam o Espírito Santo. E de certa forma chegou, sim. Mas Jesus estava falando de algo maior, algo que viria mais adiante.

— O Espiritismo? — perguntei.

— Isso mesmo, meu filho. O Espiritismo é o Consolador prometido. Não porque inventou alguma coisa nova, mas porque trouxe de volta as verdades que estavam esquecidas, explicou o que estava confuso, e deu consolo para as aflições que pareciam sem explicação.

Olha, por que Jesus chamou de Consolador? Porque a humanidade precisava de consolo. As pessoas sofriam sem entender por quê. Perdiam seus entes queridos e achavam que nunca mais iam vê-los. Viviam com medo do inferno eterno. Achavam que Deus era cruel, injusto.

O Espiritismo veio mostrar que não é assim. Veio mostrar que:

- A morte não existe, é só uma passagem
- Os que amamos continuam vivos, apenas em outra dimensão
- Podemos nos comunicar com eles
- Não existe inferno eterno, só consequências temporárias dos nossos atos
- Deus é justo, e tudo tem explicação
- Temos infinitas chances de melhorar através da reencarnação

Isso não é consolo? Saber que você vai rever quem ama? Saber que seus erros não te condenam para sempre? Saber que há justiça divina, mesmo quando parece que não há?

— Mas Pai Jacó — perguntei — por que Jesus chamou de "*Espírito da Verdade*"?

— Porque o Consolador não viria com mentiras piedosas, com ilusões. Viria com a verdade. A verdade sobre a vida, sobre a morte, sobre Deus, sobre nós mesmos. E a verdade, mesmo quando dói no começo, sempre consola no final. Porque tira a incerteza, tira o medo do desconhecido.

O Espiritismo não contradiz Jesus. Pelo contrário: explica Jesus. Mostra que tudo que Ele disse faz sentido. Que as parábolas tinham

significados profundos. Que os milagres eram demonstrações de leis naturais que a gente ainda não conhecia.

E sabe o que é mais bonito? **O Consolador não veio só para os espíritas. Veio para toda a humanidade**. Porque as verdades que o Espiritismo trouxe estão se espalhando, mesmo entre pessoas que nunca ouviram falar de Kardec. A ideia de reencarnação, de vida após a morte, de comunicação com espíritos, está cada vez mais aceita.

É como Jesus disse: o Consolador ficaria conosco para sempre. Porque uma vez que a verdade foi revelada, ela não some mais. Pode ser combatida, pode ser distorcida, mas não desaparece.

A História da Carta que Chegou na Hora Certa

Pai Jacó olhou para a chuva e começou:

— Vou te contar sobre Dona Conceição. Era uma senhora católica, muito devota, que morava aqui na região. Ela tinha um filho único, o Roberto, rapaz bom, trabalhador, que ela amava mais que tudo.

Um dia, Roberto sofreu um acidente no trabalho. Coisa grave. Levaram para o hospital, mas não resistiu. Tinha só vinte e oito anos.

Dona Conceição ficou devastada. Entrou numa tristeza tão profunda que parecia que ia morrer também. Parou de comer direito, não dormia, não conversava com ninguém. Só chorava e perguntava a Deus por que tinha levado seu filho.

O padre ia visitá-la e dizia: "*É a vontade de Deus, dona Conceição. Deus o quis lá no céu*". Mas isso não a consolava. Pelo contrário, a deixava mais revoltada. Que Deus era esse que arrancava um filho dos braços da mãe?

Passaram-se meses. Dona Conceição estava definhando. Os vizinhos estavam preocupados. Até que um dia, uma moça que ela mal conhecia bateu na porta dela.

Era Lucinha, uma espírita que morava algumas casas adiante. Ela trouxe um livro e disse:

— Dona Conceição, eu sei que a senhora está sofrendo muito. E eu não quero desrespeitar sua religião. Mas eu trouxe um livro que me ajudou muito quando perdi minha mãe. A senhora quer ler?

Dona Conceição, no começo, nem queria pegar. Mas Lucinha deixou o livro mesmo assim. Era "*O Céu e o Inferno*", de Allan Kardec.

Durante dias, o livro ficou em cima da mesa, sem ser aberto. Mas uma noite, sem conseguir dormir, dona Conceição pegou o livro e começou a ler.

Ela leu sobre a vida após a morte. Leu que os mortos não estão mortos, só mudaram de estado. Leu que eles continuam perto de quem amam, vendo, acompanhando, consolando. Leu sobre comunicação com os espíritos.

Pela primeira vez em meses, dona Conceição sentiu uma pontinha de esperança. "*Será que meu filho está vivo em outro lugar? Será que ele ainda me vê?*"

Ela procurou Lucinha no dia seguinte. Lucinha a levou ao centro espírita. Lá, dona Conceição aprendeu mais. E numa sessão mediúnica, recebeu uma mensagem.

Pai Jacó fez uma pausa, com os olhos marejados:

— Eu estava naquela sessão, meu filho. Eu vi. A médium psicografou uma carta. E quando leram para dona Conceição, ela

desabou a chorar. Mas não era mais choro de desespero. Era choro de alívio.

A carta dizia coisas que só Roberto e a mãe sabiam. Detalhes que ninguém mais conhecia. E ele dizia: "*Mãe, eu estou bem. Estou vivo, só não tenho mais o corpo. Estou perto da senhora, vejo quando a senhora chora. Por favor, não chore mais. Eu estou feliz aqui, estou estudando, estou crescendo. A gente vai se encontrar de novo, eu prometo. Mas enquanto isso, a senhora precisa viver. Viver por mim, viver pela senhora mesma. Eu te amo, mãe*".

Dona Conceição mudou daquele dia em diante. Não ficou completamente curada da dor, não. A saudade continuou. Mas a dor tinha um sentido agora. Ela sabia que o filho estava vivo, que estava bem, que iam se reencontrar.

Ela voltou a comer, a dormir, a viver. Continuou católica, frequentando sua igreja, mas agora também ia ao centro espírita. E dizia para todo mundo: "*O Espiritismo me devolveu meu filho. Não no corpo, mas no coração. Me devolveu a esperança, a fé, a vontade de viver*".

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Isso é o Consolador. Não é magia, não é ilusão. É verdade que consola. É conhecimento que traz paz. É a certeza de que a vida continua, de que o amor não morre, de que Deus é bom.

Quantas mães, quantos pais, quantos filhos, quantos cônjuges foram consolados assim? Milhões. Em todo o mundo. Porque o Consolador prometido chegou, e está cumprindo sua missão.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto por um momento, depois disse:

— Meu filho, talvez você tenha perdido alguém. Talvez esteja sofrendo por não entender alguma coisa. Talvez tenha perguntas que ninguém consegue responder.

O Consolador está aí para você. Não precisa virar espírita, não precisa abandonar sua religião. Mas pode buscar o conhecimento, pode buscar as respostas, pode buscar o consolo.

Jesus não mentiu. Ele prometeu que o Pai enviaria o Consolador, e enviou. Está aí, ao alcance de quem quiser. Nas páginas dos livros espíritas, nos centros espíritas, nas mensagens dos espíritos, **mas principalmente no coração de quem busca a verdade com sinceridade.**

O Espírito da Verdade não veio para fundar uma nova religião. Veio para esclarecer todas as religiões. Veio para mostrar que Deus é amor, que a vida é eterna, que a justiça existe, que o bem sempre vence.

E veio para consolar. Porque a humanidade precisava de consolo. E ainda precisa.

Aceite o consolo. Busque a verdade. Ela está aí, esperando por você.

Quando a chuva parou e me despedi de Pai Jacó, o céu estava mais claro. Pensei em Dona Conceição, na carta que chegou na hora certa, no filho que continuava vivo em outra dimensão.

E agradeci pelo Consolador prometido, que chegou e que continua consolando corações aflitos por todo o mundo.

CAPÍTULO 7
Bem-Aventurados os Pobres de Espírito

Era um sábado de manhã quando voltei à casa de Pai Jacó. Ele estava no quintal, consertando uma cerca que o vento havia derrubado. Quando me viu, largou o martelo e veio ao meu encontro.

— Bom dia, meu filho! Chegou na hora certa. Já ia fazer um café.

Sentamos na varanda com o café quentinho. Pai Jacó tinha aquele jeito sereno de sempre.

— Hoje vamos falar de algo que muita gente entende errado — disse ele.

— O quê?

— Ser pobre de espírito.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó soprou o café quente e começou:

— Quando Jesus disse "*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus*", muita gente achou que Ele estava elogiando a ignorância, a falta de inteligência. Mas não é nada disso.

Pobre de espírito não é quem não sabe nada. É quem sabe que não sabe tudo. É quem tem humildade intelectual. **É quem está disposto a aprender, a ouvir, a mudar de opinião quando descobre que estava errado.**

O contrário de pobre de espírito não é o sábio. É o orgulhoso. É aquele que acha que já sabe tudo, que não precisa aprender mais nada, que olha os outros com superioridade.

— Então é sobre humildade? — perguntei.

— Exatamente, meu filho. **É sobre humildade de espírito**. É você reconhecer que é pequeno diante do universo, que tem muito a aprender, que pode estar errado. E mais: é você aceitar isso com alegria, não com vergonha.

Olha, tem dois tipos de pessoas no mundo: as que acham que já chegaram e as que sabem que estão caminhando. As primeiras param de crescer. As segundas nunca param.

O pobre de espírito é aquele que diz: "*Eu não sei, mas quero aprender*". "*Eu errei, mas vou consertar*". "*Você pode estar certo, vou pensar sobre isso*". É quem tem a alma aberta, receptiva, humilde.

Pai Jacó apontou para uma plantinha jovem no vaso:

— Vê essa mudinha? Ela está crescendo porque está aberta para receber: sol, água, nutrientes. Se ela se fechasse, ia murchar. Com o espírito é igual. Se você se acha cheio de conhecimento, fecha para o novo. Mas se você se reconhece vazio, fica aberto para ser preenchido.

— Mas Pai Jacó — perguntei — e quem realmente sabe muito? Quem estudou, quem é inteligente?

— Ah, meu filho, os verdadeiramente sábios são sempre pobres de espírito! **Quanto mais alguém sabe, mais percebe o quanto não sabe.** O universo é infinito, o conhecimento é infinito. Quem estuda de verdade fica humilde diante dessa imensidão.

O problema é o que sabe pouco e acha que sabe muito. Esse é o rico de espírito. Cheio de si, cheio de orgulho, não cabe mais nada nele.

O Espiritismo ensina muito sobre isso. Mostra que somos espíritos em evolução, que temos ainda uma eternidade de aprendizado pela frente. Por mais que a gente saiba, é como uma gota no oceano. Isso deveria nos deixar humildes, não orgulhosos.

A História do Sábio que Não Sabia Ouvir

Pai Jacó se recostou na cadeira e começou:

— Deixa eu te contar sobre o Dr. Anselmo. Era um médico, homem muito estudado, que veio trabalhar aqui na região lá pelos anos 60.

Ele tinha se formado na capital, tinha estudado em livros estrangeiros, sabia muita coisa. E sabia que sabia. Falava difícil de propósito, usava termos que ninguém entendia, olhava os outros como se fossem ignorantes.

Quando chegou aqui, achou tudo muito atrasado. Criticava os remédios caseiros que o povo usava, ria das benzedeiras, desprezava o conhecimento popular. Dizia que só a ciência dele é que prestava.

Um dia, chegou ao consultório dele uma índia velha, muito velha mesmo. Tinha vindo de uma aldeia distante. Trazia o neto doente, com uma febre que não passava.

Dr. Anselmo examinou o menino, receitou remédios modernos, antibióticos. A velha índia olhou para ele e disse, em português arrastado:

— Isso não vai curar, doutor. Eu sei o que ele tem.

Dr. Anselmo ficou ofendido:

— A senhora sabe? A senhora estudou medicina? A senhora leu os tratados científicos que eu li?

— Não, doutor. Mas eu vivi oitenta anos na floresta. Eu vi essa doença antes. Sei o que cura.

— Superstição! — Dr. Anselmo a dispensou. — Dê os remédios que eu receitei.

A velha índia saiu calada. Deu os remédios que o doutor mandou. Mas o menino piorou. Três dias depois, ela voltou ao consultório. O menino estava pior ainda.

— Doutor, por favor, me deixa tratar do jeito que eu sei.

Dr. Anselmo, preocupado com o estado do menino, e sem ter mais o que fazer, concordou. Meio a contragosto, mas concordou.

A velha índia levou o menino. Preparou um chá de umas ervas que colheu, fez uns banhos com folhas, mudou a alimentação. Em dois dias, o menino estava melhor. Em uma semana, estava curado.

Quando ela voltou para agradecer e mostrar o menino saudável, Dr. Anselmo ficou sem palavras. Finalmente perguntou:

— Como a senhora sabia?

— Eu não sei explicar como o senhor explica, com nomes complicados. Mas eu conheço a floresta. Aprendi com minha mãe, que aprendeu com a mãe dela. É conhecimento antigo, doutor. Não está nos seus livros, mas funciona.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Sabe o que aconteceu depois? Dr. Anselmo mudou. Não da noite para o dia, mas mudou. Começou a ouvir as pessoas. Começou a

perguntar sobre os remédios caseiros, sobre as práticas antigas. Começou a aprender com as benzedeiras, com os curandeiros, com o povo simples.

E sabe o que ele descobriu? Que tinha muito conhecimento valioso que não estava nos livros dele. Que a ciência dele era importante, mas não era a única. Que ele não sabia tudo.

Ele começou a combinar os dois conhecimentos: o científico e o popular. E se tornou um médico muito melhor. As pessoas passaram a procurá-lo mais, porque ele não só curava, mas ouvia, respeitava, aprendia.

Anos depois, já velho, Dr. Anselmo me disse: "*Pai Jacó, eu passei anos estudando para saber muito. Mas só comecei a ser sábio quando aprendi que sabia pouco*".

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Dr. Anselmo era rico de espírito quando chegou aqui. Cheio de conhecimento, mas cheio de orgulho. A velha índia era pobre de espírito. Não tinha estudos formais, mas tinha humildade para aprender com os antepassados e sabedoria para aplicar o conhecimento.

E quando Dr. Anselmo se tornou pobre de espírito, quando esvaziou o orgulho, ele foi preenchido com muito mais. Ficou mais sábio, mais humano, mais útil.

Bem-aventurados os pobres de espírito não porque a ignorância é boa, mas porque a humildade abre portas que o orgulho fecha.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, observando um passarinho no galho próximo. Depois disse:

— Meu filho, me responde: você está cheio ou está vazio?

Não estou perguntando quanto você sabe. Estou perguntando se você está aberto para aprender mais. Se você está disposto a ouvir alguém mais simples que você. Se você consegue dizer "eu não sei", sem ter vergonha. Se você consegue dizer "eu estava errado" sem se sentir diminuído.

O orgulho é uma prisão. Você fica preso no que já sabe, no que já é. Não cresce mais.

A humildade é liberdade. Você pode aprender com qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer momento. Você nunca para de crescer.

Jesus disse que o reino dos céus é dos pobres de espírito. Sabe por quê? Porque eles estão prontos para entrar. Não têm o orgulho bloqueando a porta. Não acham que já merecem entrar por si mesmos. Sabem que precisam de ajuda, de ensino, de Deus.

Então seja pobre de espírito. Reconheça sua pequenez diante da imensidão do universo. Mas reconheça com alegria, não com tristeza. Porque cada coisa que você não sabe é uma coisa nova que você pode aprender. Cada erro que você reconhece é uma chance de acertar.

Esvazia-te do orgulho, e serás preenchido com sabedoria.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, ele estava voltando para consertar a cerca. Observei-o trabalhar com aquelas mãos calejadas, simples, humildes.

E pensei: ele pode não ter diplomas na parede, mas é um dos homens mais sábios que conheço. Porque é pobre de espírito. E por isso, verdadeiramente rico.

CAPÍTULO 8
Bem-Aventurados os Puros de Coração

Cheguei à casa de Pai Jacó num fim de tarde dourado. Ele estava regando suas flores, conversando baixinho com elas como costumava fazer.

— As plantas sentem quando a gente fala com carinho — disse ele, me vendo chegar. — É a intenção pura que nutre, não só a água.

Sentamos na varanda e ele foi direto ao assunto:

— Hoje vamos falar de pureza. Mas não daquela pureza que o povo costuma pensar.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou sem rodeios:

— Quando Jesus disse "*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*", Ele não estava falando de pureza do corpo. Estava falando de pureza das intenções, da alma, dos pensamentos.

Muita gente confunde pureza com castidade, em não ter pecado no corpo. Mas não é isso. Você pode ser virgem e ter o coração cheio de maldade. Pode nunca ter tocado em bebida e ter pensamentos venenosos. **O corpo pode estar limpo e a alma suja**.

A pureza de coração é outra coisa**. É ter intenções limpas**. É fazer as coisas pelo motivo certo. É não ter segundas intenções, não ter malícia, não ter falsidade.

— Como assim, Pai Jacó? — perguntei.

— Olha, deixa-me explicar. Você pode fazer uma caridade, ajudar alguém. Mas por quê? Se for para aparecer, para ser elogiado, para se

sentir superior, seu coração não está puro. A ação é boa, mas a intenção não é.

Agora, se você ajuda porque realmente quer o bem da pessoa, sem esperar nada em troca, sem pensar em recompensa, aí seu coração está puro.

Pureza de coração é:

- Falar a verdade sem querer ferir
- Amar sem querer possuir
- Ajudar sem querer aparecer
- Perdoar sem guardar ressentimento
- Fazer o bem sem calcular retorno

É ter transparência na alma. É ser por dentro o que você mostra por fora. É não ter fachada, não usar máscaras.

Pai Jacó olhou para mim com aqueles olhos serenos:

— E sabe o que Jesus prometeu? Que quem tem o coração puro vai ver a Deus. Não só depois de morrer. Aqui mesmo, na Terra. Porque quando seu coração está limpo, você enxerga Deus em tudo: nas pessoas, na natureza, nas pequenas coisas. Você vê com os olhos da alma, não só com os olhos do corpo.

Mas quem tem o coração sujo de egoísmo, de inveja, de malícia, não consegue ver. A sujeira tampa a visão. É como tentar olhar através de um vidro embaçado.

O Espiritismo ensina muito sobre isso. **Fala da reforma íntima, que é justamente limpar o coração**. Tirar a inveja, o orgulho, o egoísmo, e colocar no lugar o amor, a humildade, a caridade. **É um trabalho de todo dia, de toda vida.**

A História do Presente com Segundas Intenções

Pai Jacó se acomodou melhor na cadeira e começou:

— Vou te contar sobre duas pessoas que eu conheci. Dois homens muito diferentes: Seu Laurindo e Seu Tertuliano.

Os dois eram comerciantes aqui na região. Tinham lojas concorrentes. E os dois fizeram a mesma coisa: doaram dinheiro para a construção da capela nova que a comunidade estava levantando.

Seu Laurindo fez questão que todo mundo soubesse. Anunciou na rádio local, colocou uma placa na loja dizendo "*Colaboramos com a construção da Capela*", falava para todo cliente: "*Eu doei tanto para a capela*". Ia às reuniões da comunidade e lembrava todo mundo da generosidade dele.

A doação dele foi grande, viu? Ajudou bastante. Mas ele queria que todos soubessem, que todos o reconhecessem como benfeitor. Queria ser chamado de bom, de generoso, de homem de Deus.

Já seu Tertuliano doou em silêncio. Entregou o dinheiro para o padre, pediu para não divulgar o nome dele. O padre insistiu que ao menos colocasse o nome numa plaquinha junto com outros doadores, mas ele não quis. Disse: "*Padre, eu não dei para ser reconhecido. Dei porque acho importante ter uma capela. Só isso*".

Ninguém ficou sabendo. Nem os filhos dele souberam quanto ele tinha dado.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Passaram-se os anos. A capela foi construída, ficou bonita. Os dois homens continuaram suas vidas.

Seu Laurindo morreu primeiro. No enterro dele tinha muita gente, porque ele era conhecido. As pessoas comentavam: "*Era um homem bom, ajudou a construir a capela*". Mas eu percebi uma coisa: as pessoas falavam isso mais por obrigação do que por sentimento verdadeiro. No fundo, muitos se lembravam de como ele fazia questão de aparecer, de como cobrava reconhecimento.

Quando seu Tertuliano morreu, anos depois, também tinha gente no enterro. Mas era diferente. As pessoas choravam de verdade. Falavam das ajudas silenciosas que ele tinha dado ao longo da vida. Um lembrava que ele pagou o remédio de uma criança doente. Outro lembrava que emprestou dinheiro sem cobrar juros. Outro que deu emprego quando ninguém dava.

Ninguém sabia de tudo, porque ele nunca contava. Mas todo mundo sabia de alguma coisa. E todos o amavam de verdade, não por obrigação.

Pai Jacó me olhou:

— Os dois deram dinheiro para a capela. A ação foi a mesma. Mas o coração era diferente. Seu Laurindo deu com o coração impuro: queria reconhecimento, queria status, queria ser visto como bom. Seu Tertuliano deu com o coração puro: queria apenas ajudar, sem esperar nada em troca.

Jesus disse: quando você der esmola, que a mão esquerda não saiba o que a direita faz. Por quê? Para manter o coração puro. Para não contaminar a boa ação com o veneno do orgulho, da vaidade.

Seu Laurindo viu a capela construída, sim. Mas não viu Deus nela, porque o orgulho tampava sua visão. Ele via a si mesmo, via o reconhecimento, via o status.

Seu Tertuliano viu Deus. Viu na alegria das pessoas usando a capela, viu nas crianças batizadas ali, viu nos casamentos realizados. Ele via com o coração puro, e por isso via Deus em tudo.

— E no plano espiritual? — perguntei. — Como eles estão?

Pai Jacó suspirou:

— Não posso afirmar, mas posso imaginar. Seu Laurindo deve ter descoberto que todo aquele reconhecimento que ele buscou não valeu nada no mundo espiritual. Lá não tem aplausos, não tem placas com nomes. Lá o que conta é a pureza da intenção. Ele deve ter percebido que desperdiçou a oportunidade de fazer o bem de verdade, porque contaminou tudo com o desejo de aparecer.

Já seu Tertuliano deve ter sido recebido com amor. Porque ele fez o bem pelo bem. E isso, isso tem valor eterno.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, depois perguntou:

— Meu filho, por que você faz as coisas que faz? Por que você ajuda quando alguém te pede? Por que você é gentil com as pessoas? Por que você vai na igreja, no centro, no templo?

Não me responda. Responda para você mesmo. Com sinceridade. Porque ninguém vê seu coração além de você e de Deus.

Se você descobre que faz as coisas para ser reconhecido, para aparecer, para se sentir superior, não se desespere. Reconhecer isso já é o primeiro passo para limpar o coração.

A pureza de coração não é para os perfeitos. É para os sinceros. Para quem reconhece suas impurezas e trabalha para limpá-las.

Todo dia, examine suas intenções. Não só suas ações, mas seus motivos. Por que você disse aquilo? Por que você fez aquela ação? Era amor mesmo, ou era orgulho disfarçado? Era bondade mesmo, ou era interesse escondido?

E quando você pegar a si mesmo com intenções impuras, não se castigue. Apenas corrija. Peça a Deus que purifique seu coração. E comece de novo.

Porque os puros de coração verão a Deus. E quanto mais você limpa seu coração, mais você vê. Vê a beleza que antes não via. Vê o amor onde antes só via indiferença. Vê Deus em cada pessoa, em cada momento, em cada gesto simples.

A pureza de coração é o vidro limpo através do qual a luz de Deus passa sem distorção.

Limpe seu vidro.

Quando saí da casa de Pai Jacó naquele dia, pensei em todas as vezes que fiz coisas boas com intenções não tão boas. E pedi a Deus que me ajudasse a ter o coração mais limpo, mais puro, mais transparente.

Porque eu também quero ver a Deus. Aqui mesmo, nesta vida, em cada pessoa que eu encontrar.

CAPÍTULO 9
Bem-Aventurados os Mansos e Pacíficos

Era uma manhã de domingo quando cheguei à casa de Pai Jacó. Ele estava sentado na varanda, observando dois pássaros que brigavam por um pedaço de pão.

— Olha só — disse ele, apontando. — Brigando por um pedacinho quando tem tanto pão espalhado pelo chão. A gente faz isso também, não faz?

Sentei-me ao seu lado.

— Hoje vamos falar de mansidão — disse ele. — E de paz.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com aquela calma que lhe era própria:

— Jesus disse: "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra*" e "*Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus*". São duas bem-aventuranças diferentes, mas que andam juntas.

Mansidão não é fraqueza, meu filho. Muita gente pensa que ser manso é ser frouxo, covarde, deixar os outros pisarem em você. Mas não é isso.

Mansidão é força controlada. É você ter poder de reagir, de revidar, de se vingar, mas escolher não fazer isso. É dominar seus impulsos, sua raiva, seu orgulho. É responder ao mal com serenidade, não com violência.

— Mas Pai Jacó — interrompi — a gente não deve se defender?

— Claro que deve! Mas tem diferença entre se defender e atacar. Entre proteger e se vingar. O manso se defende quando necessário, mas não ataca por orgulho. Não revida por raiva. Não guarda rancor.

Olha, pensa num rio. A água é mansa, não é? Ela não briga com as pedras que encontra no caminho. Ela contorna. Mas com o tempo, a água mansa desgasta até a pedra mais dura. Essa é a força da mansidão.

O manso não fica brigando por tudo. Não está sempre se defendendo, sempre se justificando, sempre querendo provar que tem razão. Ele deixa passar o que não é importante. Guarda sua energia para o que realmente importa.

E os pacíficos? Ah, esses são os que fazem a paz, não só os que vivem em paz. É quem chega num lugar de briga e acalma. Quem está numa família em conflito e traz harmonia. Quem vê duas pessoas que brigaram e ajuda na reconciliação.

Ser pacífico não é só não brigar. É trabalhar ativamente pela paz. É ser instrumento de união, não de divisão.

Pai Jacó respirou fundo:

— E sabe por que Jesus disse que eles herdarão a terra e serão chamados filhos de Deus? Porque essas são qualidades divinas. Deus é manso - olha como Ele suporta nossas rebeldias sem nos destruir. Deus é pacífico - olha como Ele quer a harmonia, a união, o amor entre todos.

Quando você é manso e pacífico, você se aproxima de Deus. Fica parecido com Ele. Por isso é chamado de filho de Deus - porque manifesta as qualidades do Pai.

O Espiritismo ensina muito sobre isso. Fala da necessidade do autocontrole, de dominar as paixões inferiores. Ensina que a

evolução espiritual passa pela paz interior e pela capacidade de viver em paz com os outros.

A História do Rio que Contorna a Pedra

Pai Jacó olhou para o horizonte e começou:

— Vou te contar sobre dois irmãos que eu conheci: Zacarias e Joaquim. Eram filhos de um fazendeiro daqui da região.

Os dois eram muito diferentes. Zacarias era esquentado. Se alguém falava mal dele, ia logo tirar satisfação. Se alguém olhava torto, ele estava pronto para brigar. Vivia envolvido em confusões, em discussões, em brigas de bar. Era forte, corajoso, mas vivia ferido - porque quem briga muito, apanha muito também.

Joaquim era o oposto. Calmo, tranquilo, não entrava em briga. Quando alguém o ofendia, ele ouvia e não retrucava. Quando alguém o provocava, ele sorria e mudava de assunto. Muita gente achava que ele era medroso, que não tinha coragem.

Um dia, aconteceu uma coisa que mostrou quem realmente era forte.

Um vizinho, homem malvado e invejoso, começou a espalhar mentiras sobre a família deles. Dizia que o pai tinha roubado terras, que a mãe tinha má reputação, que os filhos eram desonestos. Eram mentiras pesadas, que manchavam o nome da família toda.

Zacarias ficou furioso. Foi na casa do homem, armado, querendo acertar as contas. Queria briga, queria vingança. O pai teve que segurá-lo para não acontecer uma tragédia.

Joaquim reagiu diferente. Ele foi de porta em porta, conversando com os vizinhos. Não para falar mal do caluniador, mas para mostrar, com fatos, que as acusações eram falsas. Falava com calma, com

documentos, com provas. Não xingava o homem que os caluniou. Apenas demonstrava a verdade.

E mais: quando descobriu que o vizinho estava espalhando aquelas mentiras porque estava com problemas financeiros e inveja da prosperidade deles, Joaquim fez algo surpreendente. Foi até o homem e ofereceu ajuda. Não com arrogância, mas com sinceridade.

— Sei que o senhor está passando dificuldades — disse Joaquim. — E sei que essas dificuldades fizeram o senhor agir de forma que não é do seu caráter. Se precisar de alguma ajuda, pode contar comigo.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Sabe o que aconteceu? O homem desmoronou. Começou a chorar. Pediu perdão. Reconheceu que agiu mal, que era inveja, que estava desesperado. E Joaquim o ajudou mesmo. Emprestou dinheiro sem juros, o orientou em alguns negócios.

O homem mudou completamente. Passou a defender a família que antes caluniava. E se tornou amigo de Joaquim.

Já Zacarias continuou com raiva. Não queria perdoar. Achava que o irmão era fraco, que deveria ter dado uma surra no homem. A raiva comeu ele por dentro. Ele ficou doente, teve problemas no fígado - os médicos diziam que era de tanto guardar amargura.

Anos depois, Zacarias me disse: "*Pai Jacó, eu estava errado. Eu pensava que meu irmão era fraco porque não brigava. Mas ele é mais forte que eu. Ele conseguiu fazer o que eu nunca consegui: dominar a raiva. E veja o resultado: o inimigo virou amigo. Eu, com toda minha valentia, só consegui multiplicar inimigos e adoecer meu corpo e minha alma.*"

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Joaquim era o manso. Não porque não tinha coragem, mas porque tinha algo maior que coragem: tinha domínio próprio. Ele era como o rio: quando encontrou a pedra dura do ódio, não bateu de frente. Contornou. E com o tempo, com a persistência mansa do amor, desgastou a pedra.

E ele era pacífico. Não se contentou em não brigar. Ele trabalhou pela paz. Foi atrás da reconciliação. Transformou inimizade em amizade.

Quem herdou a terra? Joaquim. Ele vive em paz até hoje, cercado de amigos, respeitado por todos. E Zacarias? Está aprendendo, tarde, que a verdadeira força não está nos punhos, mas no coração.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, observando os pássaros que agora comiam em paz, cada um em seu canto. Depois disse:

— Meu filho, me diz: você é o Zacarias ou o Joaquim?

Quando alguém te ofende, qual é sua primeira reação? Revidar? Brigar? Provar que você está certo? Ou você respira fundo, deixa a raiva passar, e responde com serenidade?

Mansidão não é deixar os outros fazerem o que querem com você. É você não deixar que a maldade dos outros controle suas reações**. É você manter o controle de si mesmo, não importa o que aconteça ao seu redor.**

E ser pacífico? Não é só não brigar. **É trabalhar ativamente pela paz**. Na sua família, no seu trabalho, na sua comunidade. É ser aquele que une, não o que divide. Aquele que acalma, não o que agita. Aquele que perdoa, não o que guarda rancor.

Jesus foi o exemplo perfeito disso. Quando foi preso, não reagiu com violência. Quando foi acusado, não se defendeu com agressividade. Quando foi crucificado, pediu perdão para os que o matavam. Essa é a mansidão divina. Essa é a paz que vence o ódio.

Você não vai conseguir ser assim da noite para o dia. Ninguém consegue. Mas pode começar. Hoje mesmo. Da próxima vez que alguém te ofender, respire fundo. Conte até dez. E escolha a resposta mansa, não a resposta raivosa.

Porque os mansos herdarão a terra. Não pela força, mas pela persistência do amor. E os pacíficos serão chamados filhos de Deus, porque fazem na terra o que Deus faz no céu: trabalham pela união, pela harmonia, pela paz.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, ele estava espalhando mais pão para os pássaros. E eu notei: tinha pão suficiente para todos. Sempre teve.

A briga era desnecessária. Como quase todas as nossas brigas são.

CAPÍTULO 10
Bem-Aventurados os Misericordiosos

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde quente. Ele estava dando água para um cachorro vira-lata que havia aparecido por ali, todo machucado e sujo.

— Coitado — disse ele, acariciando o animal. — Alguém o maltratou. Mas agora está seguro aqui.

Depois de cuidar do cachorro, sentamos na varanda para tomar um suco gelado.

— Esse cachorro me lembra do tema de hoje — disse Pai Jacó. — Misericórdia.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou, com aquela voz pausada:

— Jesus disse: "*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*". É uma promessa e também um aviso.

Misericórdia, meu filho, é mais que pena. É mais que caridade. **Misericórdia é você sentir no coração a dor do outro**. **É você se colocar no lugar dele. É você perdoar não porque a pessoa merece, mas porque ela precisa.**

Tem três tipos de misericórdia.

A primeira é com as fraquezas dos outros. Todo mundo tem defeitos, todo mundo erra. O misericordioso não fica julgando, não fica apontando dedo. Ele compreende que todos somos imperfeitos, todos estamos aprendendo.

A segunda é com o sofrimento dos outros. Quando você vê alguém passando dificuldade e não só ajuda, mas sente de verdade a dor daquela pessoa. Não ajuda com pena, ajuda com amor. Não ajuda se sentindo superior, ajuda reconhecendo que poderia ser você ali.

A terceira, e talvez a mais difícil, é com quem nos fez mal. É perdoar quem nos ofendeu, quem nos traiu, quem nos machucou. É ter misericórdia com quem não teve misericórdia conosco.

— Mas Pai Jacó — perguntei — tem gente que não merece misericórdia. Gente má, cruel, que fez coisas terríveis.

— Ah, meu filho, aí está o segredo. **Misericórdia não é sobre merecer.** Ninguém merece. A gente não merece a misericórdia de Deus, mas Ele nos dá assim mesmo. E Ele pede que a gente faça o mesmo.

Pai Jacó apontou para o cachorro que agora dormia tranquilo:

— Aquele cachorro não fez nada para merecer meus cuidados. Eu nem o conheço. Mas ele está sofrendo, e eu posso ajudar. Isso basta. A misericórdia não pergunta "você merece?". Ela pergunta "você precisa?".

E Jesus promete que quem é misericordioso alcançará misericórdia. Não é troca, não é barganha. É lei natural. Quem semeia misericórdia colhe misericórdia. Quem semeia julgamento colhe julgamento.

O Espiritismo explica isso muito bem. Mostra que vamos encontrar, em outras existências, as mesmas situações que causamos. Se fomos cruéis, vamos precisar de misericórdia. Se fomos misericordiosos, vamos receber misericórdia. **É a lei de causa e efeito**.

Mas não é só na outra vida não. É aqui mesmo. Você percebe que as pessoas duras, que julgam todo mundo, que não perdoam nada, são as que mais sofrem quando erram? Porque ninguém tem paciência

com elas. Já as pessoas misericordiosas, quando erram, encontram compreensão, porque deram compreensão.

A História da Dívida que Foi Esquecida

Pai Jacó se recostou e começou:

— Vou te contar sobre dois comerciantes que eu conheci: Seu Gumercindo e Seu Felisberto.

Seu Gumercindo tinha uma loja de secos e molhados. Era um homem correto nos negócios, mas duro. Se alguém ficava devendo, ele cobrava sem dó. Não importava se a pessoa estava passando dificuldade, se tinha perdido o emprego, se estava doente. A dívida era a dívida, e tinha que pagar.

Ele dizia: "*Negócio é negócio. Se eu tiver pena de todo mundo, vou quebrar*". E cobrava mesmo. Muita gente passou vergonha por causa da cobrança dele. Ele não tinha misericórdia.

Já seu Felisberto, que tinha outra loja no mesmo bairro, era diferente. Também era sério nos negócios, mas tinha coração. Quando alguém estava devendo e ele sabia que a pessoa estava passando aperto, ele esperava. Às vezes até perdoava a dívida.

Uma vez, uma viúva estava devendo três meses de fiado. O marido tinha morrido num acidente, ela estava sozinha com quatro filhos pequenos. Seu Felisberto foi à casa dela, não para cobrar, mas para perguntar se ela estava precisando de alguma coisa. Quando ela começou a chorar, pedindo perdão pela dívida, ele rasgou a conta na frente dela e disse: "*Esquece isso. Agora me diz: as crianças estão comendo direito?"*

Pai Jacó fez uma pausa:

— Os anos passaram. Seu Gumercindo prosperou. Tinha dinheiro guardado, propriedades. Mas não tinha amigos. As pessoas o respeitavam por medo, não por amor. Compravam na loja dele porque era perto, mas não tinham carinho por ele.

Um dia, veio uma crise econômica forte. Os bancos quebraram, muita gente perdeu tudo. E seu Gumercindo, que tinha todo o dinheiro no banco, perdeu quase tudo. Ficou numa situação difícil. Precisou pedir empréstimo para não perder a loja.

Foi no banco, mas o banco não deu crédito. Foi em outros comerciantes, mas ninguém quis emprestar. Ele tinha sido tão duro com tanta gente, que agora ninguém queria ajudá-lo. "*Negócio é negócio*", diziam, usando as palavras dele mesmo.

Seu Gumercindo estava desesperado. A loja ia fechar, ele ia perder tudo. Até que, sem mais opções, foi falar com seu Felisberto.

Seu Felisberto ouviu a história. Viu o homem duro, agora humilhado, pedindo ajuda. E sabe o que ele fez? Emprestou o dinheiro. Sem juros altos, sem garantias complicadas. Apenas com um aperto de mão e um prazo justo.

— Por quê? — seu Gumercindo perguntou, espantado. — Eu nunca fui bom para o senhor. A gente é concorrente. Por que está me ajudando?

Seu Felisberto respondeu: "*Porque o senhor está precisando. E porque eu sei que se fosse o contrário, se eu estivesse no seu lugar, também gostaria de receber uma chance*."

Pai Jacó continuou:

— Sabe o que aconteceu? Seu Gumercindo pagou o empréstimo, se recuperou. Mas o mais importante: ele mudou. Começou a ter misericórdia com os clientes dele. Quando via alguém em

dificuldade, lembrava-se de quando ele esteve em dificuldade e alguém teve misericórdia dele.

Ele me disse anos depois: "*Pai Jacó, eu vivi cinquenta anos sendo duro. Achava que misericórdia era fraqueza. Mas quando eu precisei de misericórdia e recebi, entendi que é força. É ter coragem de ser bom mesmo quando não é obrigado*."

E seu Felisberto? Ah, ele só fez o que sempre fez. Teve misericórdia. E a vida lhe devolveu isso em mil formas diferentes. Ele nunca ficou rico, mas nunca faltou nada para ele. E quando morreu, tinha o amor de todos. No enterro dele, vi gente chorando de verdade. Gente que ele tinha ajudado sem esperar nada em troca.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, acariciando o cachorro que tinha acordado e vindo deitar aos seus pés. Depois disse:

— Meu filho, você tem sido misericordioso? Quando alguém erra com você, qual sua primeira reação? Punir? Cobrar? Fazer a pessoa pagar pelo erro? Ou ter misericórdia?

Misericórdia não é tolerar o mal. Não é deixar as pessoas fazerem o que querem. É entender que todos somos falhos, todos erramos, todos precisamos de chances.

Quando você julgar alguém com dureza, lembre-se: um dia você vai precisar de misericórdia também. E provavelmente de alguém que você julgou.

A lei é clara: "*Com a medida que medirdes, sereis medidos*". Se você é duro, vai encontrar dureza. Se você é misericordioso, vai encontrar misericórdia.

E não estou falando só da outra vida. Aqui mesmo, nesta vida, você colhe o que planta. Planta dureza? Vai colher solidão, porque ninguém quer ficar perto de quem não perdoa. Planta misericórdia? Vai colher amor, porque as pessoas confiam em quem compreende.

Olha aquele cachorro ali. Ele foi maltratado por alguém sem misericórdia. Mas encontrou misericórdia aqui. E está seguro, tranquilo, confiante. É isso que a misericórdia faz: cura feridas, restaura a confiança, dá nova chance.

Seja instrumento de misericórdia na vida de alguém. Perdoe quem errou. Compreenda quem está fraco. Ajude quem está caído. Não porque a pessoa merece, mas porque ela precisa. E porque você também vai precisar um dia.

Os misericordiosos alcançarão misericórdia. É promessa de Jesus. E Jesus não falha.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, o cachorro estava deitado na sombra, finalmente em paz. Tinha encontrado misericórdia quando mais precisava.

E eu pensei: quantas pessoas ao meu redor precisam da minha misericórdia? Quantas vezes fui duro quando poderia ter sido compreensivo?

A resposta me incomodou. Mas também me deu uma direção: ser mais misericordioso. Começando hoje.

CAPÍTULO 11
Amar ao Próximo Como a Si Mesmo

Encontrei Pai Jacó no quintal, ajudando um vizinho a consertar a cerca que dividia os dois terrenos. Eles trabalhavam juntos, conversando e rindo.

Quando terminaram, o vizinho agradeceu e foi embora. Pai Jacó lavou as mãos e viemos para a varanda.

— Viu ali? — disse ele, apontando para a cerca. — Isso é amar o próximo.

— Ajudar a consertar a cerca? — perguntei.

— Não só isso. É perceber que a cerca dele é problema meu também. É entender que o bem dele me faz bem. Que o próximo não é separado de mim.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó se sentou e começou:

— Jesus resumiu toda a lei em duas coisas: **amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo**. E sabe por quê? Porque essas duas coisas contêm tudo. Se você realmente ama seu próximo como a si mesmo, você automaticamente cumpre todos os outros mandamentos.

Não mata, porque não quer ser morto. Não rouba, porque não quer ser roubado. Não mente, porque não quer ser enganado. Não deseja o que é do outro, porque reconhece o direito dele assim como quer que reconheçam o seu.

Mas olha a chave: "*como a si mesmo*". Jesus não disse "*mais que a si mesmo*". Disse "*como*". Não é para você se sacrificar até sumir. É

para você tratar os outros com o mesmo cuidado, o mesmo respeito, a mesma consideração que você quer para si.

— Mas Pai Jacó — perguntei — e se a gente não se ama? Tem gente que não gosta de si mesmo.

— Boa pergunta, meu filho. É verdade. Tem gente que se maltrata, que se menospreza. Essa pessoa não consegue amar os outros direito, porque não sabe amar nem a si mesma. **Por isso o amor ao próximo começa com um amor saudável a si mesmo. Não egoísmo, mas cuidado próprio. Você precisa estar bem para fazer bem.**

É como num avião: dizem para você colocar a máscara de oxigênio em você primeiro, para depois ajudar os outros. Por quê? Porque se você desmaiar, não ajuda ninguém. Com o amor é igual. Você precisa ter paz, saúde, equilíbrio, para poder dar isso aos outros.

Mas o amor ao próximo não é só não fazer mal. É fazer o bem. É ajudar, é consolar, é ensinar, é dividir. É se alegrar quando o outro se alegra. É sofrer quando o outro sofre.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Agora, vem a parte mais importante: quem é o próximo? Só quem está perto? Só a família? Só os amigos?

Não. Próximo é todo mundo. É o vizinho, é o colega de trabalho, é o desconhecido na rua, é o estrangeiro, é até o inimigo. Porque todos somos irmãos, todos somos filhos do mesmo Pai.

O Espiritismo esclarece muito isso. Mostra que todos somos espíritos em evolução, que já vivemos muitas vidas, que já fomos ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, de todas as raças e povos. Não existe essa divisão de "nós" e "eles". Somos todos uma só família, a família humana.

A História do Vizinho Desconhecido

Pai Jacó olhou para a cerca recém-consertada e começou:

— Vou te contar uma história que aconteceu comigo mesmo, há muitos anos.

Quando eu era mais jovem, morava numa casinha simples, aqui mesmo onde moro até hoje. Ao lado tinha um terreno baldio. Um dia, chegou um homem e começou a construir uma casa ali.

Ele era diferente de nós. Vinha de outro estado, falava diferente, tinha costumes diferentes. Era meio fechado, não conversava muito. Eu cumprimentava, ele respondia seco e pronto.

Pensei: "*Bom, se ele não quer amizade, problema dele*". E segui minha vida, sem me importar com ele.

Passou um tempo. Eu vi que ele morava sozinho, trabalhava de pedreiro, chegava tarde em casa. Mas não me aproximei. "*Cada um na sua*", eu pensava.

Um dia, acordei de madrugada com um barulho estranho. Era gemido. Olhei pela janela e vi luz acesa na casa do vizinho. Fiquei na dúvida: será que vou lá? Mas e se ele se incomodar? Ele nunca quis papo comigo...

Fiquei ali, indeciso. Até que ouvi o gemido de novo, mais forte. Aí vesti uma roupa e fui lá.

Bati na porta. Ninguém atendeu. Bati de novo. Nada. A porta estava entreaberta. Empurrei e entrei.

Encontrei o homem caído no chão, pálido, suando frio. Ele tinha caído da cama, estava com febre altíssima, delirando. Não sei há quanto tempo estava assim.

Corri, busquei ajuda, levamos ele para o hospital. Era uma pneumonia grave. O médico disse que se tivesse demorado mais um pouco, ele não sobreviveria.

Pai Jacó ficou quieto por um momento:

— Ele ficou internado duas semanas. E sabe quem cuidou da casa dele, das coisas dele, foi visitá-lo no hospital? Eu. Porque não tinha mais ninguém. Ele não tinha família aqui, não tinha amigos.

Quando ele melhorou e pôde conversar, me agradeceu. E aí descobri muita coisa. Ele era fechado porque tinha sofrido muito na vida. Tinha perdido a família toda num acidente. Veio para cá para recomeçar, mas estava com medo de se aproximar das pessoas, de sofrer de novo.

Ele disse: "*Eu fui frio com você. Nem te cumprimentava direito. E você salvou minha vida. Por quê?*"

Eu respondi: "*Porque você é meu próximo. Não importa se a gente é amigo ou não, se você me cumprimentava ou não. Você estava precisando, e eu podia ajudar*."

A partir daquele dia, nos tornamos amigos. Amigos de verdade. Ele abriu o coração, contou a história dele, eu contei a minha. A gente ajudava um ao outro. Quando ele precisava, eu estava lá. Quando eu precisava, ele estava aqui.

Anos depois, quando ele ia se mudar para outro estado, para ficar perto de uns parentes que reencontrou, ele me disse: "*Pai Jacó, você me ensinou o que é ser próximo. Eu achava que próximo era só quem era parecido comigo, quem falava como eu, quem pensava como eu. Mas você me mostrou que próximo é quem está perto quando você precisa, independente de qualquer coisa.*"

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Eu quase não ajudei. Quase fiquei na minha, pensando "*ele não quer amizade*". **Mas amar o próximo não depende do próximo querer ou não. Depende de você escolher amar.**

Aquele homem não era meu amigo. Era apenas o vizinho. Mas quando eu ajudei, ele se tornou muito mais que um vizinho. Se tornou um irmão.

Para Refletir

Pai Jacó ficou observando a cerca, depois disse:

— Meu filho, quem é o seu próximo? É só quem você gosta? É só quem gosta de você? É só quem é parecido com você?

Ou é aquele vizinho que você mal conhece? Aquele colega de trabalho chato? Aquele familiar difícil? Aquele estranho na rua?

Amar o próximo como a si mesmo é olhar para qualquer pessoa e pensar: "*Se eu estivesse no lugar dele, como eu gostaria de ser tratado?*" E então tratar a pessoa assim.

É simples, mas não é fácil. Porque tem gente que não facilita. Tem gente que é grossa, que é fechada, que é ingrata. Mas o amor ao próximo não depende do próximo merecer. Depende de você escolher amar.

Você não precisa ser amigo íntimo de todo mundo. Não precisa gostar de todo mundo. Mas precisa amar. E amar, nesse sentido, é querer o bem, é ajudar quando pode, é respeitar sempre.

Pensa assim: se você estivesse doente, sozinho, precisando de ajuda, você gostaria que alguém te ajudasse? Sim. Então quando você encontrar alguém assim, ajude. Mesmo que seja um estranho. Mesmo que seja alguém que nunca foi bom para você.

Porque esse é o mandamento: amar o próximo como a si mesmo. E Jesus disse que nisso se resume toda a lei. Todo o resto é consequência disso.

Ame. Simplesmente ame. E você estará cumprindo toda a vontade de Deus.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, olhei para a cerca que ele tinha ajudado a consertar. Uma cerca simples, que divide, mas também une dois terrenos.

E pensei: quantas cercas eu levantei entre mim e meus próximos? Cercas de indiferença, de preconceito, de mágoa? E quantas cercas eu poderia estar consertando, construindo pontes em vez de muros?

O próximo está mais perto do que eu imaginava. Às vezes, está logo ali, do outro lado da cerca. Esperando que eu estenda a mão.

CAPÍTULO 12
Amai aos Vossos Inimigos

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde nublada. Ele estava na varanda, com o olhar distante, mais sério que o normal.

— Tudo bem, Pai Jacó? — perguntei.

— Tudo bem, meu filho. Só estava pensando no tema de hoje. É o mais difícil de todos.

— Qual é?

— Amar os inimigos.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó respirou fundo e começou:

— Jesus disse: "*Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e perseguem*". De todos os ensinamentos Dele, esse é o que mais assusta as pessoas. Porque parece impossível.

Como amar quem te odeia? Como fazer bem a quem te faz mal? Como orar por quem te persegue?

Deixa eu te dizer uma coisa, meu filho: esse mandamento não é para os fracos. É para os fortes. Porque qualquer um consegue amar quem lhe ama. Isso é fácil, é natural. Mas amar o inimigo? Isso exige uma força que poucos têm.

— Mas Pai Jacó — interrompi — amar o inimigo não é aceitar o mal que ele faz? Não é deixar ele continuar fazendo o mal?

— Não, meu filho. **Amar o inimigo não é concordar com ele. Não é deixar ele te destruir.** Não é ser bôbo. Você pode e deve se defender, se proteger, proteger quem você ama. **Mas pode fazer isso sem ódio no coração.**

Amar o inimigo é você não deixar que o ódio dele plante ódio em você. É você não se tornar igual a ele. É você desejar que ele melhore, que ele se transforme, que ele encontre a luz.

Olha, quando você odeia alguém, quem mais sofre? O outro ou você? Você, sempre você. **O ódio é um veneno que você toma esperando que o outro morra**. É uma fogueira que você acende no seu próprio peito.

Amar o inimigo é você se libertar desse veneno. É você apagar essa fogueira. Não pelo bem dele, mas pelo seu próprio bem.

Pai Jacó fez uma pausa:

— E tem outra coisa: na maioria das vezes, seus inimigos não são tão inimigos assim. São pessoas que erraram com você, que te magoaram, que te fizeram injustiça. Mas são pessoas. Pessoas falhas, como você, como eu, como todo mundo.

Quando você olha para o inimigo e vê uma pessoa imperfeita, em vez de um monstro, fica mais fácil perdoar. Fica mais fácil desejar o bem, mesmo que de longe.

O Espiritismo explica que muitas vezes nossos inimigos são espíritos com quem temos dívidas de vidas passadas. Ou que vieram para nos ensinar alguma coisa. Ou que estão cumprindo um papel, sem saber, no nosso processo de evolução. Quando a gente entende isso, fica diferente. Fica menos pessoal.

E Jesus sabia disso. Por isso pediu para amar os inimigos. **Porque o ódio prende, o amor liberta**. O ódio atrasa, o amor evolui. O ódio multiplica o mal, o amor transforma.

A História do Homem que Queimou Minha Plantação

Pai Jacó ficou em silêncio por um longo momento. Depois, com a voz mais baixa, começou:

— Vou te contar uma coisa que aconteceu comigo. Uma das coisas mais difíceis que já passei.

Quando eu era mais novo, tinha um pedaço de terra onde eu plantava. Não era grande, mas era o que me sustentava. Eu trabalhava duro naquela terra, com amor, com dedicação.

Tinha um homem, vou chamar ele de José, que morava perto. Ele tinha inveja de mim. Inveja porque minha plantação crescia bem e a dele não. Inveja porque as pessoas me respeitavam e ele não tinha amigos. Inveja boba, mas que comia o coração dele.

Ele começou a fazer coisas pequenas. Soltava o gado dele na minha plantação. Espalhava boatos sobre mim. Coisas assim. Eu tentava ignorar, tentava não revidar.

Mas um dia, ele fez uma coisa que não dá para ignorar. Numa noite de muito vento, ele botou fogo na minha plantação. Queimou tudo. Anos de trabalho, a comida da minha família, tudo virou cinza.

Pai Jacó parou, a voz embargada. Limpou os olhos antes de continuar:

— Quando eu vi aquilo, no dia seguinte, eu senti um ódio que nunca tinha sentido na vida. Um ódio que queimava mais que o fogo que destruiu minha plantação. Eu queria vingança. Queria fazer ele pagar. Queria destruir ele como ele me destruiu.

Todo mundo sabia que tinha sido ele. As pessoas me diziam: "*Vai à polícia, Pai Jacó. Faça justiça*". E eu ia fazer isso mesmo. Estava decidido.

Mas naquela noite, antes de dormir, eu peguei o Evangelho para ler. E sabe que trecho caiu? "*Amai os vossos inimigos*".

Eu fechei o livro com raiva. "*Isso é fácil falar*", pensei. "*Difícil é fazer quando queimaram tudo que você tem*".

Mas as palavras ficaram martelando na minha cabeça. Amai os vossos inimigos. Amai os vossos inimigos.

Não consegui dormir. Fiquei a noite toda brigando comigo mesmo. Uma parte de mim queria vingança. Outra parte sabia que Jesus estava certo.

No dia seguinte, em vez de ir à polícia, eu fui à casa de José.

Pai Jacó fez uma pausa longa:

— Ele estava esperando. Achando que eu ia chegar batendo, ameaçando. Mas eu só perguntei: "*Por quê?*"

Ele ficou sem graça. Não conseguia me olhar nos olhos. Finalmente disse: "*Porque eu queria te destruir. Porque eu te invejava*".

E sabe o que eu disse? "*Você conseguiu. Destruiu minha plantação. Mas não vai destruir minha alma. Eu não vou te odiar. Não vou te fazer mal. Mas também não posso ter você como vizinho. Você é perigoso*."

Ele ficou espantado. Esperava ódio e encontrou... não era bem amor, mas também não era ódio. Era uma firmeza triste.

Eu reconstruí tudo. Com ajuda de amigos, com muito trabalho. E José se mudou dali uns meses depois. Não aguentou o peso da consciência e a vergonha diante da comunidade.

Anos se passaram. Muitos anos. Um dia, apareceu na minha porta um homem velho, doente, curvado. Era José.

Ele veio pedir perdão. Disse que aquilo tinha corroído a vida dele, que nunca teve paz, que precisava do meu perdão antes de morrer.

E sabe o que eu senti? Pena. Não ódio, não raiva. Pena. Porque ele tinha se punido mais do que eu jamais poderia puni-lo.

Eu perdoei. De coração. E pedi para ele entrar, dei comida para ele, conversamos. Ele chorou. Eu chorei. E quando ele foi embora, eu senti que tinha fechado uma ferida que estava aberta há décadas.

Pai Jacó me olhou com os olhos úmidos:

— Vê, meu filho? Eu não amei ele na hora. Não consegui. Mas eu não odiei. Não me vinguei. E com o tempo, o que restou no meu coração foi compaixão. Porque ele sofreu mais que eu. Eu perdi uma plantação, mas ele perdeu a paz.

Amar o inimigo às vezes é isso: **não sentir amor, mas não deixar o ódio crescer.** É escolher não se vingar. É desejar que a pessoa melhore, mesmo que de longe. E um dia, se Deus quiser, esse não-ódio se transforma em compaixão. E a compaixão se transforma em amor.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto, olhando para onde antes havia a plantação que foi queimada, agora cheia de árvores frutíferas.

— Meu filho, você tem inimigos? Pessoas que te fizeram mal? Que te traíram? Que te machucaram?

Se tem, me responde: o ódio que você sente por essas pessoas está fazendo bem para você? Está trazendo paz? Está te fazendo feliz? Ou está te consumindo por dentro?

Amar o inimigo não é ser fraco. É ser forte o suficiente para quebrar o ciclo do ódio. É você dizer: "*Você me fez mal, mas eu não vou me fazer mal odiando você*".

Você não precisa ser amigo. Não precisa confiar de novo. Pode manter distância, pode se proteger. Mas pode fazer isso sem veneno no coração.

E quando você consegue olhar para quem te fez mal e sentir pena, em vez de ódio, você está livre. Porque o ódio é uma prisão. E quem ama os inimigos é livre.

Jesus não pediu isso porque é bonito. Pediu porque funciona. Porque o ódio multiplica o mal, mas o amor, mesmo pelo inimigo, multiplica o bem.

Ore pelos que te perseguem. Não porque eles merecem, mas porque você merece a paz que vem quando você para de odiar.

Faça bem aos que te odeiam. Não porque você é bôbo, mas porque você é sábio. Sábio o suficiente para saber que só o bem vence o mal.

Ame seus inimigos. Não com sentimento, se não conseguir, mas com vontade. Com a vontade de não se envenenar com ódio. Com a vontade de ser melhor que o mal que te fizeram.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, olhei para as árvores frutíferas onde antes havia a plantação queimada. Vida nova nascendo onde houve destruição.

E entendi: **amar os inimigos não é sobre eles. É sobre você. É sobre não deixar que o mal deles destrua o bem em você**. É sobre plantar vida onde quiseram plantar morte.

É o mandamento mais difícil. Mas talvez seja o mais libertador.

CAPÍTULO 13
Que a Mão Esquerda Não Saiba o Que Faz a Direita

Cheguei à casa de Pai Jacó logo pela manhã. Ele estava colocando uma sacola na porta de uma casa vizinha, discretamente, e voltando rapidinho.

— O que era aquilo? — perguntei, curioso.

Ele sorriu meio sem graça:

— Nada demais. Uns alimentos. A dona da casa está passando aperto.

— Ela sabe que foi você?

— Não precisa saber — disse ele, simplesmente.

Sentamos na varanda e ele já emendou:

— Aliás, esse é o tema de hoje. Caridade sem ostentação.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou sem rodeios:

— Jesus disse: "*Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita*". É um jeito de dizer: faça o bem em silêncio. Não precisa anunciar, não precisa aparecer, não precisa ser reconhecido.

Por quê? Por várias razões, meu filho.

Primeira: quando você anuncia o bem que faz, contamina a ação. O bem deixa de ser puro. Você passa a fazer não só pelo bem em si, mas pelo reconhecimento. E aí perde o valor espiritual. Você já recebeu sua recompensa aqui na Terra - os elogios, os aplausos - e não vai receber no plano espiritual.

Segunda: quando você divulga o bem que faz, pode humilhar quem recebe. A pessoa que você ajudou pode se sentir diminuída, exposta, constrangida. A caridade verdadeira deve dignificar quem recebe, não humilhar.

Terceira: quando você faz o bem escondido, protege seu coração do orgulho. Porque o orgulho é traiçoeiro. Ele se infiltra nas melhores ações. Você começa fazendo o bem com pureza, mas se fica divulgando, falando, se vangloriando, o orgulho vai crescendo e estragando tudo.

— Mas Pai Jacó — perguntei — às vezes é preciso divulgar para inspirar outros, não é?

— Ah, tem diferença, meu filho. Uma coisa é você contar sobre uma causa, sobre um trabalho social, para motivar outras pessoas a participarem. Outra coisa é você ficar se exibindo: "*Olha o que eu fiz, olha quanto eu doei, olha como eu sou bom*".

A divulgação de uma causa é boa. A divulgação de si mesmo é vaidade.

Pai Jacó continuou:

— A caridade silenciosa tem um poder especial. Ela toca o coração de quem dá e de quem recebe de uma forma mais profunda. Porque não tem teatro, não tem plateia. É só amor puro, fluindo de um coração para outro.

E tem outra coisa: quando você faz o bem escondido, você confia em Deus. Porque você não está buscando reconhecimento humano. Você confia que Deus vê, que Deus sabe, que Deus vai retribuir. E Deus sempre retribui, meu filho. Pode não ser do jeito que você espera, mas sempre retribui.

O Espiritismo ensina que toda ação boa fica gravada no nosso espírito. Não precisa de testemunhas humanas. O universo inteiro testemunha. E quando voltamos ao plano espiritual, vemos claramente o valor de cada gesto nosso, mesmo os mais escondidos.

A História do Benfeitor Anônimo

Pai Jacó se recostou na cadeira e começou:

— Vou te contar sobre uma situação que aconteceu aqui na comunidade, há uns quinze anos.

Tinha uma escola pequenininha, de educação infantil, que estava ameaçada de fechar. Não tinha dinheiro para reformar o prédio, comprar materiais, pagar os professores direito. A diretora estava desesperada.

Um dia, ela chegou à escola e encontrou um envelope embaixo da porta. Dentro tinha dinheiro. Bastante dinheiro. Suficiente para resolver os problemas mais urgentes. Junto tinha um bilhete: "*Para a escola. De alguém que acredita na educação*".

A diretora ficou surpresa, aliviada, grata. Tentou descobrir quem era o doador, mas não conseguiu. Ninguém sabia, ninguém tinha visto.

No mês seguinte, outro envelope. E no outro mês, outro. Durante dois anos, todo mês chegava aquele envelope misterioso. Sempre a mesma letra, sempre anônimo. A escola se recuperou, prosperou, pôde até aumentar o número de vagas.

A comunidade inteira especulava quem seria o benfeitor. Alguns diziam que era o comerciante rico. Outros achavam que era o fazendeiro. Outros apostavam no médico. Todo mundo queria saber.

Mas ninguém descobriu.

Até que, dois anos depois dos envelopes começarem a chegar, eles pararam. De repente. A diretora ficou preocupada, mas a escola já estava estável, então conseguiram continuar.

Algumas semanas depois, morreu uma senhora da comunidade. Dona Luzia. Uma viúva simples, que morava sozinha, que trabalhava como costureira. Ninguém sabia que ela tinha dinheiro.

Pai Jacó fez uma pausa:

— No inventário, descobriram que ela tinha algumas economias. Não era rica, mas tinha guardado um dinheiro ao longo da vida. E descobriram também um caderninho onde ela anotava todas as doações que fazia para a escola. Valores, datas. Tudo certinho.

Era ela. Dona Luzia. A costureira humilde era a benfeitora anônima.

E sabe o que mais descobriram? Que ela tinha reduzido seus próprios gastos para poder doar. Comia mais simples, comprava menos roupas, economizava em tudo. Para dar para a escola. Em silêncio.

No enterro dela, a diretora da escola chorou muito. Quis fazer uma homenagem póstuma, colocar o nome dela na escola. Mas os parentes disseram que ela tinha deixado um pedido por escrito: "*Não quero meu nome em nada. Fiz o que fiz por amor às crianças, não por reconhecimento*".

E o pedido foi respeitado.

Pai Jacó me olhou:

— Dona Luzia podia ter doado com alarde. Podia ter ido à escola dizendo "*olha o que eu estou fazendo por vocês*". Podia ter exigido que pusessem o nome dela numa placa, numa sala, num troféu. Mas ela não quis nada disso.

Ela fez o bem pelo bem. A mão esquerda dela realmente não sabia o que a direita fazia. E sabe o que aconteceu? Ela morreu em paz. Morreu com a consciência tranquila de quem fez o que devia sem esperar nada em troca.

E o legado dela? Ah, o legado dela está vivo. Nas crianças que estudaram naquela escola. Nos professores que puderam continuar ensinando. Na comunidade que tem aquele espaço de educação.

O nome dela não está em placa nenhuma aqui na Terra. Mas eu tenho certeza que está gravado em letras de luz no plano espiritual.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto, depois perguntou:

— Meu filho, quando você faz o bem, qual é sua primeira vontade? Contar para alguém? Postar nas redes sociais? Garantir que as pessoas saibam o quanto você é generoso?

Ou você consegue fazer e ficar quieto? Consegue dar sem esperar reconhecimento? Consegue ajudar e deixar que só Deus saiba?

Eu sei que não é fácil. O ego grita pedindo reconhecimento. A gente quer ser visto como bom, como generoso. É natural. Mas é aí que está o desafio espiritual.

Faça o bem e cale. Ajude e não conte. Doe e não divulgue. Deixe que sua recompensa venha de Deus, não dos homens.

Porque os aplausos dos homens são barulho que passa. Mas a paz de consciência de quem faz o bem em silêncio é música eterna na alma.

E não estou dizendo para você nunca falar sobre o bem que faz. Às vezes é preciso, para inspirar, para mobilizar, para ensinar. Mas examine seu coração: você está falando para inspirar outros ou para se exibir? Está divulgando a causa ou divulgando você?

A diferença está na intenção. E você sabe qual é sua intenção.

Jesus foi claro: quando deres esmola, que a mão esquerda não saiba o que faz a dreita. Por quê? Para manter o coração puro. Para que a vaidade não estrague a caridade. Para que o bem seja realmente bem, sem contaminação do ego.

Seja um benfeitor anônimo quando puder. Faça o bem nas sombras. E confie que Deus vê. Porque Ele vê. E Ele nunca esquece.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, pensei naquela sacola que ele tinha deixado na porta da vizinha. Ela nunca ia saber que foi ele. E ele não se importava.

Pensei em Dona Luzia, costurando sozinha, economizando para poder doar, e levando seu segredo para o túmulo.

E me perguntei: quantas vezes eu fiz o bem e corri para contar? Quantas vezes busquei reconhecimento em vez de apenas fazer o que era certo?

Decidi que ia tentar. Fazer o bem e calar. Deixar que a mão esquerda ficasse ignorante. E confiar que Deus vê, mesmo quando ninguém mais vê. Porque no fim, é o olhar Dele que importa.

CAPÍTULO 14
Honrar Pai e Mãe

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde de sábado. Ele estava arrumando umas fotografias antigas num álbum. Quando me viu, mostrou uma foto desbotada.

— Meus pais — disse ele, com ternura na voz. — Já se foram há muitos anos, mas não passa um dia que eu não pense neles.

Sentamos na varanda e ele guardou o álbum com cuidado.

— Hoje vamos falar de família — disse ele. — De honrar pai e mãe.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com aquela serenidade de sempre:

— "*Honra teu pai e tua mãe*" é um dos mandamentos mais antigos. E não é só dos judeus, não. Todas as culturas, todas as religiões, todas as filosofias ensinam isso. Por quê? Porque é uma lei natural.

Seus pais te trouxeram ao mundo. Te alimentaram quando você não podia se alimentar. Te protegeram quando você não podia se proteger. Te ensinaram a andar, a falar, a viver. Você deve a eles sua própria existência neste mundo.

Mas, honrar pai e mãe não é só agradecer por isso. É mais profundo.

— Como assim, Pai Jacó? — perguntei.

— Olha, **honrar não é o mesmo que obedecer cegamente**. Quando você é criança, sim, deve obedecer. Mas quando cresce, honrar é outra coisa. **É respeitar, é cuidar, é dar atenção, é reconhecer o valor deles.**

Tem gente que acha que honrar pai e mãe é concordar com tudo que eles dizem. Não é. Você pode discordar dos seus pais e ainda assim honrá-los. Você pode seguir um caminho diferente do que eles queriam e ainda assim respeitá-los.

Honrar é não abandonar. É não desprezar. É não se envergonhar deles quando ficam velhos, doentes, dependentes. É dar a eles, na velhice, o cuidado que eles te deram na infância.

E tem mais uma coisa importante: honrar pai e mãe não significa que eles são perfeitos. **Muitos pais erram. Muitos pais machucam. Muitos pais falham.** Mas mesmo assim, você pode honrar o papel deles, a função deles, mesmo que a pessoa não tenha cumprido bem esse papel.

Pai Jacó fez uma pausa:

— O Espiritismo ensina algo muito importante sobre isso: seus pais não foram escolhidos por acaso. **Você escolheu encarnar naquela família, com aqueles pais, por alguma razão**. Pode ser para aprender, pode ser para ensinar, pode ser para resgatar dívidas do passado, pode ser para fortalecer laços de amor.

Então quando você olha para seus pais através dessa perspectiva espiritual, fica diferente. Mesmo que eles tenham sido difíceis, eles fizeram parte do seu plano de evolução. E isso merece reconhecimento.

— E quem teve pais muito ruins, Pai Jacó? Pais violentos, abusivos?

— Ah, meu filho, esses são os casos mais difíceis. E eu não vou dizer que é fácil honrar pais assim. Não é. Às vezes, o melhor que você pode fazer é manter distância, se proteger, mas sem guardar ódio no coração.

Honrar, nesses casos, pode ser apenas perdoar. Não conviver, se não for possível. Mas perdoar. E reconhecer que eles também são espíritos imperfeitos, que erraram gravemente, mas que um dia vão ter que responder por isso e aprender.

A História da Mãe Difícil

Pai Jacó suspirou fundo antes de começar:

— Vou te contar sobre uma mulher que eu conheci, chamada Helena. Ela tinha uma mãe muito difícil. Dona Brígida era o nome dela.

Dona Brígida era uma mulher amarga, crítica, que nunca estava satisfeita com nada. Criticava tudo que Helena fazia. Se Helena arrumava o cabelo de um jeito, estava errado. Se arrumava de outro, também estava errado. Quando se casou, o marido não prestava. Se trabalhava, estava negligenciando a casa. Se ficava em casa, era preguiçosa.

Helena cresceu com aquela crítica constante. Desenvolveu problemas de autoestima, de confiança. Sofria muito. E quanto mais crescia, mais se afastava da mãe. Chegou um ponto que mal se falavam.

Quando Helena começou a frequentar o centro espírita, ela trouxe toda essa mágoa. Dizia: "*Pai Jacó, eu não aguento mais minha mãe. Ela me fez tanto mal. Como posso honrar alguém que só me criticou a vida toda?*"

Eu conversava com ela, explicava sobre perdão, sobre compreensão. Mas era difícil. A ferida era profunda.

Um dia, numa sessão de estudo, estávamos lendo sobre a **lei de causa e efeito**. E Helena teve uma ideia. Ela me procurou depois e disse:

— Pai Jacó, e se eu escolhi essa mãe difícil para aprender alguma coisa? E se eu, em outra vida, fui uma mãe crítica assim? E se estou recebendo de volta o que dei?

Eu respondi: "*Pode ser. Mas mesmo que não seja, mesmo que não tenha explicação cármica, sua mãe é uma pessoa sofredora. Ninguém é amargo assim sem estar sofrendo por dentro*."

Isso mudou alguma coisa em Helena. Ela começou a olhar para a mãe com outros olhos. Não com pena, mas com compreensão. Percebeu que dona Brígida tinha tido uma vida difícil, tinha sido criada por pais ainda mais duros, nunca tinha conhecido amor de verdade.

Helena decidiu tentar. Não ia mudar a mãe, ela sabia disso. Mas ia mudar a forma como reagia à mãe.

Começou a visitá-la mais. Quando a mãe criticava, em vez de revidar ou chorar, ela respirava fundo e dizia: "*Tá bom, mãe. Eu te amo mesmo assim.*"

No começo, dona Brígida estranhava. Ficava até mais brava, porque não sabia lidar com aquilo. Mas Helena persistiu. Com paciência, com amor, sem esperar que a mãe mudasse.

Pai Jacó continuou:

— Passou-se um ano. Dona Brígida adoeceu. Precisou de cuidados. E quem estava lá? Helena. Cuidando, dando banho, dando comida, fazendo tudo com carinho.

Um dia, dona Brígida, já bem fraquinha, segurou a mão de Helena e disse algo que nunca tinha dito na vida: "*Obrigada, filha. Você é melhor do que eu mereço*."

Helena chorou. Chorou anos de mágoa que estavam guardados. Mas chorou também de alívio. Porque tinha conseguido honrar a mãe, apesar de tudo.

Dona Brígida morreu algumas semanas depois. E Helena me disse: "*Pai Jacó, eu não tive a mãe que eu queria. Mas eu pude ser a filha que eu queria ser. Honrei-a não porque ela mereceu, mas porque eu precisava fazer isso pela minha própria alma*."

Anos depois, Helena recebeu uma comunicação mediúnica. Era da mãe, do plano espiritual. Dona Brígida pedia perdão por tudo. Dizia que só agora, do outro lado, entendia o mal que tinha feito. E agradecia à filha por ter sido melhor que ela.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Honrar pai e mãe às vezes é isso: fazer o certo mesmo quando eles não fazem. Dar amor mesmo quando nunca recebeu. Cuidar, mesmo quando foi negligenciado.

Não é sobre eles merecerem. É sobre você merecer a paz de saber que fez sua parte. Que não devolveu mal por mal. Que honrou o mandamento, mesmo quando era difícil.

Para Refletir

Pai Jacó pegou novamente o álbum de fotos e olhou para a imagem dos pais.

— Meu filho, como está sua relação com seus pais? Você os honra? Não só com palavras, mas com ações?

Se eles ainda estão vivos, você dá atenção a eles? Telefona, visita, se importa? Ou está sempre muito ocupado, sempre deixando para depois?

Se eles já partiram, você guarda boa lembrança? Fala deles com respeito? Ou guarda mágoas, ressentimentos?

Honrar pai e mãe não é fingir que eles foram perfeitos. É reconhecer o que eles fizeram de bom e perdoar o que fizeram de ruim. É lembrar que eles também são humanos, também falham, também erram.

E se seus pais foram muito ruins, se te machucaram profundamente, honrar pode ser apenas não perpetuar o mal. Pode ser você escolher ser diferente. Ser o pai ou a mãe que você gostaria de ter tido. **Quebrar o ciclo**.

Os pais não são eternos neste mundo. Um dia eles vão partir. E aí não adianta arrependimento. Não adianta "*deveria ter feito*".

Então faça agora. Honre agora. Da forma que puder, na medida em que puder. Mas honre.

Porque esse mandamento vem com uma promessa: "*para que se prolonguem teus dias sobre a terra*". Não é ameaça, é consequência natural. Quem honra os pais, ensina os filhos a honrá-los também. E constrói uma corrente de amor e respeito que passa de geração em geração.

Mas quem desrespeita os pais, ensina os filhos a desrespeitá-los também. E vai colher, na velhice, o mesmo desrespeito que plantou.

É lei natural. É justiça divina.

Quando saí da casa de Pai Jacó naquele dia, parei antes de ir embora. Peguei o telefone e liguei para minha mãe. Só para dizer que eu a amava.

Ela ficou surpresa, perguntou se estava tudo bem. Eu disse que sim, que só queria falar isso.

Depois liguei para meu pai. A mesma coisa.

Eram chamadas simples, rápidas. Mas necessárias.

Porque honrar pai e mãe não é só um mandamento. É um ato de sabedoria. **É reconhecer que somos elos de uma corrente**. E que devemos cuidar dos elos que vieram antes de nós, como esperamos que cuidem dos elos que virão depois.

É sobre gratidão. É sobre amor. É sobre família, no sentido mais profundo e mais espiritual da palavra.

CAPÍTULO 15
Fora da Caridade Não Há Salvação

Cheguei à casa de Pai Jacó num domingo pela manhã. Ele estava voltando da rua, carregando uma cesta vazia.

— Fui levar umas coisas para a família do Toninho — explicou. — O filho deles está doente e eles estão sem conseguir trabalhar.

Sentamos na varanda e ele foi direto ao assunto:

— Hoje vamos falar da frase mais importante do Espiritismo: fora da caridade não há salvação.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com ênfase:

— "*Fora da caridade não há salvação*". Essa frase resume tudo, meu filho. **Todo o Evangelho, toda a Doutrina Espírita, toda a evolução espiritual está contida aqui.**

Mas primeiro, vamos entender o que é caridade. Porque muita gente pensa que caridade é só dar dinheiro para os pobres, doar roupas, dar comida. Isso é caridade, sim, mas é só uma parte pequena.

Caridade é amor em ação. É você amar o próximo não só com palavras ou sentimentos, mas com atitudes concretas.

Tem caridade material: dar o que a pessoa precisa - comida, roupa, remédio, abrigo. Tem caridade moral: consolar quem sofre, dar atenção a quem está sozinho, ter paciência com quem erra. E tem caridade intelectual: ensinar quem não sabe, esclarecer quem está confuso, orientar quem está perdido.

Jesus resumiu toda a lei em duas coisas: amar a Deus e amar ao próximo. Mas como você prova que ama a Deus? Amando suas criaturas. Como você prova que ama ao próximo? Praticando a caridade.

— Mas Pai Jacó — perguntei — e quem reza, quem frequenta a igreja, quem estuda a doutrina espirita? Isso não conta?

— Conta, meu filho. Mas não basta. Você pode rezar todos os dias, ir à igreja todos os domingos, saber a doutrina de cor, e mesmo assim não se salvar. Por quê? Porque falta a caridade.

A salvação, no sentido espírita, não é ir para o céu ou escapar do inferno. É evoluir, é crescer espiritualmente, é se aproximar de Deus. **E você só faz isso através da caridade.**

Pode ser o médium mais extraordinário, pode receber mensagens dos espíritos mais elevados, pode ter visões e revelações. Mas se não tem caridade, de que adianta? O que adianta conversar com os espíritos se você não vê a dor do irmão que está ao seu lado?

Pode ser o estudioso mais dedicado, conhecer todos os livros, entender todas as teorias. Mas se não tem caridade, o conhecimento não te eleva. Só infla o ego.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Fora da caridade não há salvação. É radical, mas é verdade. Porque **a caridade é o único caminho de evolução espiritual**. É através dela que a gente vence o egoísmo, que é a raiz de todos os males.

O Espiritismo veio corrigir uma frase antiga que dizia "*fora da igreja não há salvação*". Isso estava errado. Não é a igreja que salva. Não é a religião. Não é o conhecimento. É a caridade.

Você pode ser de qualquer religião, ou de religião nenhuma. Pode acreditar em Deus ou duvidar Dele. Mas se você pratica a caridade, você está no caminho da evolução. E se você não pratica, não está. Simples assim.

A História do Homem que Só Orava

Pai Jacó se acomodou na cadeira e começou:

— Vou te contar sobre dois homens que eu conheci. Vou chamar um de Eusébio e outro de Damião.

Eusébio era muito religioso. Frequentava o centro espírita toda semana. Conhecia todos os livros de Kardec. Sabia fazer preces bonitas, que emocionavam todo mundo. Tinha mediunidade, recebia mensagens. Era respeitado na comunidade.

Mas tinha um problema: Eusébio não praticava a caridade. Quando alguém pedia ajuda, ele dizia: "*Vou orar por você*". Quando via alguém precisando, ele pensava: "*É prova dele, não posso interferir*". Quando tinha oportunidade de ajudar concretamente, ele estava sempre ocupado demais com as atividades do centro.

Ele achava que estava bem com Deus porque orava muito, estudava muito, frequentava o centro. Mas não estendia a mão para ninguém.

Já Damião era diferente. Ele mal sabia ler. Ia ao centro de vez em quando, mas não entendia muito bem as coisas. Não sabia fazer preces elaboradas, não tinha mediunidade, não conhecia a doutrina profundamente.

Mas Damião vivia ajudando os outros. Trabalhava como marceneiro, ganhava pouco, mas sempre achava um jeito de ajudar. Via alguém passando fome, dividia a comida dele. Via alguém com problema, largava o que estava fazendo para ajudar. Não tinha dinheiro para dar, mas dava tempo, dava trabalho, dava atenção.

Pai Jacó continuou:

— Um dia, um rapaz da comunidade ficou muito doente. Precisava de cuidados constantes, alguém para ficar com ele, para dar remédio nas horas certas, para fazer comida especial. A família era pobre, não tinha como pagar enfermeiro.

Eusébio, quando soube, disse: "*Que situação difícil. Vou fazer uma prece especial por ele*". E fez uma prece linda, comovente. Mas não foi lá ajudar. Estava muito ocupado com os compromissos do centro.

Damião, quando soube, foi lá. Ofereceu´se para dormir na casa, para cuidar do rapaz à noite. Fez isso durante semanas. Perdia horas de sono, perdia dias de trabalho, mas ficava lá, cuidando.

O rapaz se recuperou. E quando melhorou, ele disse algo que marcou todo mundo: "*Eu recebi muitas orações. Elas me fizeram bem, sim. Mas o que me salvou foi a caridade do Damião. Porque ele não só orou, ele agiu*."

Pai Jacó fez uma pausa longa:

— Passaram-se os anos. Os dois homens desencarnaram. E depois, através da mediunidade, soubemos um pouco da situação de cada um no plano espiritual.

Eusébio, com toda sua religiosidade, com todo seu conhecimento, estava em uma situação difícil. Ele tinha acumulado muito conhecimento na cabeça, mas pouco amor no coração. E no mundo espiritual, o que conta não é o que você sabe, mas o que você é. Ele precisou passar por um processo de conscientização doloroso, percebendo todas as vezes que teve oportunidade de ajudar e não ajudou.

Já Damião, com toda sua simplicidade, estava numa condição muito boa. Ele não entendia muito de doutrina, não sabia explicar teorias,

mas tinha amado muito. **E o amor é a moeda que vale no plano espiritual.**

Um espírito mentor disse algo que nunca esqueci: "*Eusébio sabia o caminho, mas não andou nele. Damião mal conhecia o caminho, mas andou nele mesmo assim.*"

Pai Jacó me olhou com intensidade:

— Fora da caridade não há salvação, meu filho. Não importa quanto você ora. Não importa quanto você estuda. Não importa qual sua religião. O que importa é: você ama? E não só sente amor, mas pratica amor?

Porque o amor que não age não é amor. É sentimento bonito, mas estéril. **O amor verdadeiro se manifesta em atos concretos de caridade.**

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto, olhando para a cesta vazia que tinha usado para levar alimentos ao vizinho.

— Meu filho, me responde com sinceridade: você está mais parecido com Eusébio ou com Damião?

Você ora, estuda, frequenta um centro espírita ou uma igreja. Isso é bom, é importante. Mas você pratica caridade? Você ajuda concretamente as pessoas que estão ao seu redor?

Ou você é daqueles que dizem "*vou orar por você*", mas não move um dedo para ajudar? Que teoriza sobre amor mas não demonstra amor? Que sabe tudo sobre caridade mas não pratica caridade?

Porque no final, no plano espiritual, ninguém vai te perguntar quantos livros você leu, quantas preces você fez, quantas reuniões

você frequentou. Vão te perguntar: quanto você amou? Como você tratou seus irmãos? O que você fez pelos que precisavam?

A caridade não precisa ser grande. Pode ser pequena. Uma palavra de conforto. Um copo de água. Uma hora de atenção. Um abraço sincero. Uma ajuda prática. O importante não é o tamanho, é a sinceridade.

E não espere ter muito para começar a dar. Dê o que você tem. Dê o que você pode. Dê o que você é. **Porque o valor da caridade não está no que você dá, mas no amor com que você dá.**

Fora da caridade não há salvação. Isso não é ameaça. É constatação. Porque a caridade é o termômetro da evolução espiritual. Quanto mais você evolui, mais você ama. E quanto mais você ama, mais você pratica caridade.

Então comece agora. Hoje. Olhe ao seu redor e veja quem precisa. E ajude. De alguma forma, ajude. Porque cada ato de caridade é um degrau que você sobe na escada da evolução.

E no fim, quando você voltar ao mundo espiritual, você vai agradecer por cada oportunidade que teve de praticar caridade. Porque essas oportunidades, aparentemente simples, eram na verdade chances de crescer, de evoluir, de se aproximar de Deus.

Fora da caridade não há salvação. Mas dentro da caridade, há tudo: há paz, há crescimento, há felicidade, há Deus.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, fiquei pensando em tudo que tinha ouvido. E me senti desconfortável. Porque eu era mais parecido com Eusébio do que gostaria de admitir.

Eu estudava, frequentava, lia, discutia a doutrina. Mas quanto eu realmente ajudava? Quanto eu praticava de toda aquela teoria que eu conhecia?

Decidi mudar. Não drasticamente, mas começar. Olhar ao redor. Ver as necessidades. E agir.

Porque fora da caridade não há salvação. E eu quero me salvar. Não do inferno, que não existe. Mas da mediocridade espiritual. Do egoísmo. Da indiferença.

Quero evoluir. E só há um caminho: amar. Amar praticando, não só sentindo. Amar fazendo caridade, não só falando sobre ela.

É simples? Não. É difícil. Mas é o único caminho.

CAPÍTULO 16
Não Se Pode Servir a Deus e a Mamom

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde de terça-feira. Ele estava na varanda, remendando uma camisa velha com linha e agulha.

— Ainda dá para usar — disse ele, mostrando a camisa. — Não precisa comprar nova enquanto essa aqui serve.

Guardou a costura e me olhou:

— Hoje vamos falar de uma escolha que todo mundo tem que fazer: Deus ou o dinheiro.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com firmeza:

— Jesus disse: "*Não podeis servir a Deus e a Mamom*". Mamom era como chamavam o dinheiro, a riqueza material. E Jesus foi claro: você tem que escolher. Não dá para servir aos dois.

Mas atenção: Jesus não disse que é errado ter dinheiro. **Ele disse que é errado servir ao dinheiro**, fazer dele seu deus, seu objetivo final.

Tem diferença, meu filho. Você pode ter dinheiro e servir a Deus. Pode ser rico e ser bom. Pode ter posses e usar essas posses para o bem. Mas você não pode fazer do dinheiro o centro da sua vida, o seu amo, o seu objetivo maior.

— Como saber se a gente está servindo ao dinheiro? — perguntei.

— Ah, é fácil perceber. Se você está disposto a fazer qualquer coisa por dinheiro, mesmo coisas erradas, você está servindo ao dinheiro. Se você mente, rouba, engana, explora, pisoteia os outros para ganhar mais, você está servindo ao dinheiro.

Se você não tem tempo para família porque está sempre trabalhando para ganhar mais. Se você não ajuda ninguém porque tem medo de perder o que tem. Se você não dorme de noite pensando em dinheiro, preocupado em ganhar mais, com medo de perder o que tem. Aí você está servindo ao dinheiro.

O dinheiro virou seu amo. E você virou escravo dele.

Agora, se você trabalha honestamente, ganha seu sustento, tem suas coisas, mas não é controlado por elas. Se você consegue ser generoso, ajudar quem precisa, ter tempo para o que importa. Se você dorme em paz, não obcecado por dinheiro. Aí você está usando o dinheiro, não servindo a ele.

Pai Jacó continuou:

— Jesus foi radical nessa questão porque Ele sabia o perigo. O dinheiro tem um poder de sedução enorme. Ele promete segurança, felicidade, poder. E a gente acredita. A gente acha que se tiver mais, vai ser mais feliz. Mas não é verdade.

Olha ao redor: tem gente rica e infeliz. Tem gente pobre e feliz. Por quê? **Porque a felicidade não depende do quanto você tem, mas do que você é. E do quanto você ama.**

O Espiritismo explica que você não leva nada material quando desencarna. Nada. Nem um centavo. O que você leva é o que você é: seus conhecimentos, suas virtudes, seu amor. Então por que dedicar a vida toda a acumular o que você vai ter que deixar?

Não é para ser irresponsável, não é para não trabalhar, não é para viver na miséria. É para ter equilíbrio. É para saber que o dinheiro é meio, não fim. É ferramenta, não objetivo.

A História do Comerciante e a Balança Desonesta

Pai Jacó se recostou e começou:

— Vou te contar sobre um comerciante que eu conheci. Vou chamar ele de Josias.

Josias tinha uma mercearia aqui na região. Era esperto para os negócios, astuto. E ganancioso. Ele queria enriquecer rápido, não importava como.

Começou pequeno. Alterava um pouquinho o peso da balança. Cobrava um pouquinho a mais sem a pessoa perceber. Comprava produtos que sabia que estavam perto de vencer e vendia como se estivessem bons. Enganava os clientes analfabetos na conta.

Eram coisas pequenas, ele pensava. "*Todo mundo faz isso*", ele se justificava. E foi ganhando dinheiro. A mercearia cresceu. Ele abriu outra loja. Depois outra. Foi ficando conhecido, respeitado.

Mas para crescer, ele fazia coisas cada vez piores. Adulterava produtos. Explorava os empregados, pagando menos que o justo. Fazia acordos desonestos com fornecedores. Sonegava impostos.

Tudo pelo dinheiro. Ele dizia: "*Quando eu ficar rico, aí eu paro. Aí eu vou ser honesto, vou ajudar as pessoas*". Mas quanto mais ganhava, mais queria. Nunca era suficiente.

Josias enriqueceu. Tinha casa grande, carro importado, roupas caras. Era o homem mais rico da região. Mas era vazio por dentro. Não tinha amigos de verdade, só interesseiros. A família estava distante, porque ele nunca tinha tempo para eles. Vivia estressado, com medo de perder o que tinha, com medo de ser descoberto nas trapaças.

Pai Jacó fez uma pausa:

— Um dia, aconteceu uma coisa. Um dos empregados dele, um rapaz jovem, descobriu que Josias estava vendendo leite adulterado. Leite para crianças, entende? Ele misturava água, produtos químicos, para render mais.

O rapaz foi falar com Josias:

— Patrão, isso está errado. Pode fazer mal para as crianças. A gente não pode fazer isso.

Josias respondeu com frieza:

— Você quer o emprego ou não? Se não quiser, tem fila de gente querendo. Faça o que eu mando e cale a boca.

O rapaz saiu dali arrasado. Mas não conseguiu ficar calado. Foi denunciar. A fiscalização veio, investigou, descobriu tudo. Não só o leite adulterado, mas todas as outras falcatruas.

Josias foi processado, multado, perdeu as licenças para funcionar. As lojas fecharam. O dinheiro que ele tinha guardado foi para pagar dívidas, indenizações, multas. Em poucos meses, ele perdeu tudo.

E ficou sozinho. A esposa se separou dele. Os filhos não queriam mais falar com ele. Os "amigos" desapareceram. Ele que tinha sido o homem mais rico da região, estava agora sem nada e sem ninguém.

Pai Jacó continuou:

— Josias entrou em depressão profunda. Teve que recomeçar do zero, já velho, já cansado, já sem forças. Arrumou um emprego humilde, numa loja, como vendedor. Que ironia: ele que tinha sido patrão, agora era empregado.

Um dia, ele me procurou no centro espírita. Estava destruído. Disse:

— Pai Jacó, eu servi o dinheiro a vida toda. Fiz tudo pelo dinheiro. Sacrifiquei minha honestidade, minha família, minha paz. E para quê? Perdi tudo. E perdi mais que tudo: perdi a mim mesmo.

Eu perguntei:

— E agora, Josias? O que você vai fazer?

Ele respondeu:

— Agora eu vou tentar servir a Deus. Vai ser difícil, porque eu perdi muito tempo servindo a Mamom. Mas vou tentar. Vou tentar ser honesto, mesmo ganhando pouco. Vou tentar reconquistar minha família. Vou tentar encontrar paz.

E ele tentou. Mudou de vida. Vivia com muito pouco, mas vivia honestamente. Reconectou-se com os filhos, devagar, com paciência. Começou a ajudar pessoas, com o pouco que tinha.

Anos depois, quando ele desencarnou, eu fui ao enterro. Não tinha multidão, não tinha pompa. Mas tinha amor. Os filhos choraram de verdade. Alguns colegas de trabalho falaram bem dele. E eu percebi: Josias tinha perdido tudo, mas tinha ganhado o essencial. Tinha recuperado sua alma.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Não se pode servir a Deus e a Mamom. Josias tentou servir aos dois, mas o dinheiro foi dominando tudo. Até que ele perdeu o dinheiro e descobriu que tinha perdido muito mais: tinha perdido a si mesmo.

Quando ele escolheu servir a Deus, mesmo pobre, ele encontrou paz. Encontrou amor. Encontrou sentido.

Para Refletir

Pai Jacó pegou a camisa que estava remendando e mostrou:

— Olha isso aqui. É uma camisa velha. Eu podia comprar uma nova, podia me vestir melhor. Mas por quê? Essa aqui serve. Está limpa, está inteira. O que importa não é a camisa, é o coração de quem veste.

Meu filho, a quem você serve? A Deus ou a Mamom?

Seja honesto na resposta. Olha para suas escolhas. Pelo que você está disposto a sacrificar? Pelo dinheiro ou pelos princípios? Você faria algo errado se pagasse bem? Você pisaria em alguém se isso te trouxesse vantagem financeira?

Se sim, você está servindo Mamom.

Você passa mais tempo pensando em dinheiro ou em amor? Você se preocupa mais em ganhar mais ou em ser melhor? Você investe mais em bens materiais ou em crescimento espiritual?

As respostas te dirão quem é seu amo.

E não se engane: você não pode servir aos dois. Jesus foi claro. Porque servir é obedecer, é seguir, é fazer a vontade. Se sua vontade é sempre ganhar mais, acumular mais, ter mais, você está servindo Mamom. Se sua vontade é amar mais, ser melhor, fazer o bem, você está servindo a Deus.

O dinheiro não é ruim. Mas o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, como dizem as Escrituras. Porque quando você ama o dinheiro mais que as pessoas, mais que os princípios, mais que Deus, você se perde.

Escolha bem. Porque essa escolha define não só sua vida aqui, mas sua eternidade.

Sirva a Deus. Use o dinheiro como ferramenta, mas não faça dele seu deus. Trabalhe honestamente, ganhe o necessário, ajude quem puder. Mas não venda sua alma por nenhuma quantia.

Porque no fim, quando você partir, o dinheiro fica. Mas a alma vai. E ela vai com as marcas das escolhas que você fez.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, olhei para a camisa remendada dele. Simples, velha, mas limpa e digna.

E pensei nas minhas próprias escolhas. Quantas vezes escolhi o dinheiro em vez dos princípios? Quantas vezes o medo de perder me fez deixar de ajudar? Quantas vezes o desejo de ter mais me fez trabalhar demais e amar de menos?

Decidi que queria ser como Pai Jacó. Ter o suficiente, mas não ser escravo do ter. Trabalhar honestamente, mas não fazer do trabalho um ídolo. Usar o dinheiro, mas não deixar o dinheiro me usar.

Servir a Deus, não a Mamom.

É uma escolha diária. Mas é a única escolha que traz paz.

CAPÍTULO 17
Sede Perfeitos

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde quente de verão. Ele estava no quintal, tentando consertar uma cadeira que estava com um pé torto. Depois de vários ajustes, conseguiu deixá-la equilibrada.

— Pronto — disse ele, satisfeito. — Não ficou perfeita, mas ficou melhor que estava.

Lavou as mãos e viemos para a varanda.

— Essa cadeira me fez pensar no tema de hoje — disse ele. — Perfeição.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com um sorriso:

— Jesus disse: "*Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste*". Quando as pessoas ouvem isso, muitas ficam desanimadas. Pensam: "*Como vou ser perfeito? Isso é impossível! Eu erro todo dia, tenho tantos defeitos...*"

E aí param de tentar. Porque acham que, se a perfeição é impossível, para que se esforçar?

Mas não é assim, meu filho. Jesus não estava mandando a gente ser perfeito amanhã. Ele estava mostrando o objetivo final, o destino para onde todos vamos. É como dizer: "*Caminhem em direção ao norte*". Você não chega lá hoje, nem amanhã, talvez nem nesta vida. Mas você caminha. E cada passo conta.

— Então a perfeição é possível? — perguntei.

— É possível, mas não é para já. A perfeição é o fim de uma jornada muito, muito longa. Talvez milhares de existências. Mas é possível, sim. Porque Jesus não pediria algo impossível.

O importante não é ser perfeito agora. É estar melhor hoje do que ontem. É caminhar, é progredir, é não parar.

Olha, **perfeição não é não ter defeitos. É ir corrigindo os defeitos, um por um, vida após vida**. É como aquela cadeira ali. Ela estava torta. Eu consertei. Ficou melhor? Ficou. Ficou perfeita? Não. Mas está mais perto da perfeição do que estava.

Com a gente é igual. Você tem defeitos. Eu tenho defeitos. Todo mundo tem. Mas a gente pode ir trabalhando neles. Hoje você vence um pouco do orgulho. Amanhã um pouco da raiva. Depois um pouco da inveja. E assim vai, melhorando sempre.

Pai Jacó continuou:

— O Espiritismo esclarece muito bem isso. Mostra que a perfeição é relativa. Você pode ser perfeito para o seu nível. Uma criança de cinco anos que escreve o nome dela está perfeita para a idade dela, mas não está perfeita como um adulto alfabetizado.

Assim somos nós. Podemos ser perfeitos para o estágio em que estamos. E isso já é muito bom. Mas sempre há um próximo estágio, sempre há algo mais a aprender, sempre há um degrau acima.

E sabe o que é bonito? Que a caminhada para a perfeição não é um fardo. É uma aventura. Cada defeito vencido traz mais paz, mais felicidade, mais liberdade. Quanto mais você progride, melhor você se sente.

— Mas Pai Jacó — perguntei — como saber em que trabalhar? Tenho tantos defeitos...

— Ah, meu filho, **começa pelo que mais te incomoda. Pelo que mais te faz sofrer ou fazer os outros sofrerem**. Tem raiva demais? Trabalha a paciência. Tem orgulho demais? Trabalha a humildade. É egoísta demais? Trabalha a generosidade.

Um de cada vez. Não tenta ser perfeito em tudo ao mesmo tempo. Escolhe um defeito, trabalha nele, vence ele. Depois vai para o próximo. É trabalho de formiguinha, mas é assim que se chega lá.

A História do Velho Carpinteiro

Pai Jacó olhou para a cadeira consertada e começou:

— Vou te contar sobre um carpinteiro que eu conheci, o Mestre Olavo. Ele era muito velho quando o conheci, devia ter seus oitenta anos. Mas ainda trabalhava, fazendo móveis lindos.

Um dia, um jovem aprendiz chegou à oficina dele, querendo aprender o ofício. Mestre Olavo aceitou.

No primeiro dia, o jovem estava ansioso. Queria fazer logo uma mesa perfeita, uma cadeira perfeita. Pegou a madeira e começou a trabalhar com pressa.

Mestre Olavo o parou:

— Devagar, rapaz. Roma não se fez num dia.

— Mas mestre — o jovem protestou — o senhor faz móveis perfeitos. Eu quero fazer também.

Mestre Olavo sorriu:

— Perfeitos? Vem cá.

Levou o rapaz até uma estante linda, que tinha feito recentemente. De longe parecia perfeita. Mas ele apontou alguns detalhes:

— Vê aqui? Esse encaixe podia estar mais justo. E ali? Esse acabamento podia ser mais liso. E acolá? Essa madeira tem um pequeno defeito que eu não consegui tirar.

O jovem ficou surpreso:

— Mas mestre, ninguém percebe essas coisas! Para todos, está perfeito!

— Para todos, sim. Para mim, não. Porque eu sei que pode melhorar. E sabe de uma coisa? Há cinquenta anos, quando comecei, eu fazia muito pior. Há vinte anos, melhorei bastante. Há dez anos, melhorei mais. E continuo melhorando.

O mestre continuou:

— Eu nunca vou fazer um móvel absolutamente perfeito. Sempre vai ter algum detalhe que podia ser melhor. Mas cada móvel que eu faço é melhor que o anterior. Cada um é o meu melhor naquele momento. E isso basta.

O jovem perguntou:

— Então o senhor nunca ficou desanimado? Nunca pensou em desistir porque a perfeição é impossível?

— Pelo contrário — respondeu Mestre Olavo. — A busca pela perfeição é o que me mantém vivo. Se eu já fosse perfeito, para que continuar? Mas como sempre posso melhorar, sempre tenho motivação para trabalhar, para aprender, para crescer.

Pai Jacó continuou:

— O jovem aprendeu a lição. Parou de tentar fazer o móvel perfeito e começou a fazer o melhor móvel que conseguia naquele dia. E a cada dia, melhorava um pouquinho.

Anos depois, ele já era um carpinteiro muito bom. Mas um dia veio me dizer:

— Pai Jacó, eu entendi. **A perfeição não é um ponto de chegada. É uma direção. É para onde eu caminho, sempre. E cada passo nessa direção já é uma vitória.**

Pai Jacó me olhou:

— É isso, meu filho. Sede perfeitos não é uma ordem impossível. É um convite para uma jornada sem fim. Uma jornada onde cada passo te faz melhor, mais feliz, mais próximo de Deus.

Mestre Olavo nunca fez o móvel perfeito. Mas fez milhares de móveis cada vez melhores. E quando desencarnou, aos noventa e tantos anos, ainda estava aprendendo. Ainda estava melhorando.

Essa é a perfeição que Jesus pede: não parar de crescer. Não se conformar com os defeitos. Não achar *que "é assim mesmo, não tem jeito*". Sempre tem jeito. Sempre dá para melhorar.

Para Refletir

Pai Jacó ficou observando a cadeira que tinha consertado:

— Meu filho, onde você está na jornada para a perfeição? Você está caminhando ou está parado?

Você trabalha seus defeitos ou se conforma com eles? Quando você erra, você aprende e tenta fazer diferente da próxima vez? Ou você repete os mesmos erros sempre?

Você está melhor hoje do que era há um ano? Há cinco anos? Há dez anos? Ou está igual, ou pior?

Porque a perfeição não é sobre onde você está agora. É sobre para onde você está indo. É sobre o movimento, a direção, o esforço.

Ninguém espera que você seja perfeito amanhã. Mas todos esperam — você mesmo, seus irmãos, Deus — que você tente. Que você escolha um defeito e trabalhe nele. Que você escolha uma virtude e a desenvolva.

Um pouquinho hoje. Mais um pouquinho amanhã. E assim, passo a passo, você vai se aproximando da perfeição.

Pode levar vidas. Pode levar eternidades. Mas você vai chegar. Porque Deus não desiste de ninguém. E você não pode desistir de si mesmo.

Sede perfeitos. Não hoje, mas um dia. Não de repente, mas aos poucos. Não por obrigação, mas por amor. Amor a si mesmo, amor ao próximo, amor a Deus.

A jornada é longa. Mas cada passo vale a pena. Porque cada passo te faz mais leve, mais feliz, mais livre.

Então caminhe. Hoje mesmo, dê um passo. Vença um pouquinho de um defeito. Desenvolva um pouquinho de uma virtude. Faça algo que ontem você não fazia.

E amanhã, dê outro passo. E outro. E outro.

Um dia, quando você olhar para trás, vai ver que andou uma estrada enorme. E quando olhar para frente, vai ver que ainda há caminho. E vai sorrir, porque a caminhada continua. Sempre continua.

Até que um dia, muito tempo à frente, você chegue. E seja realmente perfeito, como perfeito é o Pai celeste.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, olhei para a cadeira consertada. Não estava perfeita, mas estava melhor.

E pensei: eu sou como aquela cadeira. Tenho defeitos, tenho imperfeições. Mas posso melhorar. Posso ser consertado. Posso ficar melhor a cada dia.

A perfeição não é para amanhã. Mas o próximo passo pode ser dado hoje.

E é isso que vou fazer. Um passo de cada vez. Um defeito de cada vez. Um dia de cada vez.

Em direção à perfeição. Não com pressa, mas com persistência. Não com angústia, mas com esperança.

Porque sei que vou chegar. Pode demorar, mas vou chegar.

Todos nós vamos chegar. É só questão de não parar de caminhar.

CAPÍTULO 18
Muitos os Chamados, Poucos os Escolhidos

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã de sábado. Ele estava na varanda, olhando para um grupo de crianças que brincavam na rua. Uma das mães chamou os filhos para entrar, mas só um veio imediatamente. Os outros continuaram brincando.

— Viu? — disse Pai Jacó. — Todos foram chamados, mas só um atendeu. É sobre isso que vamos falar hoje.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus disse: "*Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos*". Essa frase confunde muita gente. Parece que Deus chama todo mundo, mas só escolhe alguns. Como se fosse injusto, como se fosse loteria.

Mas não é assim. Vou te explicar.

Todos somos chamados, meu filho. Todos, sem exceção. Deus chama todos para o bem, para a evolução, para o amor. Através da consciência, através dos ensinamentos, através dos acontecimentos da vida, Ele está sempre chamando.

O problema não é o chamado. O problema é a resposta.

Muitos são chamados, mas poucos atendem. Poucos respondem. Poucos aceitam o convite. E aí ficam de fora, não porque Deus não os quis, mas porque eles mesmos não quiseram.

— Como assim, Pai Jacó? — perguntei.

— Olha, você recebe o conhecimento espiritual, aprende sobre o bem, sobre a caridade, sobre o amor. Isso é o chamado. Mas o que você faz com isso? Aplica na sua vida ou só fica sabendo?

Se você aplica, você é escolhido. **Não por Deus escolher você especificamente, mas porque você escolheu a si mesmo**. Você atendeu o chamado.

Se você só fica sabendo, mas não muda nada, não pratica nada, você não é escolhido. **Não porque Deus te rejeitou, mas porque você se excluiu**. Você ignorou o chamado.

É como aquele convite para uma festa. Todo mundo é convidado. Mas só vai quem aceita o convite, quem se prepara, quem aparece. Se você recebe o convite e ignora, você não vai. Não é culpa de quem convidou.

Pai Jacó continuou:

— O Espiritismo explica que todos os espíritos, mais cedo ou mais tarde, vão evoluir. Todos vão chegar à perfeição. Porque Deus não desiste de ninguém. Mas depende de cada um aceitar o chamado, fazer a sua parte.

Alguns atendem logo ao primeiro chamado. Esses são os escolhidos rápidos. Outros demoram, precisam de muitos chamados, de muitas vidas, de muito sofrimento até acordar. Mas um dia atendem.

O problema é o tempo desperdiçado. É receber chamado após chamado e continuar ignorando. É ter oportunidade após oportunidade e não aproveitar.

Porque cada oportunidade desperdiçada é tempo perdido na evolução. E tempo perdido é sofrimento prolongado, porque você continua preso aos seus defeitos, aos seus erros, às suas dores.

— E quem já conhece a doutrina espírita? — perguntei. — Tem mais responsabilidade?

— Muito mais, meu filho. Muito mais. Porque a quem muito foi dado, muito será cobrado. Se você conhece o caminho e não anda nele, é pior que quem não conhece. Porque você não tem desculpa da ignorância.

Por isso eu sempre digo: **cuidado com o conhecimento sem prática**. É chamado desperdiçado. É convite ignorado. É oportunidade jogada fora.

A História do Convite para a Festa

Pai Jacó se acomodou e começou:

— Vou te contar uma história que aconteceu aqui mesmo na comunidade, há uns trinta anos.

Um homem rico da região, seu Claudionor, resolveu fazer uma grande festa. Mas não era festa comum. Ele queria reunir todo mundo: ricos e pobres, conhecidos e desconhecidos. Queria promover união, fraternidade.

Mandou convites para todos. E eu digo todos mesmo: para os fazendeiros ricos, para os comerciantes, mas também para os trabalhadores braçais, para os empregados, para as lavadeiras, para os mais humildes.

No convite dizia: "*Grande festa de confraternização. Haverá comida, música, alegria. Todos estão convidados. Não precisa trazer nada, só comparecer.*"

Quando os convites chegaram, as reações foram diferentes.

Os ricos, muitos deles, olharam com desdém. "*Festa com todo mundo misturado? Com pobres? Não vou nessa, não. Que absurdo!"* E jogaram o convite fora.

Outros, também entre os ricos, disseram: "*Ah, eu queria ir, mas estou muito ocupado. Tenho negócios importantes. Talvez na próxima*." E não foram.

Entre os pobres, muitos ficaram desconfiados. "*Isso deve ser pegadinha. Ninguém convida pobre para festa de rico. Deve ter alguma coisa por trás*." E não foram por medo, por desconfiança.

Outros disseram: "*Eu queria ir, mas não tenho roupa boa. Vão rir de mim. Melhor não ir*." E não foram por vergonha.

Pai Jacó continuou:

— Mas teve gente que foi. Não muita, mas teve. Alguns ricos humildes, que entenderam a proposta. Alguns pobres corajosos, que aceitaram o convite com simplicidade. Alguns desconhecidos, que viram ali uma oportunidade de confraternizar.

A festa aconteceu. E sabe como foi? Maravilhosa. Tinha comida farta, música boa, alegria verdadeira. Ricos conversando com pobres como iguais. Pessoas que nunca tinham se falado, criando amizades. União, fraternidade, amor.

Quem foi, aproveitou muito. Saiu de lá feliz, alimentado, com amigos novos. Quem não foi, perdeu. Perdeu a comida, perdeu a alegria, perdeu a oportunidade.

E depois, quando souberam como tinha sido boa a festa, muitos se arrependeram. "*Ah, se eu tivesse ido! Mas eu estava ocupado... Mas eu tive vergonha... Mas eu desconfiei...*"

Mas já era tarde. A festa tinha acontecido. A oportunidade tinha passado.

Pai Jacó me olhou:

— É isso que Jesus quis dizer. Muitos foram chamados - todos receberam o convite. Mas poucos foram escolhidos - poucos aceitaram, poucos compareceram.

Não porque o anfitrião escolheu só alguns. Mas porque só alguns quiseram ir. Os outros tiveram seus motivos: orgulho, ocupação, medo, vergonha, desconfiança. Mas foram motivos deles, não do anfitrião.

Deus é como seu Claudionor. Chama todo mundo para a festa do reino dos céus. Manda o convite através da consciência, através dos ensinamentos, através da vida.

Mas muitos não vão. Uns por orgulho: "*Eu não preciso disso*". Outros por ocupação: "*Estou muito ocupado com as coisas do mundo*". Outros por medo ou desconfiança: "*Isso deve ser engano*". Outros por vergonha: "*Não sou digno*".

E aí ficam de fora. Não porque Deus os excluiu, mas porque eles se excluíram.

Os escolhidos são os que aceitaram o convite. Os que, apesar do orgulho, se humilharam. Os que, apesar da ocupação, arranjaram tempo. Os que, apesar do medo, confiaram. Os que, apesar da vergonha, compareceram.

Para Refletir

Pai Jacó ficou olhando para a rua, onde as crianças ainda brincavam:

— Meu filho, você recebeu o convite. Você conhece o caminho. Você sabe o que deve fazer. A pergunta é: você está fazendo?

Ou você é daqueles que recebe o chamado, mas não atende? Que sabe o certo, mas faz o errado? Que conhece a verdade, mas não vive a verdade?

Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. Não deixe de ser apenas mais um dos chamados que não atenderam. Seja um dos escolhidos que aceitaram.

E não pense que você tem todo o tempo do mundo. As oportunidades passam. A festa acontece. E se você não comparecer, vai perder. Não vai perder o céu eterno - isso não existe. Mas vai perder tempo de evolução. Vai continuar sofrendo por mais tempo, preso aos seus defeitos.

A vida está te chamando agora. Deus está te chamando agora. Através deste livro, através das pessoas que colocou no seu caminho, através das circunstâncias.

O que você vai fazer? Vai ignorar o chamado? Vai arranjar desculpas? Ou vai atender?

Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. E você escolhe se vai ser escolhido ou não. Não é Deus que escolhe por você. É você que escolhe por si mesmo.

O convite está na sua mão. A festa está acontecendo. O que você decide?

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, olhei para as crianças brincando na rua. A mãe chamou de novo, e desta vez mais duas crianças atenderam.

Pensei: quantas vezes fui chamado e não atendi? Quantos convites ignorei? Quantas oportunidades desperdicei?

Mas também pensei: ainda estou aqui. Ainda estou recebendo chamados. Ainda posso atender. Ainda posso ser escolhido.

Não porque Deus me escolhe especialmente. Mas porque eu escolho atender ao chamado.

Hoje. Agora. Não amanhã, não depois. Agora.

Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. E eu quero estar entre os poucos. Não por ser especial, mas por ter atendido quando fui chamado.

O convite está na minha mão. E eu aceito.

CAPÍTULO 19
A Fé Transporta Montanhas

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde nublada. Ele estava no quintal, olhando para uma grande pedra que tinha rolado do barranco e bloqueava parte do caminho.

— Preciso tirar isso daqui — disse ele. — Mas sozinho não consigo. Vou ter que pedir ajuda, trazer ferramentas, achar um jeito.

Sentamos na varanda e ele sorriu:

— Essa pedra me fez pensar no tema de hoje: a fé que move montanhas.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com aquele jeito calmo dele:

— Jesus disse: "*Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará; e nada vos será impossível*".

Muita gente lê isso e pensa que Jesus estava falando de mágica. De você olhar para uma montanha, ter fé, e ela sair voando. Mas não é isso, meu filho.

Jesus estava usando uma imagem forte para ensinar algo profundo: com fé verdadeira, você supera qualquer obstáculo. Qualquer.

— Mas que tipo de fé é essa? — perguntei.

— Ah, essa é a chave da questão. Não é a fé cega, que acredita sem pensar. Não é a fé passiva, que só reza e espera milagre. **É a fé ativa, a fé raciocinada, a fé que trabalha.**

Vou te explicar. Tem três tipos de fé que as pessoas confundem:

Primeira, a fé cega. **É aquela que acredita em qualquer coisa sem questionar.** "*É assim porque é assim, não pergunta*". Essa fé é frágil. Porque na primeira dificuldade, na primeira dúvida, ela desmorona.

Segunda, a fé passiva. É aquela que acredita que Deus vai resolver tudo, sem você fazer nada. "*Vou rezar e Deus resolve*". Mas Deus nos deu inteligência, vontade, capacidade de ação. Ele espera que a gente use isso.

Terceira, a fé ativa ou fé raciocinada. É a que o Espiritismo ensina. É aquela que compreende, que questiona, que busca entender. E que age. Que une a confiança em Deus com o esforço próprio.

Pai Jacó apontou para a pedra no quintal:

— Olha aquela pedra. Se eu tiver fé cega, eu vou achar que ela vai sair sozinha, por milagre. Se eu tiver fé passiva, vou rezar pedindo que Deus a tire dali. Mas se eu tiver fé ativa, eu vou rezar, sim, mas também vou buscar ajuda, trazer ferramentas, fazer esforço. E aí, com a ajuda de Deus e meu trabalho, a pedra sai.

A fé que move montanhas não é a que espera que a montanha voe. É a que te dá força, coragem e persistência para escalar a montanha, ou para cavar um túnel, ou para dar a volta. A fé te move, não move a montanha magicamente.

— E o grão de mostarda? — perguntei. — Por que Jesus comparou com algo tão pequeno?

— Porque **a fé verdadeira não precisa ser grande em quantidade, precisa ser pura em qualidade**. O grão de mostarda é minúsculo, mas tem potencial enorme. Plante, e ele vira uma árvore grande.

Assim é a fé verdadeira. Pode começar pequena, mas se for genuína, cresce. E com ela, você supera obstáculos que pareciam impossíveis.

O Espiritismo esclarece muito bem isso. A fé raciocinada é aquela que se baseia na compreensão, no conhecimento, na razão. Não é crença cega. É convicção fundamentada. E quando você tem convicção verdadeira, você age. E quando você age com fé, você consegue coisas extraordinárias.

A História da Montanha que Precisava Ser Movida

Pai Jacó se recostou e começou:

— Vou te contar uma história real que aconteceu aqui na região, há uns quarenta anos.

Tinha uma comunidade pequena, muito pobre, lá no interior. O problema era que para chegar à cidade mais próxima, onde tinha escola, hospital, comércio, o pessoal precisava dar uma volta enorme. Várias horas de caminhada.

Por quê? Porque tinha uma serra no meio do caminho. Uma "montanha", como o pessoal chamava. Se pudessem atravessar por ela, cortariam o caminho pela metade. Mas não tinha estrada, só mato fechado e pedras.

As crianças não conseguiam ir para escola todos os dias. Os doentes demoravam demais para chegar ao hospital. Era um sofrimento.

Um homem da comunidade, que vou chamar de Josué, teve uma ideia. Ele disse numa reunião da comunidade:

— Vamos fazer uma estrada atravessando a serra.

O povo riu. Disse que era impossível. Que não tinham máquinas, nem dinheiro, nem jeito.

Mas Josué tinha fé. Não fé boba, mas fé ativa. Ele disse:

— Deus nos deu braços, vontade e inteligência. Vamos usar. Vamos cavar a estrada nós mesmos.

Alguns acharam loucura. Mas outros acreditaram. Uns dez homens se juntaram a ele.

Começaram a trabalhar. Todos os domingos, depois da missa, iam para a serra com picaretas, enxadas, pás. Cavavam, tiravam pedras, abriam caminho. Pouquinho por vez.

Pai Jacó continuou:

— Sabe quanto tempo levou? Três anos. Três anos de trabalho voluntário, todo domingo. Havia dias que parecia não haver progresso nenhum. Dias que encontravam uma pedra enorme e levavam semanas para tirá-la. Dias que chovia e desmanchava parte do trabalho.

Muitos desistiram no meio do caminho. Mas Josué continuou. E alguns fiéis continuaram com ele. Trabalhavam e oravam. Oravam e trabalhavam.

E sabe o que aconteceu? Outros foram se juntando. Gente de outras comunidades, que viu o esforço deles e quis ajudar. Alguém emprestou ferramentas melhores. Outro trouxe comida para o pessoal. Outro deu ideias técnicas.

Depois de três anos, a estrada ficou pronta. Não era asfaltada, não era perfeita. Mas dava para passar. E o caminho que antes levava horas, agora levava menos de uma hora.

As crianças puderam ir para escola. Os doentes chegavam mais rápido no hospital. O comércio melhorou. A vida da comunidade inteira mudou.

Numa celebração da inauguração da estrada, alguém disse:

— Josué, você tinha razão. A fé move montanhas mesmo.

E Josué respondeu algo que nunca esqueci:

— Não foi a fé que moveu a montanha. Foi a fé que moveu nossos braços, nossas vontades, nossa persistência. E então nós, com a ajuda de Deus, é que movemos a montanha. Pá por pá. Pedra por pedra. Domingo por domingo.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? A fé que Jesus falou não é passiva. É ativa. Não é mágica. É trabalho com confiança. Não é esperar milagre. É fazer o milagre acontecer através do seu esforço, confiando que Deus te dará forças.

Aquele povo tinha uma montanha pela frente. Podiam ter se conformado, ter desistido. Mas tiveram fé. Fé que os fez agir. E a montanha não voou, mas foi vencida.

Para Refletir

Pai Jacó olhou de novo para a pedra no quintal:

— Meu filho, qual é a sua montanha? Qual é o obstáculo que parece impossível na sua vida?

Pode ser uma doença. Pode ser uma dificuldade financeira. Pode ser um relacionamento quebrado. Pode ser um defeito seu que você não consegue vencer. Pode ser um sonho que parece impossível.

A pergunta é: você tem fé? E mais importante: que tipo de fé você tem?

Se você tem fé passiva, você só vai rezar e esperar que Deus resolva magicamente. E vai ficar esperando, porque Deus espera que você faça sua parte.

Se você não tem fé nenhuma, você vai desistir antes de começar. Vai olhar a montanha e dizer: "Impossível".

Mas se você tem fé ativa, fé raciocinada, você vai fazer o seguinte: vai orar pedindo forças a Deus. Mas também vai pegar a picareta e começar a cavar. Vai buscar ajuda. Vai estudar soluções. Vai trabalhar, trabalhar e trabalhar. Com paciência, com persistência, com confiança.

E aí, um dia, você vai olhar para trás e ver que a montanha foi vencida. Não porque ela voou. Mas porque você, com fé e trabalho, a superou.

Jesus não disse que a fé faz tudo sozinha. Ele disse que com fé, nada é impossível. Porque a fé verdadeira te dá força para fazer o que parece impossível.

Então tenha fé. **Mas fé que age. Fé que persiste. Fé que trabalha. Fé que não desiste.**

E lembre-se do grão de mostarda. Não precisa ter uma fé enorme. Precisa ter uma fé genuína. Pequena, mas verdadeira. Porque essa cresce. E com ela, você move montanhas.

Não magicamente. Mas efetivamente.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, vi que ele já tinha chamado um vizinho para ajudar a tirar a pedra. Juntos, com ferramentas, esforço e estratégia, conseguiram movê-la.

A pedra não voou. Mas saiu do lugar.

E eu entendi: a fé não faz mágica. A fé faz você agir. E quando você age com fé, confiando em Deus, mas fazendo sua parte, você supera obstáculos que pareciam impossíveis.

Tenho minhas montanhas. Tenho minhas pedras no caminho. Mas agora sei o que fazer.

Orar? Sim. Mas também pegar a picareta. Buscar ajuda. Trabalhar. Persistir.

Porque a fé que transporta montanhas não é a fé que espera milagres. É a fé que faz milagres acontecerem através do trabalho, da persistência, da confiança.

E essa fé eu posso ter. Essa fé eu vou ter.

Começando hoje.

CAPÍTULO 20
Os Trabalhadores da Última Hora

Cheguei à casa de Pai Jacó no final da tarde. O sol estava se pondo, tingindo o céu de laranja e rosa. Ele estava regando as plantas, tarefa que sempre deixava para o fim do dia.

— Cheguei tarde demais para ajudar — disse, meio sem graça.

— Nunca é tarde — respondeu ele, me entregando o regador. — Ainda tem essas flores aqui. Toda ajuda é bem-vinda, não importa a hora.

Depois de regarmos juntos, sentamos na varanda para ver o sol se pôr completamente.

— Hoje vamos falar justamente sobre isso — disse Pai Jacó. — Sobre nunca ser tarde demais.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus contou uma parábola sobre um senhor que contratou trabalhadores para sua vinha. Contratou uns de manhã cedo, outros ao meio-dia, outros à tarde, e outros só no final do dia, quase na hora de fechar.

No fim do dia, na hora de pagar, ele deu o mesmo salário para todos. Os que trabalharam o dia todo reclamaram: "*Esses aí só trabalharam uma hora e ganharam o mesmo que nós que pegamos no pesado o dia inteiro!*"

E o senhor respondeu: "*Amigo, não te fiz injustiça. Você não concordou em trabalhar por este valor? Eu quero dar ao último o mesmo que a ti. Não posso fazer o que quero do que é meu?*"

Muita gente não entende essa parábola. Acha injusto. Mas Jesus estava ensinando algo muito importante.

— O quê, Pai Jacó?

— **Que nunca é tarde para começar. Que Deus recebe quem vem, não importa a hora**. Que o arrependimento sincero e a mudança verdadeira valem tanto quanto uma vida inteira de retidão.

Olha, tem gente que começa cedo. Desde criança já é boa, já pratica o bem, já ama. Essa pessoa trabalha na vinha o dia todo. E que bom! Ela vai ter paz, vai evoluir muito, vai ser feliz.

Mas tem gente que demora. Que vive errando a vida toda, fazendo mal, sendo egoísta. Mas num certo momento, acorda. Percebe o erro. Se arrepende de verdade. E muda. Essa pessoa entrou na vinha só no final do dia.

A parábola diz que essa pessoa recebeu o mesmo pagamento. Por quê? **Porque o pagamento não é proporcional ao tempo, é proporcional à sinceridade**. Se a mudança é verdadeira, se o arrependimento é real, Deus aceita. Não importa se você tem vinte anos de bondade ou só um ano. O que importa é que você mudou.

Pai Jacó continuou:

— Mas atenção: isso não é desculpa para viver errado pensando "*depois eu mudo*". Porque você não sabe se vai ter esse "*depois*". E cada dia vivido errado é sofrimento, seu e dos outros. É tempo perdido.

O ideal é começar cedo. Mas se você não começou cedo, comece agora. Agora é melhor que nunca. Não fique pensando "*ah, já fiz muita coisa errada, já é tarde*". Nunca é tarde. Enquanto você está vivo, pode mudar.

E no plano espiritual é a mesma coisa. Um espírito pode ficar muito tempo na ignorância, no erro. Mas quando acorda, quando decide mudar, Deus o recebe. Não com castigo, não com punição eterna. Com amor, com oportunidade de recomeço.

O Espiritismo mostra isso claramente: não existe condenação eterna. Existe consequência dos erros, sim. **Mas existe sempre a possibilidade de regeneração, de recomeço, de evolução**.

A História do Homem que Mudou aos Setenta

Pai Jacó olhou para o céu que escurecia e começou:

— Vou te contar sobre um homem que eu conheci, seu Amaro. Ele viveu setenta anos fazendo o mal. Setenta anos.

Era um homem duro, egoísta, cruel às vezes. Explorava os empregados, enganava nos negócios, tratava mal a família. Não se importava com ninguém, a não ser consigoi mesmo. Vivia para ganhar dinheiro, acumular bens.

Quando alguém falava de Deus, de bondade, de mudança, ele ria. Dizia que isso era conversa fiada, que cada um era por si e que o mundo era dos espertos.

Aos setenta anos, ele teve um derrame. Ficou na cama, dependente dos outros. Não podia mais trabalhar, não podia mais mandar. Estava à mercê da família que sempre tratou mal.

E sabe o que aconteceu? A família cuidou dele. Não com amor, porque não tinham amor por ele. Mas cuidaram, por dever, por obrigação.

Seu Amaro, deitado naquela cama, começou a pensar. Pela primeira vez na vida, teve tempo para pensar de verdade. E olhou para trás e não gostou do que viu.

Setenta anos de egoísmo. Setenta anos de dureza. Setenta anos fazendo mal. E para quê? Ele estava ali, sozinho, sem amor, sem paz, sem nada do que realmente importava.

Pai Jacó continuou:

— Um dia, uma neta pequena veio visitá-lo. Ela era pequena demais para entender quem ele tinha sido. Só via um velhinho doente. E com a simplicidade das crianças, ela chegou perto, segurou a mão dele e disse: "*Vovô, eu gosto de você*".

Seu Amaro chorou. Chorou pela primeira vez em décadas. Chorou porque percebeu que aquilo - amor simples, sem interesse - era o que ele tinha desperdiçado a vida inteira buscando outras coisas.

Ele chamou os filhos. Pediu perdão. Pediu perdão por tudo: pela frieza, pela dureza, pelo egoísmo. Os filhos ficaram surpresos. Alguns desconfiaram. Outros se comoveram.

Ele pediu para chamar as pessoas que tinha prejudicado. E a cada uma pediu perdão. Quando podia, devolvia o que tinha tomado. Quando não podia devolver materialmente, pedia perdão de coração.

Seu Amaro começou a mudar. Ali, na cama, com setenta anos e paralítico. Começou a ser gentil com quem cuidava dele. Começou a agradecer. Começou a falar com carinho. Começou a orar, coisa que nunca tinha feito.

Viveu mais dois anos assim. Dois anos de bondade, depois de setenta de maldade. E sabe o que aconteceu? Nos últimos meses de vida, ele tinha reconquistado o amor da família. Eles cuidavam dele agora com carinho, não só com obrigação. E ele morreu em paz.

Pai Jacó me olhou:

— Depois que ele desencarnou, tivemos uma comunicação dele no centro espírita. Ele agradeceu a Deus pela doença, pelo derrame, pela paralisia. Porque foi isso que o parou, que o fez pensar, que o fez mudar.

Ele disse: "*Eu desperdicei setenta anos. Mas Deus não desperdiçou meus últimos dois anos. Eles valeram mais que todos os outros juntos*".

Vê, meu filho? Seu Amaro entrou na vinha só na última hora. Trabalhou pouco tempo. Mas trabalhou de verdade. E Deus o recebeu como recebe qualquer um que se arrepende sinceramente.

Não é injustiça com quem trabalhou o dia todo. Porque quem trabalhou o dia todo teve paz o dia todo. Teve amor o dia todo. Teve felicidade o dia todo. Seu Amaro teve dois anos de paz, depois de setenta de tormento. Quem ganhou mais?

Para Refletir

Pai Jacó ficou olhando para o céu escuro, onde as primeiras estrelas começavam a aparecer:

— Meu filho, que horas são na sua vida? Você já está trabalhando na vinha ou ainda está na praça, perdendo tempo?

Se você já começou cedo, agradeça. Continue. Você tem paz, tem amor, tem evolução. Não reclame dos que começaram tarde. Alegre-se por eles terem começado.

Se você ainda não começou, comece agora. Não importa sua idade. Não importa quantos erros você já cometeu. **Não importa quanta coisa errada você já fez. Comece agora.**

Pode ser que você tenha setenta anos, como seu Amaro. Pode ser que tenha menos. Pode ser que tenha mais tempo. Mas o tempo que

importa é o tempo que resta. E você vai usar esse tempo para quê? Para continuar no erro ou para mudar?

A vinha está aberta. O senhor ainda está contratando. Mesmo se for à última hora, ele te aceita. Não com punição, não com castigo. Com salário integral. Com amor integral.

Mas não demore demais. Não pense "ainda tenho tempo". Você não sabe quanto tempo tem. Seu Amaro teve dois anos depois de mudar. Você pode ter menos, pode ter mais. Mas o que você tem é agora.

Comece agora. Peça perdão a quem você magoou. Corrija o que pode corrigir. Seja melhor a partir de hoje. Ame a partir de agora.

Nunca é tarde. Mas quanto mais cedo, melhor. Porque cada dia vivido no bem é um dia de paz. E cada dia desperdiçado no mal é um dia de tormento.

Os trabalhadores da última hora receberam o mesmo salário. Trabalharam apenas uma hora, mas no calor intenso. Os outros trabalharam o dia todo, mas no fresco, com paz, com alegria.

Melhor trabalhar o dia todo. Mas se você não trabalhou até agora, trabalhe ao menos a última hora. É melhor que nada. E Deus recebe, com o mesmo amor.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, a noite já havia caído completamente. As estrelas brilhavam no céu.

Pensei em seu Amaro, que mudou aos setenta. Pensei nos trabalhadores da última hora, que chegaram tarde, mas ainda a tempo.

E me perguntei: em que hora do dia estou? Já estou trabalhando na vinha ou ainda estou desperdiçando tempo?

Decidi que não importa. O que importa é que a partir de agora, vou trabalhar. Se perdi a manhã, não vou perder a tarde. Se perdi a tarde, não vou perder a última hora.

Porque nunca é tarde. Enquanto há vida, há oportunidade. Enquanto há consciência, há chance de mudança.

E Deus, o senhor da vinha, está sempre esperando. Não para punir quem chegou tarde. Mas para receber com alegria quem finalmente chegou.

Eu cheguei. Tarde, talvez. Mas cheguei.

E vou trabalhar. Com amor, com dedicação, com gratidão por ter sido aceito.

Porque nunca é tarde demais para começar a fazer o certo.

CAPÍTULO 21
Haverá Falsos Cristos e Falsos Profetas

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã de domingo. Ele estava na varanda, lendo o jornal local e balançando a cabeça com desaprovação.

— O que foi, Pai Jacó?

— Mais um pregador aí prometendo milagres em troca de dinheiro — disse ele, fechando o jornal. — Jesus avisou que isso ia acontecer.

Guardou o jornal e me olhou sério:

— Hoje vamos falar de um tema difícil, mas necessário: os falsos profetas.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com voz firme:

— Jesus disse: "*Muitos falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, até os escolhidos*". Era um aviso. Um aviso que vale até hoje, talvez mais do que nunca.

Falso profeta não é só aquele que mente deliberadamente. É também aquele que se engana a si mesmo. Aquele que acha que tem missão especial, que tem revelações exclusivas, que é porta-voz de Deus. E usa isso para manipular pessoas.

— Como reconhecer um falso profeta? — perguntei.

— Ah, meu filho, Jesus deu a chave: "*Pelos frutos os conhecereis*". Não é pelo que eles dizem, não é pelos milagres que fazem, não é

pela aparência. É pelos frutos. Pelos resultados. Pelo que eles produzem nas pessoas e em si mesmos.

Vou te dar alguns sinais claros:

Primeiro: falso profeta foca em si mesmo. Ele quer ser o centro, quer adoração, quer ser venerado. Já o verdadeiro mestre aponta para Deus, para Jesus, para os ensinamentos. Ele se diminui para que a mensagem cresça.

Segundo: falso profeta quer seu dinheiro. Ele vende bênçãos, vende curas, vende salvação. Faz comércio da fé. O verdadeiro mestre pode aceitar ajuda para o trabalho, mas não cobra pela mensagem espiritual. Como Jesus disse: "*Dai de graça o que de graça recebestes*".

Terceiro: falso profeta promete atalhos. Promete salvação fácil, riqueza rápida, solução mágica. O verdadeiro mestre diz a verdade: evolução dá trabalho, exige esforço, demanda transformação.

Quarto: falso profeta cria dependência. Ele quer que você precise dele, que não pense por si mesmo, que seja submisso. O verdadeiro mestre quer te libertar, quer que você cresça, que você pense, que você amadureça.

Quinto: falso profeta divide. Ele diz que só o caminho dele é certo, que os outros estão todos errados. O verdadeiro mestre respeita os diferentes caminhos, desde que levem ao bem.

Pai Jacó continuou:

— E tem um sinal definitivo: olha para a vida dele. Como ele vive? Com humildade ou com ostentação? Com simplicidade ou com luxo? Ele pratica o que prega? Jesus foi claro: árvore boa dá fruto bom, árvore má dá mau fruto.

O Espiritismo alerta muito sobre isso. Diz para não aceitar nada sem examinar, sem questionar. Fé raciocinada, lembra? Não é para ser cético de tudo, mas também não é para acreditar em tudo. É para usar o discernimento, a inteligência que Deus nos deu.

E uma coisa importante: não confunda falso profeta com médium mistificador. O médium pode se enganar de boa-fé, pode receber influência de espíritos inferiores sem saber. O falso profeta é diferente: ele usa a espiritualidade para manipular, para explorar, para dominar.

A História do Pregador Eloquente

Pai Jacó se acomodou e começou com tristeza na voz:

— Vou te contar sobre um caso que vi acontecer, há uns vinte anos. Apareceu aqui na região um pregador, vou chamá-lo de Pastor Elias.

Ele era eloquente, carismático, impressionante. Falava bonito, citava a Bíblia de cor, emocionava as pessoas. Dizia que tinha uma missão especial de Deus, que recebia revelações diretas, que tinha poder de cura.

Começou pequeno, numa salinha alugada. Mas logo encheu. As pessoas vinham de longe para ouvi-lo. E ele fazia "milagres". Gente que dizia que foi curada, gente que dizia que prosperou depois das orações dele.

O Pastor Elias começou a pedir ofertas. Não ofertas simples, mas ofertas específicas. "*Dê tanto e Deus vai devolver em dobro*". "*Quanto maior a oferta, maior a bênção*". Ele chamava isso de "*sacrifício de fé*".

E o povo dava. Gente pobre dando o pouco que tinha. Porque ele prometia que Deus ia devolver, ia abençoar, ia curar.

O Pastor Elias prosperou. Comprou carro importado, casa grande, roupas caras. E quando alguém questionava, ele dizia: "*É bênção de Deus! Deus quer que seus servos prosperem!*"

Muitas pessoas davam, mas continuavam pobres. Continuavam doentes. E quando reclamavam, ele dizia: "*É porque você não tem fé suficiente. Se não foi abençoado, é culpa da sua fé*".

Pai Jacó fez uma pausa:

— Teve uma senhora, dona Lurdes, viúva pobre, que vendia quitutes para sobreviver. Ela tinha um filho doente, com problema sério no coração. Precisava de cirurgia cara.

O Pastor Elias disse que ia orar pelo menino. Mas pediu uma "*oferta de fé*" grande. Dona Lurdes pegou todas as economias dela - era o dinheiro que estava juntando para a cirurgia do filho - e deu para ele. Porque acreditou que Deus ia fazer o milagre.

O Pastor Elias orou, fez aquele showzinho todo. Disse que o menino estava curado. Dona Lurdes voltou para casa cheia de fé.

Mas o menino não melhorou. Piorou. E ela já não tinha mais o dinheiro para a cirurgia. Ela voltou na igreja, desesperada, pedindo ajuda.

O Pastor Elias disse: "*Irmã, você não tem fé. Se tivesse fé verdadeira, seu filho estaria curado. O problema não é comigo, é com você*".

E virou as costas para ela.

Pai Jacó limpou os olhos:

— O menino morreu duas semanas depois. Dona Lurdes ficou destruída. Não só perdeu o filho, mas perdeu a fé. Achava que Deus a tinha abandonado, que a culpa era dela por não ter fé suficiente.

Foi quando ela chegou ao centro espírita, trazida por uma amiga. Conversamos muito. Expliquei que ela tinha sido enganada, que aquilo não era coisa de Deus, que o Pastor Elias era um falso profeta.

Ela chorou muito. Chorou de dor, mas também de raiva. "*Como pode alguém fazer isso em nome de Deus?*", ela perguntava.

Anos depois, o Pastor Elias foi investigado. Descobriram que ele tinha contas no exterior, propriedades escondidas, que desviava quase todo o dinheiro das ofertas. Ele fugiu e nunca mais voltou.

Mas o estrago estava feito. Muitas famílias exploradas. Muitas pessoas feridas. Muita gente que perdeu a fé.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Pelos frutos os conhecereis. O fruto do Pastor Elias era ostentação para ele e miséria para o povo. Era promessa vazia e exploração real. Era mentira em nome de Deus.

Um verdadeiro profeta, um verdadeiro mestre, produz frutos diferentes. Produz pessoas mais fortes, mais livres, mais amorosas. Não pessoas dependentes, exploradas, iludidas.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto por um momento, depois disse:

— Meu filho, você segue alguém? Você admira algum líder religioso, algum médium, algum mestre?

Se sim, examine. Não com maldade, mas com discernimento. Olha para os frutos:

Essa pessoa vive o que prega? Ou prega humildade e vive com ostentação? Prega desapego e acumula riquezas? Prega amor e espalha divisão?

Essa pessoa te faz pensar ou te faz obedecer? Te liberta ou te prende? Te fortalece ou te enfraquece?

Essa pessoa aponta para Deus ou para si mesma? Dá de graça ou cobra caro? Respeita outros caminhos ou condena tudo que é diferente?

Se os frutos forem bons, agradeça. Você encontrou um verdadeiro mestre. Mas se os frutos forem ruins, cuidado. Você pode estar diante de um falso profeta.

E não tenha medo de questionar. Deus nos deu inteligência para usar. Jesus disse: "*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*". Não disse: *"Obedecereis cegamente e isso vos salvará*".

Busque a verdade. Examine tudo. Não aceite nada só porque alguém "importante" disse. Nem Jesus pediu adoração cega. Ele pediu compreensão, amor, prática.

Haverá falsos cristos e falsos profetas. Jesus avisou. Hoje eles estão aí, mais do que nunca, com seus programas de TV, suas redes sociais, suas igrejas cheias. Mas pelos frutos você os reconhecerá.

E quando reconhecer, afaste-se. Não com ódio, mas com discernimento. E avise outros, com caridade. Porque muita gente sincera está sendo enganada.

O verdadeiro caminho é simples: amar a Deus, amar ao próximo, praticar o bem. Não precisa de intermediário que cobra, que manipula, que explora.

Você tem ligação direta com Deus. Não precisa de falso profeta nenhum.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, pensei em Dona Lurdes e seu filho. Pensei em quantas pessoas sinceras são enganadas todos os dias por falsos profetas que usam o nome de Deus para enriquecer.

E me comprometi: vou usar o discernimento. Vou examinar os frutos. Vou questionar. Não por desconfiança doentia, mas por amor à verdade.

Porque Jesus avisou. E o aviso era para mim também.

Falsos cristos e falsos profetas existem. Mas a verdade também existe. E ela nos liberta.

Pelos frutos os conhecereis. É simples assim.

CAPÍTULO 22
Não Separeis o Que Deus Juntou

Cheguei à casa de Pai Jacó num sábado à tarde. Ele estava na varanda com um casal de amigos, conversando animadamente. Quando o casal saiu, perguntei:

— Quem eram?

— Um casal que está junto há quarenta anos — respondeu Pai Jacó. — Vieram conversar sobre a vida conjugal. Tive que lembrá-los do que Jesus ensinou: não separeis o que Deus juntou.

Sentamos na varanda e ele continuou:

— Esse é um tema muito importante, meu filho. E muito mal compreendido.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou com seriedade:

— Jesus disse: "*O que Deus juntou, o homem não separe*". Muita gente pensa que Jesus estava condenando o divórcio de forma absoluta, como se fosse pecado irremissível. Mas não é assim.

Jesus estava ensinando algo mais profundo: que o casamento é uma ligação sagrada, não algo temporário ou superficial. Quando duas pessoas se unem com sinceridade, com amor, com intenção de criar uma família, Deus sela essa união.

Mas e quando a coisa não dá certo? Quando tem traição, agressão, incompatibilidade total? Aí a coisa muda.

— Como assim, Pai Jacó? — perguntei.

— Olha, o Espiritismo explica que Deus não junta ninguém à força. **Deus permite as uniões, mas respeita o livre-arbítrio de cada um**. Se duas pessoas se juntam por pura paixão, sem real amor, sem verdadeira intenção de união, Deus não juntou - foram os homens que se juntaram.

O casamento verdadeiro, aquele que Deus sela, é aquele fundado em amor sincero, em respeito mútuo, em vontade real de caminhar junto. Nesse caso, a separação é uma ferida, porque você está quebrando algo sagrado.

Mas se não há amor verdadeiro, se há sofrimento, se a pessoa está sendo prejudicada, aí a separação é misericórdia, não pecado.

Pai Jacó continuou:

— O importante é: antes de se juntar, pense bem. Não case por impulso, por pura paixão, por fuga de problemas. Escolha conscientemente. E quando estiver casado, trabalhe o relacionamento. Não é fácil. Casamento exige paciência, compreensão, perdão constante.

E se depois de tudo, o casamento realmente não funciona, não destrua a si mesmo permanecendo nele. Deus não quer sofrimento eterno. Mas também não tome a separação como algo simples. Deve ser última opção, depois de tudo tentado.

O Espiritismo ensina que os vínculos entre casais podem vir de vidas passadas. **Às vezes a gente escolhe encarnar com a mesma pessoa para resolver questões antigas, para pagar dívidas, ou para crescer junto.** Então separar não é tão simples quanto parece. Mas também não é impossível.

A História do Casal que Aprendeu a Amar

Pai Jacó respirou fundo:

— Vou te contar sobre um casal que eu conheci, Seu Geraldo e Dona Irene. Casaram-se muito jovens, por pura paixão. Ambos tinham dezenove anos.

Os primeiros anos foram bravos. Queriam coisas diferentes. Ela queria viajar, conhecer o mundo. Ele queria ficar perto da família, da roça. Ela era extrovertida, festeira. Ele era quieto, caseiro.

Viveram brigando. Pensaram em se separar muitas vezes. Com dez anos de casamento, quase se separavam mesmo. Estavam destruídos pela incompatibilidade.

Mas um dia, Dona Irene veio num centro espírita. Conversou com uma orientadora e começou a entender as coisas. Conversou com seu Geraldo, que também quis ouvir. E os dois começaram a estudar o Espiritismo.

Entenderam que talvez estivessem juntos por uma razão. Que precisavam aprender um com o outro. E que, em vez de separar, poderiam tentar se amar de verdade.

Começaram devagar. Pararam de esperar que o outro mudasse para o que eles queriam. Começaram a aceitar as diferenças. Começaram a ver, nos pontos de conflito, oportunidades de crescimento.

Pai Jacó continuou:

— Passaram-se os anos. Aquele casal que quase se separava após dez anos, chegou aos quarenta anos de casamento. E sabe o que? Eles descobriram que amavam cada um do jeito que era. **Não porque eram iguais - continuavam diferentes. Mas porque aprenderam a respeitar as diferenças.**

E mais: perceberam que tinham uma ligação profunda. Tinham crescido juntos, superado crises juntos, construído memórias juntas. Tinham, de verdade, criado uma unidade.

Quando contei isso para eles a pouco, antes de você chegar, seu Geraldo disse: "*Pai Jacó, se a gente tivesse se separado naquele momento de raiva, teria perdido o maior tesouro: quarenta anos de vida compartilhada. Teria perdido a oportunidade de conhecer de verdade o amor*."

Para Refletir

Pai Jacó ficou pensativo:

— Meu filho, se você é casado, examine sua vida. Você está tentando de verdade manter harmonia no relacionamento? Ou está só esperando piorar para ter desculpa de sair?

Se tem filhos, lembre-se: eles também sofrem com a separação. Não que não deva haver separação às vezes - tem situações em que não há jeito. Mas não tome isso como solução fácil para relacionamentos que ainda podem ser salvos.

E se você ainda não é casado, não case por impulso. Escolha bem. Porque casamento não é conforto temporário - é ligação que pode continuar por muitas vidas.

Não separeis o que Deus juntou. Mas também entenda: Deus junta com respeito ao livre-arbítrio. Se a união foi feita sem verdade, sem amor sincero, se há violência, se há traição contumaz, então talvez Deus não tenha juntado mesmo.

Mas se foi juntado com sinceridade, com amor verdadeiro, então vale a pena lutar. Vale a pena trabalhar. Vale a pena amar, mesmo quando é difícil.

Despedi-me do velho amigo e tomei a estrada com os pensamentos na lição aprendida.

Eu fôra casado e divorciado por duas vezes e tinha muito que meditar sobre os erros cometidos nas relações conjugais.

Compreendi que poderia ter feito diferente, dialogado mais, ter sido mais paciente.

Agora, a opção era seguir em frente, sem contudo deixar de agradecer profundamente pelas companhias daquelas que fizeram parte da minha caminhada.

CAPÍTULO 23
Estranha Moral

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã cinzenta. Ele estava observando as nuvens, com um livro na mão.

— Bom dia, Pai Jacó. Que lê?

— "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" — respondeu. — Estava relendo o capítulo sobre moral. É um dos mais intrigantes.

Sentamos e ele começou:

— Jesus disse coisas que parecem estranhas para a moral comum do mundo. Mas é porque Ele estava ensinando uma moral muito superior.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— A moral humana, a que a gente aprende na sociedade, é baseada em conveniência. É bom o que me beneficia, é ruim o que me prejudica. É honrado o que me dá prestígio, é desonroso o que me humilha.

Mas Jesus ensinou uma moral diferente. Uma moral baseada em amor e justiça divina. E muitas vezes, essa moral evangélica parece estranha, até absurda, para quem pensa só com a lógica humana.

Por exemplo: Jesus diz para amar os inimigos. Para a moral comum, isso é fraqueza. Mas para a moral evangélica, é força suprema. É você não deixar que o ódio te controle.

Jesus diz que é necessário perder para ganhar, dar para receber, morrer para viver. Para a moral comum, isso não faz sentido. Mas

para a moral evangélica, faz perfeito sentido: você sacrifica o egoísmo e ganha a liberdade. Você dá o material e recebe o espiritual. Você morre para o ego e vive a alma.

— Então a moral de Jesus é contrária à do mundo? — perguntei.

— Muitas vezes, sim — respondeu Pai Jacó. — Porque o mundo está fundado no egoísmo, e Jesus estava ensinando o amor. O mundo busca vantagem, Jesus pedia desapego. O mundo julga os outros, Jesus pedia compaixão.

Mas atenção: Jesus não estava sendo ingênuo. Ele sabia que no mundo há pessoas más. Mas ensinou que devemos responder ao mal com bem, não com mais mal. Porque retaliação só gera mais retaliação. Mas o bem pode transformar até um coração duro.

O Espiritismo esclarece isso: a verdadeira moral é aquela que respeita as leis divinas, que promove a evolução, que busca o bem de todos. Não a moral humana cheia de convenções e hipocrisia.

Pai Jacó continuou:

— Por exemplo: a moral comum diz que é correto quem descumpre contrato astutamente, sem deixar provas. Mas a moral evangélica diz que é errado, mesmo que não tenha provas materiais. Porque você sabe que está enganando.

A moral comum diz que é permissível enganar um inocente se conseguir ganho. Mas a moral evangélica diz que é errado, porque você está prejudicando alguém que não merecia.

A moral comum diz que é aceitável desejar o mal de quem nos fez mal. Mas a moral evangélica diz que é errado, porque você está alimentando mais ódio no mundo.

A História do Homem que Escolheu a Moral Estranha

Pai Jacó se acomodou:

— Vou te contar sobre um homem chamado Tobias, que era empresário. Trabalhava numa grande empresa, subindo rapidamente.

Um dia, o patrão dele lhe propôs algo: enganar um cliente, vender um produto defeituoso como se fosse novo. O cliente era outro empresário importante, que tinha tentado comprar a empresa do patrão. Então era uma vingança.

O patrão disse: "*Ninguém vai saber. E você ganha uma comissão grande*".

Tobias, que era estudioso de Espiritismo, recusou. Disse que não podia fazer aquilo, mesmo que o patrão pedisse.

O patrão ficou furioso. Demitiu Tobias na hora. Disse que ele era um ingênuo, que nunca ia ficar rico com essa moral de ingênuo.

Tobias saiu do emprego sem nada. Tinha família, tinha gastos. Ficou numa situação difícil.

Pai Jacó continuou:

— Seus amigos questionaram: "*Tobias, por que você não fez o que o patrão pediu? Ninguém ficaria sabendo. Você continuaria no emprego, continuaria ganhando bem. E agora está desempregado!*"

Mas Tobias respondeu: "*Eu sabia. Minha consciência saberia. E isso é o que importa*".

Anos depois, o cliente que quase foi enganado descobriu sobre o plano do patrão de Tobias. E então procurou Tobias. Porque tinha ouvido que Tobias era homem de palavra, honesto.

E Tobias foi trabalhar com esse cliente. E ganhou muito mais do que ganharia com o patrão anterior.

Mas o ponto fundamental não é esse. O importante é que Tobias escolheu a moral evangélica, mesmo sabendo que podia custar caro. Escolheu estar bem com sua consciência, mesmo que o mundo chamasse de ingenuidade.

E você sabe o que aconteceu? Ele ficou em paz. O ex-patrão, que enganou o cliente, ficou envolvido em processos legais, porque a verdade veio à tona e ele perdeu muito mais do que ganharia com a vantagem.

Para Refletir

Pai Jacó me olhou com intensidade:

— Meu filho, qual é sua moral? A do mundo ou a de Jesus?

Porque a do mundo é: ganhe o máximo possível, pelo caminho mais rápido, mesmo que prejudique os outros. E a de Jesus é: ganhe o que é justo, pelo caminho honesto, e que isso beneficie também aos outros.

A moral do mundo é aceita na sociedade. As pessoas acham normal. Mas a moral evangélica parece estranha, ingênua, inviável.

Mas Jesus garantiu que a moral evangélica funciona. Não funciona em prazos curtos, não funciona pela lógica material. Mas funciona.

Porque quem vive a moral evangélica fica em paz. Não tem remorso, não tem medo de ser descoberto. Dorme tranquilo.

E quem vive a moral do mundo, mesmo que ganhe materialmente, fica sempre ansioso. Sempre com medo, sempre procurando se defender. Nunca tem paz real.

Então escolha. Qual moral você quer viver? A estranha de Jesus ou a comum do mundo?

Aviso: escolher a de Jesus pode parecer custar caro no começo. Mas no final, sempre sai mais caro viver a do mundo.

Despedi-me de Pai Jacó e peguei o caminho de casa, refletindo sobre a estranha moral que Jesus ensinou,

Quantas vezes tinha escolhido a moral do mundo em beneficio próprio. Agora precisava rever esses conceitos, seguir minha consciência e fazer o que era certo, mesmo com sacrifícios..

CAPÍTULO 24
Não Ponhais a Candeia Debaixo do Alqueire

Cheguei à casa de Pai Jacó numa noite escura. Ele estava acendendo as luzes da varanda, iluminando o caminho.

— Bem vindo — disse ele. — Noite escura. Mas com as luzes, a gente enxerga.

Sentamos e ele continuou:

— Isso me faz pensar no tema de hoje: não esconder a luz que você tem.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus disse: "*Ninguém acende uma candeia para colocá-la debaixo de um alqueire, mas num candeeiro, para que brilhe para todos*".

A candeia é a luz que você tem. Pode ser conhecimento, pode ser fé, pode ser exemplo, pode ser bondade. **Deus nos dá essa luz para brilhar, para iluminar o caminho dos outros, para servir.**

Mas muita gente coloca a candeia debaixo do alqueire. Esconde. Por quê? Por vários motivos: medo de crítica, medo de se destacar, medo de responsabilidade, medo de perder a paz.

— Mas Pai Jacó — perguntei — não tem gente que se exibe, que quer aparecer?

— Ah, tem. Mas isso não é candeia. Isso é vaidade. A verdadeira luz não quer aparecer, só quer iluminar. A vaidade quer aparecer, quer ser vista. São coisas diferentes.

Deixe-me explicar: se você faz o bem e quer que todos saibam o bem que você faz, isso é vaidade. Mas se você faz o bem e deixa o bem falar por si, isso é a candeia.

Se você tem conhecimento e só usa para dominar outros, para parecer superior, isso é vaidade. Mas se você tem conhecimento e compartilha para libertar outros, isso é a candeia.

Pai Jacó continuou:

— O Espiritismo explica que cada um de nós tem uma missão. Uns nascem para ser médicos, outros para ser educadores, outros para consolar, outros para exemplificar. Nenhuma missão é maior ou menor. Todas são importantes.

E a missão só funciona se você deixa a candeia brilhar. Se você é educador e fica quieto, como os alunos vão aprender? Se você é um exemplo de pessoa boa e esconde, como os outros vão ter um modelo de bondade?

Não é para se exibir. É para deixar sua luz servir. Deixar seu conhecimento ajudar. Deixar seu exemplo inspirar.

E tem mais: quem esconde a luz por medo de crítica, está desperdiçando oportunidade. Porque sempre vai ter gente que critica, que não compreende, que tem inveja. Mas sempre vai ter gente que se beneficia, que aprende, que se inspira.

A História da Luz Escondida

Pai Jacó se recostou:

— Vou te contar sobre uma mulher chamada Beatriz. Ela tinha um dom especial: conseguia lidar com crianças difíceis como ninguém. Crianças com problemas, abandonadas, agressivas - ela conseguia êxito.

Tinha uma técnica própria, um carinho especial, uma paciência extraordinária. As crianças a amavam e mudavam ao seu redor.

Mas Beatriz mantinha tudo em segredo. Só trabalhava em casa, com crianças da família ou próximas. Quando alguém sugeria que ela criasse uma instituição, que ajudasse mais crianças, ela recusava.

Por quê? Tinha medo. Medo de fracassar, medo de que alguém criticasse seu trabalho, medo da responsabilidade. Então guardava seu dom só para si.

Pai Jacó continuou:

— Um dia, um professor de uma escola de crianças especiais a encontrou. Viu como uma criança muito problemática mudava ao receber a atenção de Beatriz. E pediu: "*Beatriz, por favor, venha trabalhar na nossa escola. A gente precisa de você*".

Beatriz recusou de novo. Achava que suas técnicas eram só para contextos pequenos, informais. Que em uma instituição não funcionaria.

Mas o professor insistiu. E conversou com Beatriz sobre responsabilidade. Sobre o quanto ela estava desperdiçando, escondendo seu dom.

Beatriz pensou. E finalmente aceitou. Começou a trabalhar na escola, ensinando outras pessoas sua técnica, sua abordagem.

O resultado? Dezenas de crianças foram ajudadas com a nova atitude de Beatriz.

E mais: Beatriz se descobriu. Descobriu que era feliz fazendo aquilo em larga escala. Que o medo que tinha era infundado. Que sua luz, quando ficava a brilhar, não trazia destruição - trazia transformação.

Pai Jacó me olhou:

— Sabe quanto de bem foi perdido porque Beatriz escondeu sua candeia? Sabe quantas crianças teriam sido ajudadas? Felizmente ela acordou. Mas quantas Beatriz por aí permanecem dormindo, com sua luz escondida?

Para Refletir

Pai Jacó ficou observando a luz que iluminava a varanda:

— Meu filho, qual é sua candeia? O que você tem que pode iluminar?

Pode ser um dom, uma habilidade, um conhecimento, uma experiência. Algo que você tem e os outros não têm.

Você está escondendo? Por quê? Medo de crítica? Medo de se destacar? Medo de não conseguir?

Não esconda. O mundo precisa de sua luz. Pode ser que alguns a critiquem, é verdade. Mas outros se beneficiarão enormemente.

E não é para você se exibir, não é para parecer melhor que os outros. É para deixar sua contribuição ser útil. É para fazer sua parte no plano de Deus. Coloque a candeia no candeeiro. Deixe brilhar. Para que todos que estão na escuridão possam enxergar o caminho.

Os ensinamentos do velho amigo me acompanharam no transcurso para casa, pela noite escura.

Sabia que precisava acender minha luz, iluminando minha escuridão interior.

CAPÍTULO 25
Buscai e Achareis

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã de domingo. Ele estava na varanda, cercado de livros abertos - o Evangelho, outros livros de Kardec, cadernos com anotações.

— Estudando? — perguntei.

— Sempre — respondeu ele, sorrindo. — A gente nunca sabe tudo. Quanto mais estudo, mais vejo que tenho a aprender.

Guardou os livros cuidadosamente e disse:

— Aliás, esse é justamente o tema de hoje: buscar o conhecimento.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus disse: "*Buscai e achareis*". Ele estava falando de buscar a verdade, buscar o conhecimento, buscar a compreensão. Não ficar parado na ignorância, mas procurar saber, procurar entender.

Muita gente acha que fé e conhecimento são opostos. Que para ter fé é preciso não questionar, não estudar, só acreditar. Mas não é isso. **A fé verdadeira não tem medo do conhecimento. Pelo contrário: busca conhecimento.**

Porque quanto mais você conhece, mais sua fé se fortalece. Não a fé cega, mas a fé raciocinada, a fé consciente, a fé que compreende.

— Mas Pai Jacó — perguntei — nem todo mundo tem capacidade para estudar muito, para entender coisas profundas.

— Ah, meu filho, buscar não é só para os intelectuais. Cada um busca conforme sua capacidade. Um pode ler livros complexos. Outro pode ler livros simples. Outro pode não saber ler, mas pode ouvir, pode perguntar, pode observar, pode pensar.

O importante é não ficar parado. É ter curiosidade. É querer entender melhor. É não se conformar com respostas prontas que não fazem sentido.

Buscar é perguntar: "*Por quê*?". Buscar é questionar: "*Será que é assim mesmo?*". Buscar é investigar: "*Me deixa ver isso melhor*".

Pai Jacó continuou:

— O Espiritismo é todo baseado nisso: buscar. Kardec não aceitou nada sem investigar. **Ele perguntou, comparou, testou, estudou**. E construiu a Doutrina através da busca sincera pela verdade.

E o Espiritismo convida todo mundo a fazer o mesmo. Não aceite nada cegamente. Estude. Questione. Compare. Pense. Use a inteligência que Deus te deu.

Se algo não faz sentido, não aceite só porque alguém importante disse. Busque entender. Pode ser que você não entenda agora, mas continua buscando. Um dia você entende.

E se você descobre que **algo está errado, mesmo que esteja nos livros**, mesmo que seja tradição antiga, **você tem o direito - e o dever - de rejeitar.** Porque a verdade não tem medo de ser questionada.

— E se alguém não encontrar? — perguntei. — Se buscar e não achar?

— Ah, meu filho, se você busca de verdade, com sinceridade, você sempre acha. Pode não achar hoje, pode não achar do jeito que esperava. Mas acha.

Porque a verdade está aí, disponível para quem busca. Pode estar num livro, pode estar numa conversa, pode estar numa experiência de vida. Mas está aí.

O problema é quem não busca. Quem fica na ignorância por preguiça, por medo, por conformismo. Esse não acha porque não busca.

Jesus foi claro: buscai. **É verbo de ação**. Não é esperar que a verdade caia do céu. É ir atrás dela. Com humildade, mas com determinação.

A História do Homem que Tinha Medo de Ler

Pai Jacó ajeitou-se na cadeira e começou:

— Vou te contar sobre um homem que eu conheci, seu Lázaro. Ele tinha medo de estudar o Espiritismo.

Seu Lázaro frequentava o centro há anos. Ia às reuniões, ouvia as palestras, recebia passe. Mas nunca abriu um livro espírita. Nunca.

Um dia eu perguntei: "*Seu Lázaro, por que o senhor não lê os livros*? Vai te ajudar a entender melhor".

Ele respondeu: "*Tenho medo, Pai Jacó*".

— Medo de quê?

— Medo de ler algo que abale minha fé. Medo de descobrir contradições. Medo de me confundir. É melhor não mexer, não é? Fico com o que sei e pronto.

Tentei explicar que o conhecimento não abala a fé verdadeira, só fortalece. Mas ele não quis saber. Ficou anos assim, na ignorância confortável.

Até que um dia, ele passou por uma provação dura. Perdeu um filho num acidente. E todas aquelas respostas superficiais que ele tinha não bastavam mais. Ele tinha perguntas profundas, dores profundas. E não tinha conhecimento para encontrar conforto.

Veio me procurar desesperado: "*Pai Jacó, por que Deus deixou isso acontecer? Onde está meu filho? Vou vê-lo de novo? Por que tanto sofrimento?*"

Eu disse: "*Seu Lázaro, as respostas estão nos livros que o senhor tem medo de ler. Está em 'O Céu e o Inferno', em 'O Livro dos Espíritos', no 'Evangelho Segundo o Espiritismo'. Mas eu posso te emprestar, te explicar*".

Ele finalmente aceitou. Começou a ler. Devagar, com dificuldade, mas leu. E foi encontrando respostas. Foi entendendo. E foi se consolando.

Pai Jacó continuou:

— Depois de alguns meses, ele me disse: "*Pai Jacó, eu perdi tanto tempo com medo de buscar. Achei que o conhecimento ia enfraquecer minha fé, mas fortaleceu. Achei que ia me confundir, mas me esclareceu. Achei que ia sofrer mais, mas me consolou*".

"*Por que eu não busquei antes? Quantas dúvidas eu carreguei inutilmente. Quantas angústias eu poderia ter evitado se tivesse buscado o conhecimento*."

Seu Lázaro se tornou um estudioso. Lia, anotava, perguntava, discutia. E quanto mais estudava, mais sua fé crescia. Não a fé cega, mas a fé consciente. Fé que compreendia.

E quando ele desencarnou, anos depois, estava preparado. Porque tinha buscado. Tinha achado. Tinha se armado com conhecimento.

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? **Não tenha medo de buscar.** Não fique na ignorância confortável. Pode ser mais fácil não questionar, não estudar, não pensar. Mas é mais perigoso.

Porque quando vierem as provas - e elas vêm - você vai precisar de respostas sólidas. Vai precisar de compreensão profunda. E se você não buscou antes, vai sofrer muito mais.

Buscai e achareis. Jesus não estava sugerindo. Estava aconselhando. Porque Ele sabia que o conhecimento liberta. Que a verdade fortalece. Que a compreensão consola.

Para Refletir

Pai Jacó olhou para os livros na mesa:

— Meu filho, você busca? Ou está acomodado no que já sabe?

Quando foi a última vez que você leu um livro espiritualista? Quando foi a última vez que você questionou algo que não entendeu? Quando foi a última vez que você estudou, pensou, refletiu profundamente sobre as questões da vida?

Se faz tempo, você está parado. E quem para, não cresce. Quem não busca, não acha. Quem não estuda, não aprende.

Não precisa ser erudito. Não precisa virar doutor em Espiritismo. Mas precisa buscar. Ler um pouquinho todo dia. Pensar um pouquinho. Questionar um pouquinho.

E não tenha medo. Medo de que? Se for verdade, vai se confirmar. Se não for verdade, melhor descobrir logo. A verdade não tem medo de investigação. Só a mentira tem.

Busque com sinceridade. Não para destruir sua fé, mas para fortalecê-la. Não para criar dúvidas, mas para respondê-las. Não para se afastar de Deus, mas para se aproximar.

E você vai achar. Jesus prometeu: buscai e achareis. Não "*talvez achareis*". Não "*alguns acharão*". Todos que buscam, acham. Porque a verdade está aí, esperando por quem tem coragem de procurá-la.

Então busque. Hoje mesmo. Pegue um livro. Faça uma pergunta. Reflita sobre um ensinamento. Dê o primeiro passo na busca.

Porque quem busca, acha. E quem acha, se liberta. E quem se liberta, evolui.

E evolução é o objetivo de todos nós.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, ele me emprestou um livro: "*O Livro dos Espíritos*".

— Leia com atenção — disse ele. — Não tenha pressa. Reflita sobre cada questão. E se tiver dúvidas, me procure. Mas busque. Sempre busque.

Levei o livro para casa. Naquela noite, comecei a ler. E descobri que tinha muito, muito que aprender.

Mas não fiquei desanimado. Fiquei entusiasmado. Porque cada página respondia uma dúvida. Cada questão abria novas perspectivas. Cada ensinamento fortalecia minha compreensão.

Eu estava buscando. E estava achando.

Como Jesus prometeu. Como sempre acontece.

Buscai e achareis. Não é promessa vaga. É lei. Quem busca com sinceridade, acha com certeza.

E eu quero achar. Quero conhecer. Quero entender.

Então vou buscar. Hoje, amanhã, sempre.

Porque a busca pelo conhecimento não termina nunca. E cada descoberta é um passo na evolução.

Buscar é crescer. E eu quero crescer.

Começando agora.

CAPÍTULO 26
Dai Gratuitamente o Que Gratuitamente Recebestes

Cheguei à casa de Pai Jacó numa manhã de sábado. Ele estava conversando com uma senhora na varanda. Quando ela saiu, perguntei:

— Quem era?

— Dona Isaura — respondeu ele. — Ela estava com um problema e veio pedir conselho. Conversamos um pouco, ela se sentiu melhor.

— Você cobrou alguma coisa? — perguntei, já sabendo a resposta.

Ele riu.

— Cobrar? Por quê? Eu recebo ajuda espiritual de graça, passo adiante de graça. Aliás, é justamente sobre isso que vamos falar hoje.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus disse aos discípulos: "*Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expeli os demônios; de graça recebestes, de graça dai*".

É um mandamento claro. Tudo que você recebe espiritualmente - conhecimento, dons, capacidades, orientação - você recebeu de graça. Deus não te cobrou. Os espíritos não te cobraram. Então você não pode cobrar quando passar adiante.

— Mas Pai Jacó — perguntei — e quem vive disso? O médium que trabalha o dia todo, o dirigente que dedica seu tempo?

— Ah, meu filho, tem diferença entre cobrar pelos dons espirituais e receber ajuda para sobreviver. Vou te explicar.

Você não pode cobrar pela mensagem espiritual, pela cura mediúnica, pelo passe, pela consulta espiritual. Isso é dom de Deus, não é produto seu. Você é apenas o canal, o instrumento. Cobrar por isso é mercadejar com coisas sagradas.

Mas você pode receber ajuda material para suas necessidades. Se você dedica tempo ao trabalho espiritual e precisa sobreviver, é justo que a casa espírita ou as pessoas ajudem. Mas isso é diferente. É ajuda espontânea, não preço fixo. É para a necessidade, não para o luxo.

Jesus e os apóstolos viviam assim. Não cobravam nada, mas aceitavam ajuda. Paulo trabalhava fazendo tendas para se sustentar. Alguns discípulos eram sustentados por colaboradores. Mas nunca cobraram pela mensagem, nunca venderam a cura, nunca fizeram comércio da fé.

Pai Jacó continuou:

— O problema começa quando a pessoa vê nos dons espirituais uma oportunidade de enriquecer. "*Cobro tanto pela consulta mediúnica*". "*Cobro tanto pelo passe especial*". "*Cobro tanto pela revelação*". Isso não é de Deus. Isso é exploração.

E tem outro problema: quando você cobra, você cria compromisso errado. Você passa a dar ao cliente o que ele quer ouvir, não o que ele precisa ouvir. Porque você quer que ele volte, que ele pague de novo. A verdade fica em segundo plano.

Além disso, quando você cobra, você exclui os pobres. E Jesus veio para todos, especialmente para os pobres. Como um pobre vai pagar consulta cara? Como vai ter acesso ao conforto espiritual se tudo é cobrado?

O Espiritismo é muito claro nisso: gratuidade. Allan Kardec foi categórico. **Médium que cobra não é médium do bem**. Casa espírita que vende práticas espirituais não é casa séria. O trabalho espiritual tem que ser gratuito, sempre.

— E quem doa para a casa espírita? — perguntei.

— Isso é diferente, meu filho. A casa espírita tem despesas: luz, água, manutenção, livros. É justo que quem frequenta contribua para essas despesas. Mas contribuição voluntária, não obrigatória. Doação espontânea, não cobrança fixa.

Ninguém deve ser impedido de entrar ou receber ajuda por não poder contribuir. A casa espírita serve a todos, ricos e pobres. E os que podem doar, doam para manter a casa funcionando. Mas não é negócio, é cooperação.

A História do Médium que Cobrava

Pai Jacó suspirou antes de começar:

— Vou te contar sobre um caso triste que aconteceu aqui na região, há muitos anos. Tinha um médium, vou chamá-lo de Salomão.

Salomão tinha realmente mediunidade. Recebia mensagens, fazia psicografia, tinha clarividência. No começo, ele trabalhava no centro espírita, sem cobrar nada. Ajudava muita gente.

Mas com o tempo, ele começou a ficar conhecido. As pessoas vinham de longe para consultar com ele. E algumas pessoas ricas começaram a oferecer dinheiro, agradecendo pela ajuda.

No começo, Salomão recusava. Mas depois começou a aceitar "*só para ajudar nas despesas*". Depois começou a aceitar como "*ajuda para ele, que dedicava tanto tempo*". E depois começou a estabelecer preços.

"*Consulta particular: tanto. Mensagem psicografada: tanto. Orientação espiritual: tanto*".

Salomão deixou o centro espírita e montou seu "*consultório espiritual*". E começou a ganhar dinheiro. Muito dinheiro. Comprou casa grande, carro novo, vivia bem.

E continuava recebendo mensagens, fazendo psicografias. As pessoas continuavam procurando ele. Mas algo tinha mudado.

Pai Jacó continuou:

— Um dia, uma mulher pobre procurou Salomão. Ela estava desesperada. Tinha perdido um filho e queria muito uma mensagem dele. Juntou um dinheirinho e foi lá.

Pagou o que Salomão cobrava. E ele psicografou uma mensagem linda, consoladora, que dizia tudo que a mulher queria ouvir. Ela saiu feliz, reconfortada.

Mas era mentira. A mensagem não era do filho dela. Salomão tinha inventado. Porque ele sabia que se dissesse a verdade - que o espírito do filho não tinha se manifestado - a mulher ia ficar decepcionada, ia querer o dinheiro de volta, ia falar mal dele.

Então ele inventou. Deu à cliente o que ela queria, não o que era verdadeiro. Porque agora era negócio, não era missão.

Com o tempo, Salomão foi perdendo a mediunidade verdadeira. Os espíritos benfeitores se afastaram dele. Sobraram só os mistificadores, que diziam o que ele queria para continuar ganhando dinheiro.

Mas ele não percebia, ou não queria perceber. Continuou cobrando, continuou enganando, continuou fazendo comércio.

Até que um dia, foi desmascarado. Alguém gravou as consultas dele e provou que ele estava inventando mensagens. O escândalo foi enorme. Salomão foi denunciado, processado, perdeu tudo.

E perdeu mais que dinheiro. Perdeu a confiança das pessoas, perdeu os dons que tinha recebido, perdeu a paz. Vivia atormentado, porque agora enxergava claramente todo o mal que tinha feito.

Pai Jacó me olhou com tristeza:

— Salomão recebeu de graça. Tinha dons verdadeiros, dados por Deus para ajudar as pessoas. Mas não deu de graça. Vendeu. E perdeu tudo.

Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes. Ele quebrou esse mandamento. E pagou caro. Não como castigo de Deus, mas como consequência natural. Quando você comercializa o sagrado, você o profana. E os espíritos superiores se afastam.

Para Refletir

Pai Jacó ficou em silêncio, depois disse:

— Meu filho, você tem algum dom? Alguma capacidade? Algum conhecimento que pode ajudar as pessoas?

Pode ser mediunidade. Pode ser sabedoria. Pode ser habilidade para ensinar, para consolar, para orientar. Pode ser facilidade para ganhar dinheiro e poder ajudar os outros.

O que você faz com isso? Usa para ajudar ou usa para se beneficiar? Dá de graça ou cobra caro?

Lembra: você recebeu de graça. Sua inteligência? Deus te deu. Sua saúde? Deus te deu. Suas oportunidades? Deus permitiu. Seus dons? Deus concedeu.

Então não é seu. É de Deus em você. E deve ser usado para o bem, gratuitamente.

Isso não significa que você tem que trabalhar de graça em tudo. Seu trabalho secular, sua profissão, você pode e deve cobrar. Mas o que é espiritual, o que é dom de Deus, isso você deve dar de graça.

Se você é médium, não cobre. Se você tem conhecimento espiritual, não venda. Se você pode consolar, não estabeleça preço. Dê de graça o que de graça recebeu.

E se alguém quiser te ajudar materialmente por gratidão, aceite com humildade, se você precisar. Mas não estabeleça preço. Não faça comércio. Não explore a necessidade espiritual das pessoas.

Porque quando você cobra pelo que é de Deus, você não está ganhando. Você está perdendo. Perdendo os dons, perdendo a proteção espiritual, perdendo a paz.

Dai gratuitamente. Sempre. Em todas as circunstâncias. Porque você recebeu gratuitamente. E deve passar adiante do mesmo jeito.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, pensei em Salomão. Em como ele começou bem e terminou mal. Em como os dons se perderam quando foram comercializados.

E pensei em mim. Nos meus próprios dons, pequenos que sejam. No que recebi gratuitamente.

E me comprometi: vou dar gratuitamente. O conhecimento que tenho, vou compartilhar sem cobrar. A ajuda que posso dar, vou dar sem estabelecer preço. O bem que posso fazer, vou fazer sem esperar retorno.

Porque recebi de graça. E o que se recebe de graça, deve ser dado de graça.

É o mandamento de Jesus. E é sabedoria que protege tanto quem a dá quanto quem a recebe.

Gratuitamente. Sempre gratuitamente.

CAPÍTULO 27
Pedi e Obtereis

Cheguei à casa de Pai Jacó numa tarde quente. Ele estava sentado na varanda, com as mãos postas, em silêncio. Esperei respeitosamente. Quando abriu os olhos, sorriu para mim.

— Estava orando — disse ele. — Por um amigo que está passando por dificuldades.

Sentei-me ao seu lado.

— E Deus vai atender? — perguntei.

— Deus sempre atende — respondeu ele. — Mas nem sempre do jeito que a gente espera. Aliás, esse é o tema de hoje.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— Jesus disse: "*Pedi e obtereis, buscai e achareis, batei e se vos abrirá*". Muita gente lê isso e pensa que é simples: peço a Deus o que quero e pronto, Ele dá. Como se Deus fosse um gênio da lâmpada.

Mas não é assim, meu filho. Jesus estava ensinando algo muito mais profundo.

Primeiro: é preciso pedir. Deus respeita nosso livre-arbítrio. Ele não vai fazer tudo por você sem você pedir, sem você querer, sem você participar. A oração é essa participação. É você se abrindo para Deus, reconhecendo que precisa de ajuda.

Segundo: obter não significa receber exatamente o que pediu. Significa receber o que você precisa, não necessariamente o que você quer. E tem uma diferença enorme entre os dois.

Terceiro: buscar e bater são verbos de ação. Não é só pedir e ficar esperando. É pedir e buscar. Orar e agir. Confiar em Deus, mas fazer sua parte.

— Mas Pai Jacó — perguntei — então Deus nem sempre atende as orações?

— Deus sempre atende, meu filho. Mas tem três tipos de resposta: **sim, não e espera**.

Às vezes Ele diz **sim, porque o que você pediu é bom para você e chegou a hora de receber**. Às vezes Ele diz **não, porque o que você pediu não é bom para você**, mesmo que você não entenda isso agora. E às vezes Ele diz **espera, porque o que você pediu é bom**, mas não é a hora ainda.

O problema é que a gente só reconhece como resposta quando é sim. Quando é não ou espera, a gente acha que Deus não ouviu, que não se importa, que a oração não funcionou. Mas não é verdade. Ele ouviu. Ele se importa. Só que Ele sabe melhor que você o que é bom para você.

Pai Jacó continuou:

— E tem outra coisa importante: pelo que você pede? Jesus ensinou: "*Buscai primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e as demais coisas vos serão acrescentadas*".

Se você pede por coisas materiais, por riqueza, por poder, por vingança, Deus pode não atender. Porque essas coisas não te fazem evoluir, às vezes até atrapalham.

Mas se você pede por força para suportar provas, por sabedoria para entender, por amor para perdoar, por paciência para persistir, Deus sempre atende. Porque esses pedidos estão alinhados com sua evolução espiritual.

O Espiritismo ensina que a oração tem poder real. Não um poder mágico, mas um poder de conexão. Quando você ora, você se conecta com o plano espiritual, você atrai fluidos bons, você recebe ajuda de espíritos superiores. E mais: a oração te transforma. Te acalma, te fortalece, te eleva.

Mas não é automática. Não é mecânica. É uma comunicação de amor entre você e Deus. E como toda comunicação, tem dois lados: você fala, mas também precisa ouvir. Você pede, mas também precisa aceitar a resposta. Quando você silencia, Deus te responde.

A História da Oração que Não Foi Atendida (Mas Foi)

Pai Jacó respirou fundo e começou:

— Vou te contar sobre uma mulher que eu conheci, Dona Terezinha. Ela tinha um filho único, o Paulo, rapaz jovem, cheio de vida.

Paulo queria muito fazer faculdade. Tinha passado no vestibular para engenharia numa cidade grande. Era o sonho dele. Mas a família era pobre, não tinha condições de bancar.

Dona Terezinha começou a orar. Orava todos os dias, várias vezes ao dia. Pedia a Deus que arranjasse um jeito do filho estudar. Pedia com fé, com lágrimas, com devoção.

E ela tinha certeza que Deus ia atender. "*Deus não vai negar um pedido tão justo*", ela pensava. "*É para o bem do meu filho, para o futuro dele*".

Mas passou o tempo, e não aparecia solução. A data de início das aulas se aproximava. Dona Terezinha orava mais ainda. Mas nada.

Chegou a data. Paulo não pôde ir. Perdeu a vaga. Ficou arrasado. E dona Terezinha ficou revoltada com Deus.

— Por que Deus não me atendeu? — ela me perguntou, chorando. — Pedi com tanta fé! Era um pedido tão justo! Deus não se importa?

Eu disse a ela: "*Dona Terezinha, talvez Deus tenha atendido de um jeito que a senhora ainda não entendeu. Tenha paciência. Confie*".

Ela não gostou da resposta. Achou que eu estava defendendo Deus. Mas continuou vindo ao centro, meio decepcionada, mas ainda esperançosa.

Pai Jacó continuou:

— Seis meses depois, a faculdade daquela cidade onde Paulo ia estudar teve um acidente terrível. Um prédio pegou fogo. Vários estudantes morreram. Entre eles, estudantes de engenharia, do mesmo ano que Paulo estaria cursando.

Quando dona Terezinha soube, ela ficou paralisada. Se Paulo tivesse ido, poderia estar entre os mortos. Deus tinha dito não ao pedido dela, mas tinha poupado a vida do filho.

Ela veio me procurar, chorando de novo. Mas agora era choro de gratidão:

— Pai Jacó, Deus me atendeu. Atendeu-me dizendo não. Ele sabia o que eu não sabia. Se meu filho tivesse ido, talvez hoje eu estivesse enterrando ele.

E sabe o que aconteceu? Paulo, que estava trabalhando numa loja, foi notado pelo dono, que gostou do trabalho dele. O homem se ofereceu para pagar os estudos do rapaz, em outra faculdade, em outra cidade. Paulo se formou, se tornou engenheiro, e é bem-sucedido até hoje.

Dona Terezinha me disse depois: "*Deus não atendeu a oração do jeito que eu queria. Atendeu do jeito que eu precisava. E foi muito melhor*".

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Pedi e obtereis. Dona Terezinha pediu. E obteve. Mas não obteve o que pediu. Obteve o que precisava: a proteção do filho e, depois, uma oportunidade melhor ainda.

Deus sempre atende. Mas atende com sabedoria infinita, não com a sabedoria limitada da gente. A gente enxerga hoje. Deus enxerga ontem, hoje e amanhã. A gente enxerga a superfície. Deus enxerga as profundezas.

Por isso, quando orar, peça. Mas peça com humildade. Peça "*se for da Tua vontade*". Peça "*se for para o meu bem*". E depois confie. Confie que Deus sabe o que está fazendo.

Para Refletir

Pai Jacó ficou quieto, olhando para o horizonte. Depois disse:

— Meu filho, você ora? E quando ora, pelo que você pede?

Se você pede só por coisas materiais, está perdendo o verdadeiro poder da oração. Porque a oração serve para te conectar com Deus, para te transformar, para te dar força espiritual.

Peça por paz. Por paciência. Por sabedoria. Por amor. Por força para suportar. Por luz para entender. Por oportunidade de servir.

E quando Deus te responder com um não, não se revolte. Confie. Ele está vendo algo que você não está vendo. Ele está te protegendo de algo que você não sabe.

E quando Ele responder espera, não desista. Continue orando, continue buscando, continue batendo. A hora certa vai chegar.

Pedi e obtereis. Isso é promessa de Jesus. Mas obter não é necessariamente receber o que você quer. É receber o que você precisa. E o que você precisa é sempre melhor que o que você quer.

Ore com fé. Mas ore também com humildade. Coloque suas necessidades nas mãos de Deus. Mas aceite que a vontade Dele é superior à sua. E confie. Sempre confie.

Porque Deus nunca erra. Nunca se atrasa. Nunca falha. Ele sabe o momento certo, a forma certa, a resposta certa.

E quando você olhar para trás, no futuro, vai entender. Vai ver que aquela espera foi preparação. Que aquilo sim. foi bênção.

Pedi e obtereis. Sempre. Mas no tempo de Deus, não no seu. Do jeito de Deus, não do seu. Para o seu bem, não para a sua vontade.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, pensei em todas as orações que fiz e que "não foram atendidas". Ou melhor, que foram atendidas com um não ou uma espera.

E me perguntei: quantas vezes Deus me protegeu dizendo não? Quantas vezes Ele me preparou dizendo espera? Quantas vezes o que eu achei que era rejeição era na verdade proteção?

Decidi que vou continuar orando. Mas agora com mais humildade. Com mais confiança. Sabendo que Deus sempre atende, mas do jeito Dele.

Porque Ele sabe melhor que eu o que é bom para mim.

Pedi e obtereis. Eu peço. E confio que Ele me dará o que eu preciso, quando eu precisar, do jeito que eu precisar.

Mesmo que não seja o que eu quero. Porque o que Deus quer para mim é sempre melhor que o que eu mesmo quero.

Sempre.

CAPÍTULO 28
Instruções dos Espíritos sobre as Preces

Cheguei à casa de Pai Jacó no final de uma tarde tranquila. Ele estava na varanda, com um livro velho nas mãos - era "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*", já bastante usado.

— Estava relendo o capítulo sobre as preces — disse ele, mostrando o livro. — Nunca me canso dessas instruções dos espíritos. São tão sábias, tão práticas.

Sentou-se mais confortavelmente e começou:

— Hoje vamos falar justamente sobre isso: como orar de verdade.

Pai Jacó Explica

Pai Jacó começou:

— No "*Evangelho Segundo o Espiritismo*", tem um capítulo inteiro dedicado à prece. E nele, os espíritos superiores dão instruções preciosas sobre como orar, quando orar, pelo que orar.

A primeira coisa que eles ensinam é que a prece não é mágica. **Não é fórmula decorada que você repete sem pensar.** Não éa quantidade de palavras. É a qualidade de sentimento.

Você pode rezar um Pai Nosso com o coração, e vale mais do que cem Pai Nossos decorados sem sentimento. Você pode fazer uma prece curtinha, com suas próprias palavras, e tocar o céu. Ou pode recitar preces longas, bonitas, e não chegar a lugar nenhum.

O que importa não é o que você fala. É o que você sente.

— E como deve ser uma boa prece? — perguntei.

— Os espíritos ensinam várias coisas, meu filho. Deixa eu te contar algumas:

Primeira: ore com humildade. Não como quem exige, mas como quem pede. Não como quem tem direito, mas como quem reconhece sua pequenez diante de Deus.

Segunda: ore com confiança. Não duvide que Deus te ouve. Ele sempre ouve. Pode não responder como você quer, mas ouve sempre.

Terceira: ore com o coração. Não com a boca só, não com palavras decoradas. Fale com Deus como um filho fala com o pai. Simples, sincero, verdadeiro.

Quarta: ore não só pedindo, mas agradecendo. Agradeça pelas bênçãos recebidas, pelas provas superadas, pelas lições aprendidas. Gratidão é das mais belas preces.

Quinta: ore pelos outros, não só por você. Oração egoísta tem pouco poder. Mas quando você ora pelos outros, quando intercede, você multiplica o bem.

Pai Jacó continuou:

— E os espíritos dizem mais: ore em qualquer lugar, em qualquer hora. Não precisa estar na igreja, não precisa estar de joelhos, não precisa de postura especial. Pode orar trabalhando, caminhando, deitado. O que importa é a sinceridade.

E ore sempre. Não só quando precisa, não só quando está em aperto. Ore na alegria e na tristeza. Na saúde e na doença. No sucesso e no fracasso. Mantenha essa ligação constante com Deus.

O Espiritismo ensina que a prece tem três efeitos principais:

Primeiro: ela te transforma. Te acalma, te fortalece, te eleva. É remédio para a alma.

Segundo: ela atrai fluidos bons e espíritos superiores. Você fica protegido, amparado, guiado.

Terceiro: ela pode ajudar outros. Suas preces pelos outros enviam fluidos bons, energias de cura, vibrações de amor. Você pode ajudar à distância, só com a prece sincera.

Mas atenção: prece sem ação é incompleta. Não adianta orar pelo doente e não ir visitá-lo. Não adianta orar pelo pobre e não ajudá-lo. Não adianta orar pedindo força e ficar parado. Oração verdadeira leva à ação.

A História da Prece da Lavadeira

Pai Jacó fechou o livro e começou:

— Vou te contar uma história que ouvi há muitos anos, sobre uma lavadeira chamada Benedita.

Dona Benedita era uma mulher muito simples. Mal sabia ler. Não conhecia preces decoradas, não sabia rezar o terço, não conhecia orações bonitas. Mas ela orava.

Orava do jeito dela. Enquanto lavava roupa no rio, ela conversava com Deus. "*Senhor, obrigada por esse sol que seca a roupa. Senhor, ajuda a dona Maria que está doente. Senhor, protege meus filhos que foram trabalhar longe*."

Eram preces simples, conversas mesmo. Mas vinham do coração.

Numa cidadezinha perto dali, morava uma beata, dona Epifânia. Ela sabia todas as preces decoradas. Rezava o terço completo todos os

dias. Ia à igreja duas vezes por dia. Conhecia todas as novenas, todos os rituais.

Mas suas preces eram mecânicas. Ela repetia as palavras sem sentir. Estava sempre com pressa de terminar, contando as contas do terço, preocupada em não errar a ordem. Rezava muito, mas sentia pouco.

Um dia, as duas morreram. Dona Benedita num acidente no rio. Dona Epifânia de velhice.

Pai Jacó continuou:

— Depois, através da mediunidade, soubemos um pouco da situação de cada uma.

Dona Epifânia estava numa situação difícil no plano espiritual. Ela se achava muito religiosa, muito merecedora de boas condições. Mas estava sozinha, desorientada. As preces que ela tinha feito na Terra não a tinham preparado para nada. Eram vazias, mecânicas. Não tinham criado conexão real com Deus.

Já dona Benedita estava numa condição muito boa. Simples como sempre foi, mas rodeada de amor, de luz. As preces dela, simples e sinceras, tinham criado vínculos fortes com o plano espiritual. Ela era conhecida lá como "*a lavadeira que conversava com Deus*".

Um espírito mentor explicou: "*Dona Epifânia rezou muito, mas orou pouco. Dona Benedita não sabia rezar, mas orava sempre. A diferença está no coração.*"

Pai Jacó me olhou:

— Vê, meu filho? Não é a quantidade de palavras. Não é a beleza da reza. Não é saber de cor as orações oficiais. É o coração sincero, é o sentimento verdadeiro, é a conexão real com Deus.

Dona Benedita não sabia o Pai Nosso completo. Mas falava com o Pai todos os dias, de coração aberto. E isso vale mais que mil Pai Nossos decorados.

Os espíritos instruem: ore com o coração. **Porque Deus não ouve suas palavras. Deus ouve seu coração.** E o coração não precisa de palavras bonitas. Precisa ser sincero.

Para Refletir

Pai Jacó pegou o livro de novo e folheou até encontrar uma passagem:

— Aqui, meu filho, tem uma instrução dos espíritos que eu acho muito bonita. Eles dizem: "*A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nEle; é aproximar-se dEle; é pôr-se em comunicação com Ele.*"

Isso é oração verdadeira. Não é ritual, não é obrigação. É comunicação. É você se aproximando de Deus, abrindo seu coração, conversando como um filho conversa com o pai.

Então me diz: você ora ou você reza? Você conversa com Deus ou repete fórmulas? Você sente o que fala ou só repete o que decorou?

Não estou dizendo que preces decoradas são ruins. O Pai Nosso é lindo. A Ave Maria é linda. Mas se você as diz sem sentir, sem pensar no que está falando, elas não têm poder.

Melhor uma oração curta, com suas próprias palavras, mas cheia de sentimento. Melhor um "Deus, me ajuda" sincero do que uma oração de meia hora decorada.

E ore sempre. Não só na igreja, não só em momentos especiais. Ore no trabalho, ore no trânsito, ore em casa. Mantenha essa conversa constante com Deus.

Agradeça mais do que pede. Porque você tem muito mais bênçãos do que problemas, só não percebe. Cada dia que você acorda é bênção. Cada refeição é bênção. Cada pessoa que te ama é bênção. Agradeça.

E ore pelos outros. Pelos doentes, pelos aflitos, pelos perdidos, pelos inimigos até. Porque quando você ora pelos outros, você se torna canal de bênção. E o bem que você deseja para eles volta para você multiplicado.

A prece é poderosa, meu filho. Mas não por mágica. Por conexão. Por transformação. Por amor.

Ore com o coração. E sua prece chegará ao céu. Sempre chega. E sempre é ouvida.

Quando me despedi de Pai Jacó naquele dia, ele me entregou um papel onde tinha escrito uma prece simples:

"*Deus, obrigado por este dia. Obrigado pelas pessoas que amo. Obrigado pelas lições, mesmo as difíceis. Ajude-me a ser melhor. Dê-me forças para fazer o que é certo. E proteja quem eu amo. Amém.*"

— Esta é a prece que faço todo dia — disse ele. — Simples, mas sincera. Use-a se quiser. Ou faça a sua própria. O importante não são as palavras. É o coração.

Guardei o papel. Mas guardei mais ainda a lição: **ore com o coração**.

Desde aquele dia, minhas preces mudaram. Não são mais longas e decoradas. São curtas e sinceras. São conversas com Deus. E sinto a diferença. Sinto que estou realmente conversando, não recitando. Sinto que estou conectado, não apenas cumprindo ritual.

Ore com o coração. Essa é a instrução dos espíritos. Essa é a prece que chega ao céu.

E essa é a prece que transforma você.

Palavras Finais de Pai Jacó

Quando me preparava para sair daquela última visita, Pai Jacó segurou minha mão:

— Você vai escrever tudo isso? — perguntou.

— Vou tentar — respondi. — Espero fazer justiça aos seus ensinamentos.

— Não são meus ensinamentos — disse ele, sorrindo. — São de Jesus, explicados por Kardec, vividos por tantos, e passados adiante por mim. Eu sou apenas mais um na corrente.

Ele olhou para o horizonte, pensativo:

— Sabe o que eu espero? Que quem ler este livro não fique só sabendo. Que pratique. Que viva. Que transforme conhecimento em ação, teoria em vida.

Porque não adianta nada saber tudo sobre o Evangelho se não viver nada do Evangelho. Não adianta conhecer a Doutrina toda se não praticar a caridade. Não adianta estudar anos se não mudar um pouquinho.

O importante não é saber. É ser. É tornar-se melhor. É crescer. É amar mais.

Ele continuou:

— Escolha um ensinamento de cada capítulo e coloque em prática. Um de cada vez. Devagar, mas firme. E quando você terminar de aplicar todos, comece de novo. Porque a gente nunca aplica perfeitamente. Sempre tem o que melhorar.

O Evangelho não é para ser admirado. É para ser vivido. E a vida no meio espírita não é para ser estudada. É para ser praticada.

Pai Jacó me abraçou:

— Vá com Deus, meu filho. E lembre-se: o importante não é o livro que você vai escrever. É a vida que você vai viver. Seja você mesmo um evangelho vivo. Seja você mesmo a mensagem.

Olhei para trás ao sair e vi Pai Jacó ainda na varanda, observando o céu já estrelado. Um homem simples, sem diplomas, sem títulos. Mas um sábio verdadeiro. Porque vivia o que ensinava.

E entendi que esse era o convite final: não ser admirador de ensinamentos, mas praticante deles. Não aplaudir as palavras, mas vivê-las. Não apenas ler este livro, mas transformar-se através dele.

Porque é assim que o Evangelho se espalha. Não em páginas, mas em vidas. Não em palavras, mas em ações. Não em teorias, mas em amor.

Que este livro seja apenas o começo. O começo da sua jornada de transformação. O começo da sua vida evangélica. O começo do seu crescimento espiritual.

A corrente não pode parar. E você é um elo dela.

Bem-aventurados os que veem. Que você seja um deles.

Glossário Explicado por Pai Jacó

"Muita gente se assusta com os termos espíritas, acha tudo muito complicado. Mas não é. Vou te explicar as palavras principais do jeito mais simples que eu souber. Como se você fosse meu neto que está começando a aprender." — Pai Jacó.

ALLAN KARDEC - Foi o homem que organizou a Doutrina Espírita. Professor francês, muito estudioso, que investigou os fenômenos espíritas com seriedade e escreveu os livros básicos do Espiritismo. Não inventou nada, apenas codificou o que os espíritos ensinaram. Era seu pseudônimo; o nome verdadeiro era Hippolyte Léon Denizard Rivail.

CARIDADE - É amor em ação. Não é só dar dinheiro ou comida. É fazer o bem de todas as formas: ajudar materialmente quem precisa, consolar quem sofre, ensinar quem não sabe, perdoar quem errou, ter paciência com quem é difícil. Como diz o Espiritismo: fora da caridade não há salvação.

CENTRO ESPÍRITA - É o lugar onde os espíritas se reúnem para estudar, orar, praticar a caridade e realizar trabalhos mediúnicos. Não é templo no sentido religioso, é mais uma casa de estudo e trabalho. Deve funcionar gratuitamente, sem cobrar nada.

DESENCARNE - É quando o espírito se separa do corpo físico, o que a gente chama de morte. Mas no Espiritismo a gente prefere dizer desencarne, porque a pessoa não morre - só deixa o corpo e continua viva no mundo espiritual.

ERRATICIDADE - É o período que o espírito passa no mundo espiritual entre uma encarnação e outra. Pode ser curto ou longo, depende do espírito e de suas necessidades. É tempo de descanso, aprendizado e preparo para a próxima vida.

ESPÍRITO - É o ser imortal que somos todos nós. O corpo é temporário, mas o espírito é eterno. Quando estamos vivos na Terra, somos espíritos encarnados. Quando o corpo morre, somos espíritos desencarnados. Mas continuamos sendo a mesma pessoa, com a mesma personalidade, os mesmos sentimentos.

EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - É um dos livros básicos do Espiritismo, escrito por Allan Kardec. Prega os ensinamentos de Jesus no Evangelho e explica com a luz da Doutrina Espírita. É o livro que estamos estudando aqui, capítulo por capítulo.

EXPIAÇÃO - É quando a gente passa por sofrimentos para limpar erros que cometemos, nesta vida ou em vidas passadas. Não é castigo de Deus, é consequência natural dos nossos atos. É como uma dívida que precisa ser paga. Quando a gente aceita com paciência e aprende com ela, a expiação cumpre seu papel e a gente fica livre.

FÉ RACIOCINADA - É a fé que não é cega, que pensa, que questiona, que busca entender. O Espiritismo ensina que a fé verdadeira não tem medo da razão, não tem medo da ciência. A gente pode e deve usar a inteligência para compreender as verdades espirituais.

FLUIDO - É como uma energia sutil que permeia tudo. Tem o fluido universal, que está em todo lugar, e tem os fluidos que os espíritos e as pessoas emanam, que podem ser bons (quando vêm de pensamentos e sentimentos bons) ou ruins (quando vêm de pensamentos e sentimentos ruins). No passe, por exemplo, os fluidos bons são transmitidos.

LIVRE-ARBÍTRIO - É a liberdade que Deus nos deu para escolher. A gente pode escolher fazer o bem ou o mal, seguir um caminho ou outro. Mas atenção: livre-arbítrio não é fazer o que quer sem consequências. A gente é livre para escolher, mas responsável pelas consequências das escolhas.

MEDIUNIDADE - É a capacidade de comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. O médium é a pessoa que tem essa capacidade mais desenvolvida e serve de intermediário. Mas todo mundo tem um pouquinho de mediunidade. O importante é usar esse dom para o bem, nunca para ganhar dinheiro ou se exibir.

OBSESSÃO - É quando um espírito inferior exerce influência negativa sobre uma pessoa. Pode ser leve (só uns pensamentos ruins) ou grave (quando o espírito domina quase totalmente). A cura vem através da reforma íntima, da oração, do perdão, e também da ajuda ao espírito obsessor, que também está sofrendo.

PASSE - É a transmissão de fluidos bons, de energias positivas, através das mãos do passista. Serve para fortalecer, equilibrar, consolar. O passista é apenas um canal - quem realmente dá o passe são os espíritos bons. Por isso o passe deve ser sempre gratuito.

PERISPÍRITO - É um corpo sutil, semimaterial, que une o espírito ao corpo físico. Quando a gente desencarna, perde o corpo físico mas mantém o perispírito. É através dele que o espírito pode se manifestar, aparecer, se comunicar. É como uma roupa mais fina que o espírito usa.

PRECE (ou ORAÇÃO) - É a conversa com Deus, com Jesus, com os espíritos superiores. Não precisa ser decorada, não precisa ser bonita. Precisa ser sincera, do coração. A prece tem poder de nos fortalecer, de atrair proteção espiritual, e de ajudar outros à distância.

PROVA - É uma dificuldade que a gente enfrenta não por ter feito algo errado, mas para desenvolver qualidades. É como uma prova na escola: serve para você mostrar o que aprendeu e crescer mais. Pode ser doença, pobreza, dificuldades de relacionamento, etc. O importante é enfrentar com paciência e aprender.

REENCARNAÇÃO - É quando o espírito volta a nascer num corpo novo para continuar sua evolução. A gente vive muitas vidas, sempre aprendendo, sempre crescendo. Cada vida é uma oportunidade de

corrigir erros passados e desenvolver virtudes. É a base da justiça divina: todos têm infinitas chances de melhorar.

REFORMA ÍNTIMA - É o trabalho que a gente faz em si mesmo para melhorar. É ir vencendo os defeitos, desenvolvendo as virtudes, transformando o caráter. É o objetivo principal de todo espírita: não só estudar, mas mudar, ser melhor a cada dia.

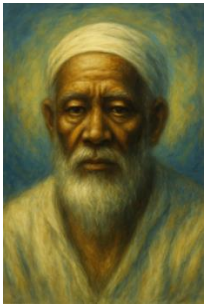
RESSURREIÇÃO - No Espiritismo, a gente entende ressurreição não como o corpo físico voltando à vida, mas como a reencarnação - o espírito voltando à vida terrena num corpo novo. Jesus ressuscitou, sim, mas em corpo espiritual, não no mesmo corpo físico que foi crucificado.

UMBRAL - É uma região do mundo espiritual de muitas trevas e sofrimento, onde ficam espíritos muito atrasados ou muito perturbados. Não é inferno eterno - ninguém fica lá para sempre. É um estado temporário, uma situação de onde a gente pode sair quando se arrepende e busca melhorar.

MUNDO ESPIRITUAL - É a dimensão onde vivem os espíritos desencarnados. Não é um lugar distante no espaço, está aqui mesmo, ao nosso redor, só que em outra frequência vibratória. Tem regiões melhores (para espíritos mais evoluídos) e regiões piores (para espíritos atrasados). É nosso verdadeiro lar, de onde viemos e para onde voltaremos.

"Não se preocupe em decorar essas palavras todas. Com o tempo, você vai se familiarizando. O importante não é saber os termos de cor, é entender as ideias e, principalmente, viver os ensinamentos. Pode ter o vocabulário todo na ponta da língua e não valer nada se não pratica a caridade." — Pai Jacó.

Quem é Pai Jacó



Pai Jacó é uma entidade espiritual venerada como Preto-Velho, conectada às linhas que representam sabedoria, humildade e caridade, especialmente no âmbito da cura física, emocional e espiritual.

Atua na limpeza de energias, equilíbrio da aura e fortalecimento da saúde corporal e espiritual.

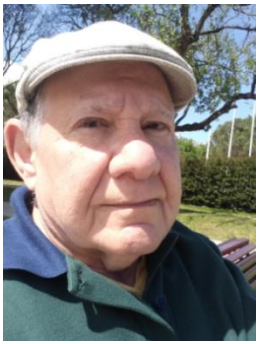
É reconhecido por sua doçura e por transmitir "paz inexplicável" a quem o procura.

Pai Jacó teria nascido em Guiné em 1764, levado escravizado ao Brasil, e cuja humildade e resignação o tornaram um espírito de luz após a morte.

Viveu até os 83 anos, no século XIX, em Minas Gerais.

Também é conhecido como Antônio Silas ou Pae Jacó, e tem papel relevante no resgate de espíritos obsessores, por seu compromisso com a caridade e sua elevada condição espiritual.

O autor



OLIVIO CEZAR RODRIGUES DA SILVA nasceu em 05/01/1953 em Ipaussu, SP. Viveu algumas décadas em Salvador, onde trabalhou como engenheiro mecânico, professor universitário e consultor técnico. Atualmente está aposentado e vive em Portugal.

Trabalhou no movimento espírita por quatro décadas, nas seguintes instituições: Grupo da Fraternidade Leopoldo Machado (Salvador), Centro Espírita Chico Xavier (Salvador), Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (Salvador) e Centro Espírita Caridade e Luz (São Roque - SP) tendo exercido a função de presidente nas três ultimas casas. Atualmente frequenta o Seara de Luz, na cidade de Beiriz, norte de Portugal.

É autor dos livros: *A Era do Cordeiro, Nos Bastidores do Hospital Esperança, Correlações entre a Ciência e o Espiritismo*, *Corpos Sutis e Chacras, Nos Bastidores das Reuniões de Desobsessão*, *Diálogos com Pai Jacó, Encontros com Pai Jacó, Ensinamentos de Pai Jacó, Civilizações Pré e Pós Glaciais e O Enigma do Sudário de Turim*. Co-autor com o médium Arthur Ângelo dos livros: *Os Planos Sutis ao Redor da Terra* e *Um Grito de Loucura*, ditados pelo Espírito Duarte Vilasboas.

Contatos, críticas e sugestões para:

oliviocezarsilva@gmail.com

SINOPSE

Este livro traz informações inéditas do mundo espiritual próximo à Terra, descrevendo comunidades do plano astral, detalhes da vida nas diversas camadas do Umbral e em planetas de planos espirituais próximos ao nosso orbe. Aborda aspectos históricos da origem do homem e das civilizações que já estiveram aqui, oriundas de diversas constelações, que utilizavam tecnologias de transporte avançadas, destacando sempre a Lei do Progresso, que estabelece os processos da evolução dos seres, sejam humanos ou extraterrestres.

Vamos conhecer a vida cotidiana nas cidades de Aruanda, Nosso Lar, Hospital Esperança, Campo Formoso e outras, abordando temas como: localização, alimentação, vestuário, moradia, lazer, trabalho, flora e fauna da região.

Elementais da natureza, entidades sob a forma de zoantropia, ovóides, dragões e magos negros, são alguns dos assuntos abordados ao longo da narrativa, sempre com uma visão abrangente e de vanguarda, revelando a diversidade de seres e planos convivendo de forma intensa.

SINOPSE

Afinal, por onde teria andado Jesus após Sua crucificação e morte até a madrugada da Ressurreição?

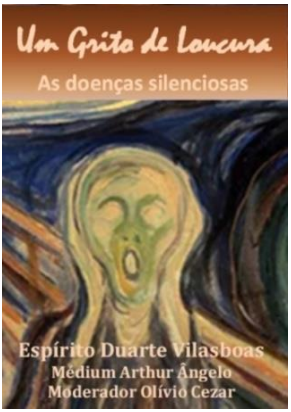
- Em que tipo de corpo Ele aparece aos seus discípulos?

- O que ocorreu com Seu corpo carnal?

- Qual é a síntese de Sua mensagem?

Este livro nos leva a uma imersão na história do Cordeiro, criando um cenário a partir da Sexta-feira da Paixão até o Domingo da Ressurreição, baseando-se nos registros contidos nos Evangelhos Canônicos e no estudo cientifico do Sudário de Turim.

Avançando no tempo, busca também compreender a importância da mediunidade ao longo dos séculos do cristianismo.

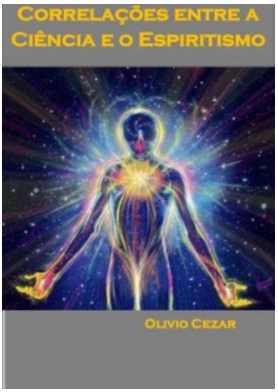


SINOPSE

Um Grito de Loucura - um grito aos loucos. Porque aos loucos? Louco é aquele que decide se distanciar de sua missão. Nosso objetivo nesse livro é abordar essa loucura, na busca da ressignificação da pureza e do amor. Respeitar todas as chagas é entender a dor do outro de forma compassiva, vendo nele nosso semelhante, agregando a essa dor nossa capacidade de empatia para absorver e aceitar suas necessidades. Hoje, o mundo lentamente desperta seu interesse para tratar as chamadas doenças silenciosas. Dentre elas, a ansiedade, a depressão, a esquizofrenia e a loucura, que culminam no suicídio. A missão deste nosso despretensioso trabalho é ajudar as pessoas a reencontrarem o amor - o amor perdido, o amor esquecido...

SINOPSE

No livro "O Abismo" temos a primeiras notícias do Reino dos Dragões, onde vivem seres descomunais e horripilantes, com aspectos disformes que perderam a forma humana, degradados pela permanência no Mal.
Nas Trevas, ainda abaixo do nosso solo material, encontramos o domínio dos Magos Negros, seres iniciados nas diversas religiões da Antiguidade e exímios conhecedores das leis que os regulam.
No Umbral Grosso, que ocupa o mesmo espaço da nossa crosta terrestre, vive a grande maioria dos desencarnados que ainda desconhecem as leis da fraternidade. Subindo para o Umbral Médio, que se estende a partir de 20 km da crosta até cerca de 50 km de altitude, vamos encontrar os postos de socorro.
Através de Chico Xavier, as noções mais detalhadas da rotina das cidades espirituais do Umbral Fino. O livro "Nosso Lar" é referencia desse tipo de colônia. A verdade é que milhares de colônias existem em torno da Terra cada uma em determinada faixa de vibração.
Este livro aborda informações da colônia espiritual Hospital Esperança, apresentando trechos de livros que citam aquela instituição.

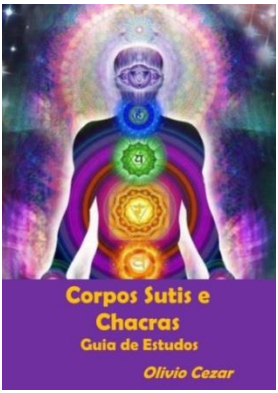


SINOPSE

O método cientifico atual baseia-se na observação e repetição de fatos, tanto os realizados por experimentos como aqueles advindos da Natureza. Mas este método é específico muitas vezes varia para cada determinada área de conhecimento humano. A Ciência ainda precisa medir ou pesar para obter comprovações do fenômeno estudado.

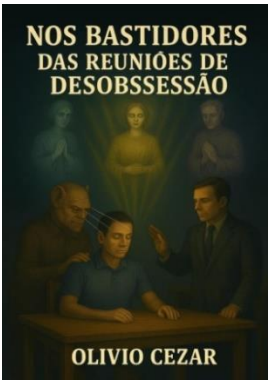
Neste modesto livro, não pretendemos criticar a Ciência materialista ou mesmo os cientistas que a seguem, mas apresentar evidencias de um enorme campo do conhecimento humano sobre os fenômenos chamados de paranormais.

A base será a Doutrina Espírita, que busca esclarecer e libertar a mente humana das prisões que infelizmente as religiões formais a colocaram. Mas também navegaremos pelos conceitos trazidos pela Teosofia e consequentemente as religiões seculares do Oriente. Estudaremos a parapsicologia, a psicotrônica, as experiências de quase morte, a reencarnação, a transcomunicação instrumental, as teorias da origem da vida e muitos outros assuntos, como a mediunidade, a glândula pineal, o registro akáshico, sempre buscando as interpretações da Ciência com uma pitada de Espiritualidade.



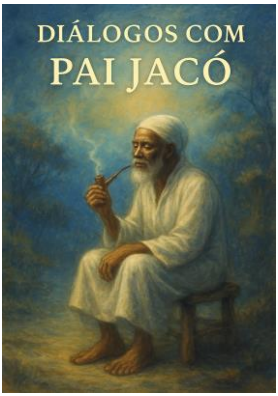
SINOPSE

Somos um complexo de energia em várias frequências, portanto, estamos constantemente trocando energia uns com os outros e também com a Natureza, de forma consciente ou inconsciente.
Nosso corpo energético é semelhante ao Universo. Ele possui milhões de pontos brilhantes. Junto com eles temos vórtices maiores de energia, que se parecem com as galáxias e são vórtices de luz brilhante, girando em alta velocidade. Dentro desses vórtices temos vários outros mini vórtices de luz, que denominamos de chacras.
A Doutrina Espírita traz uma grande contribuição para o assunto, abordando a realidade dos fluidos, a imortalidade da alma e a existência de planos espirituais, nos alertando que somos o que pensamos, interagindo o tempo todo com tudo ao nosso redor.
Esta obra está dividida em três partes principais: corpos sutis, chacras e planos sutis, pois esses assuntos estão interligados e consideramos importante a abordagem dos mesmos para uma melhor compreensão do leitor.



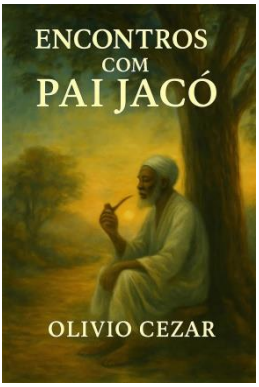
SINOPSE:

A obsessão espiritual é um tema que, ao longo do tempo, tem despertado curiosidade, temor e, muitas vezes, incompreensão. Presente sob diversas formas nas tradições religiosas e culturais da humanidade, é na Doutrina Espírita que encontramos uma explicação clara, racional e profundamente consoladora para suas causas, manifestações e possibilidades de superação.
Reuni aqui uma abordagem didática, equilibrada e vivencial, que integra teoria e prática, buscando oferecer ao leitor não apenas um diagnóstico do problema obsessivo, mas também caminhos de cura, libertação e autoconhecimento. A inclusão de temas mais complexos, como vampirismo espiritual, zoantropia e ovoidização, revela o compromisso de tratar a obsessão com a profundidade e o respeito que ela exige — sempre à luz do Evangelho.
Mais do que um estudo teórico, este livro é um convite à ação consciente e caridosa diante do sofrimento alheio. Ele é direcionado a médiuns, trabalhadores espíritas, estudiosos e a todos que desejam compreender as causas profundas das dores humanas e colaborar com os processos de cura espiritual — os seus e os do próximo.



SINOPSE

Em *Diálogos com Pai Jacó*, o leitor é conduzido por uma jornada simbólica, espiritual e profundamente humana. Através dos encontros com Pai Jacó — espírito sábio na forma de um Preto Velho de elevada hierarquia — o narrador enfrenta suas sombras, dores, perdas e confusões existenciais, sendo guiado com firmeza e amor pelo caminho do autoconhecimento.
Cada capítulo é um mergulho em temas universais como fé, sofrimento, silêncio espiritual, vínculos afetivos, perdão, sonhos, reencarnação e o reencontro com o Eu Maior. Com linguagem simples, poética e acessível, a obra toca o coração sem perder a profundidade filosófica e terapêutica.
Este livro é mais do que leitura — é um chamado. Um chamado à alma que busca sentido, paz e reconexão com sua essência mais verdadeira.
"Alma que não visita sua própria casa, acaba vivendo na dos outros." — Pai Jacó.
Se você sente que chegou a hora de conversar com sua própria luz — e também com suas sombras — este livro será sua companhia de travessia.



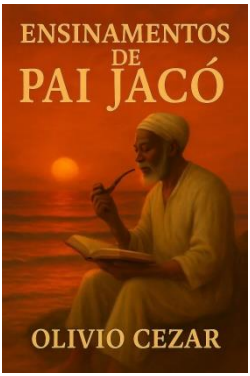
SINOPSE:

Encontros com Pai Jacó é um mergulho profundo na alma humana através de diálogos poéticos e espirituais entre o autor e seu mentor, Pai Jacó — um Preto Velho de sabedoria serena e acolhedora. Em uma linguagem simples, porém carregada de significado, o livro aborda temas delicados como tristeza, solidão, desilusão, culpa, depressão, medo, suicídio, amor-próprio e perdão, oferecendo acolhimento e reflexão para as dores mais íntimas do ser.

Cada capítulo é construído como uma conversa à beira das fronteiras da alma, onde o silêncio, o afeto e a escuta se tornam ferramentas de cura. Com ternura e firmeza, Pai Jacó conduz o leitor por um caminho de autoconhecimento e reconexão espiritual, ensinando que a transformação verdadeira começa no interior e que é possível encontrar luz mesmo nos momentos mais sombrios.

A obra é ao mesmo tempo um livro de autoajuda e espiritualidade, fundamentado na sensibilidade da Doutrina Espírita, mas acessível a todos que buscam sentido, consolo e reconciliação com a própria história. Não há promessas mágicas, mas uma presença constante que afirma: “você não está só”.

Ao final, o convite é claro e amoroso: voltar para casa — esse lugar simbólico onde a alma se sente inteira, amada e em paz. *Encontros com Pai Jacó* é um livro para ler com o coração aberto, e talvez, para encontrar a si mesmo em meio às páginas.

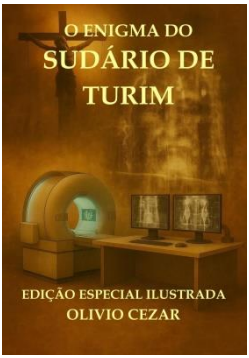


SINOPSE:

Este livro é um convite ao despertar da alma e à escuta da própria essência. Em trinta reflexões curtas e poéticas, o autor percorre os caminhos do silêncio, da dor, da fé, do perdão, do corpo, dos relacionamentos e da ancestralidade para revelar que a verdadeira sabedoria nasce de dentro.
Cada capítulo é uma semente de consciência, plantada com palavras simples, mas profundas, que ressoam como ensinamentos antigos e atemporais. Com linguagem acessível e espiritualidade enraizada na vida cotidiana, o livro mostra que cair faz parte do caminho, que o corpo fala o que a alma cala, e que ouvir os outros — e a si mesmo — pode ser um ato sagrado.
Ensinamentos de Pai Jacó é um manual delicado de crescimento pessoal e espiritual, voltado a quem busca leveza, verdade e presença na jornada da vida.
Uma leitura para tocar o coração e lembrar que o fim nunca é o fim — é só um novo começo.

SINOPSE:

Este livro conduz o leitor a uma viagem através das memórias ocultas da humanidade, explorando as civilizações perdidas que antecederam a nossa era.
Entre mitos, ruínas e símbolos ancestrais, emergem relatos de culturas como Lemúria, Atlântida e Hiperbórea, que teriam florescido antes das grandes glaciações e deixado rastros em tradições espirituais e monumentos inexplicáveis.
Com uma abordagem multidisciplinar, a obra integra História, Arqueologia, Antropologia, Espiritualidade, Ufologia e Teosofia, propondo uma visão onde ciência e mito se encontram.
Mais do que buscar respostas definitivas, abre caminhos para a contemplação e o despertar, revelando que a história da Terra é também a história da consciência.
Ao revisitar os ciclos de ascensão e queda das antigas culturas, o livro sugere que o futuro depende do quanto formos capazes de resgatar da memória esquecida do passado.



SINOPSE:

O Sudário de Turim não é apenas um pedaço de tecido antigo. É um mistério que atravessa séculos, desafiando historiadores, cientistas, teólogos e céticos. Nele, a imagem de um homem crucificado — com marcas de flagelação, coroa de espinhos e ferida de lança — permanece como um testemunho silencioso e inquietante.
Nesta obra, o leitor encontrará uma investigação minuciosa e multidisciplinar, reunindo:
- A jornada histórica da relíquia, desde Jerusalém até Turim;
- As descobertas científicas do projeto STURP, incluindo a natureza de "negativo fotográfico" e as propriedades tridimensionais da imagem;
- O polêmico teste de carbono-14 e as críticas que reacenderam o debate;
- Estudos forenses detalhados, compatíveis com a crucificação romana;
- E uma ousada proposta que une física quântica e espiritualidade, incluindo a teoria da implosão do duplo etérico como explicação para a formação da imagem.
Mais do que apresentar respostas definitivas, O Enigma do Sudário de Turim convida você a refletir sobre os limites entre ciência e fé, entre a morte e a transcendência. Seja cético ou devoto, prepare-se para uma jornada intelectual e espiritual que pode mudar sua visão sobre a história, a humanidade e o divino.

Estes livros estão disponíveis para download gratuito no site do autor:

https://sites.google.com/view/olivio-cezar?usp=sharing

ou em

https://www.academia.edu/

Para aquisição da obra impressa acesse os sites abaixo, pesquise o nome do livro ou do autor na barra de busca e faça sua encomenda.

https://clubedeautores.com.br/

https://www.amazon.com.br